

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP
MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**A CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO JORNALÍSTICA EM
TEXTOS DA SEÇÃO “VEJA ESSA”
DA REVISTA *VEJA***

Suzana Paulino Pinto Delgado de Carvalho

São Paulo
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP
MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**A CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO JORNALÍSTICA EM
TEXTOS DA SEÇÃO “VEJA ESSA”
DA REVISTA VEJA**

Suzana Paulino Pinto Delgado de Carvalho

São Paulo
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP
MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**A CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO JORNALÍSTICA EM
TEXTOS DA SEÇÃO “VEJA ESSA”
DA REVISTA VEJA**

Suzana Paulino Pinto Delgado de Carvalho

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Língua Portuguesa pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob
orientação da Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi
da Silveira.

São Paulo
2009

BANCA EXAMINADORA

.....

.....

.....

À minha querida família, com que Deus pôde me prestigiar:

Ao meu marido que, com todo o companheirismo, me ajuda a lutar contra as paixões que me rondam.

Ao meu pai, que à intelectualidade me guiou, fazendo-me adquirir o gosto pela construção do conhecimento.

À minha mãe, com quem aprendi a ter garra e força para enfrentar as dificuldades da vida.

E ao meu irmão, por, juntos, aprendermos que a família é o alicerce de tudo. E estarmos caminhando no combate contra a ignorância humana e o desprestígio intelectual.

A vocês quatro dedico este trabalho, por me incentivarem a lutar e sempre acreditar.

O conhecimento pode transformar a humanidade, por isso meus agradecimentos àqueles que, cada um a seu modo, ajudaram-me a caminhar rumo à ética.

Meus sinceros agradecimentos a Deus, que generosamente me deu de presente minha família, pois, não fosse ela, nada disso teria sido feito.

Ao Carlos, meu companheiro de tantas aventuras, pela paciência durante todo o caminho que percorri, e pelo apoio e prestígio que sempre deu à minha profissão.

Aos meus pais, Inocêncio e Nair, por me proporcionarem a vida e tantas lições que me ajudam a trilhar o caminho do conhecimento, e a conquistar tantas coisas.

Ao meu irmão, Carlos Joaquim, que sempre me ajuda com seus conselhos promissores, nos caminhos pelos quais eu percorro. .

Aos meus familiares e amigos, que tanto torcem por mim e acreditam em meu trabalho.

A todos os professores com os quais pude aprender e seguir no caminho árduo e humano a favor da ética, em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira, que me acompanhou neste difícil trilhar, com toda a generosidade, paciência e carinho.

Aos meus amigos de trabalho, pelas palavras de consolo e de incentivo.

Aos amigos do mestrado, com quem partilhei momentos de angústia e de muitas alegrias.

À banca examinadora, pelas contribuições úteis e necessárias.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP.

Enfim, a todos, o meu agradecimento pela paciência.

A construção da opinião jornalística em textos da seção “Veja essa” da revista *Veja*

Suzana Paulino Pinto Delgado de Carvalho

Esta dissertação está situada na área da Análise Crítica do Discurso com vertente sociocognitiva, e tem por objetivo geral contribuir com os estudos enunciativos direcionados à caracterização de gêneros textuais. São objetivos específicos: 1. examinar a organização textual dos textos-reduzidos que compõem uma página da seção “Veja essa”; 2. verificar a relação estabelecida pelo jornalista entre diferentes textos-reduzidos de uma mesma seção e de seções diferentes, dependendo do que está sendo noticiado; 3. resgatar intertextos que ressemantizam para o público-leitor valores negativos e positivos, de forma a construir a opinião desse leitor; 4. analisar as estratégias utilizadas pelo redator da seção “Veja essa” a fim de atrair o seu público. A pesquisa realizada está delimitada aos textos-reduzidos publicados na seção “Veja essa” da revista *Veja*. Entende-se que há uma inter-relação entre as categorias analíticas Sociedade, Cognição e Discurso, pois cada uma se define pela outra. Tem-se por pressuposto que o discurso jornalístico é prática social institucionalizada, e que sua produção é regida por um conjunto hierárquico de categorias definidas por um contexto global e um contexto local, quais sejam: Poder, Controle e Acesso, no nível discursivo; Ignorado/Conhecido e Inusitado/Esperado, no nível semântico; e Atualidade, no nível informativo. O material de análise coletado compreende o período de julho de 2005 até final de 2006, desde o início das denúncias contra o governo Lula com o “mensalão”, até sua reeleição, no 2º. turno. O método de análise para tratar da construção da seção “Veja essa” foi o teórico-analítico. Os resultados obtidos indicam que: 1) a seção “Veja essa” é composta por textos-reduzidos cujos textos-base não têm uma origem referida, de onde *Veja* os selecione; os comentários do jornalista são construídos através de paráfrases e por meio de léxicos avaliativos; o discurso direto é o mais utilizado na construção desses textos-reduzidos; 2) A progressão temática é característica da construção da seção “Veja essa”; a intertextualidade com ditado popular é característica, na seleção dos segmentos; o marketing é estratégia da Editora Abril para a venda de outras revistas; 3) na seção “Veja essa”, são construídas e desconstruídas as imagens de políticos, para expressar a opinião de *Veja* e atrair os leitores para a sua opinião; 4) tanto o riso quanto o escândalo fazem parte da estratégia de *Veja*, na seção “Veja essa”, para atrair leitores. Conclui-se que os textos-reduzidos são estrategicamente escolhidos e publicados, guiados pelas categorias Poder, Controle e Acesso, de forma a construir a opinião pública segundo a ideologia do Poder da empresa-jornal.

Palavras-chave: discurso jornalístico; textos-reduzidos; estratégias sociointeracionais.

The journalistic's opinion building in texts from “Veja essa” section of *Veja* magazine

Suzana Paulino Pinto Delgado de Carvalho

This dissertation is analyzed on the Critical Analysis of the Discourse with a social-cognitive shed. It has a general objective to contribute with enunciatives related to characterizations of general textuials. It has as specifics objectives: 1. to examine textual organization of reduced-text, which is part of the magazine section “Veja essa”. 2. to verify the relationship established by the journalist between different minimized texts of a same section and of different sections, depending on what is being published. 3. to verify intertexts that ressemantive negatives and positive points for the readers, in order to build the readers opinion. 4. to analyze the strategies used by the sections writer “Veja essa”, in order to attract the target public. This research is limited to the reduced-text published in the section “Veja essa” of *Veja* magazine. Is known that there is an inter-relation among the analytical categories: Society, Cognition and Discourse, because each one is defined by the others. It is supposed that journalistic discourse is a social practice institutionalized and that it is made by a group of hierarquic categories defined by a global context and local context, such as: Power, Control and Access, in the discourse level; ignored/known, unused/expected, at a semantic level; and actuality, at informative level. The material for the analysis was collected during the period from July 2005 until end of 2006, since the beginning of the denunciation against Lula’s government with the “big propine monthly” until this reelection in second turn. The analytical methodology used to build the “Veja essa” section was the theoretical analytical. The results were: 1- the “Veja essa” section is formed by reduced-text which based-text does not have an official origin from where is selected by *Veja*; the journalist commentaries are built by paraphrase and by evaluative lexicals. The directed discourse is the most used in the reduced-text; 2- the thematic progression is particularity of construction the “Veja essa” construction; the intertextualit of popular proverb is characterized in a segments selections; and the marketing is April Editor strategy to sell others magazines; 3- in the “Veja essa” section are built and destroyed the image of politicians to express the *Veja*’s opinion and attract readers; 4- the scandal and the laugh are part of *Veja*’s strategy at “Veja essa” section to attract readers. Is concluded the reduced-text are strategically published and guided by the categories Power, Control and Access in order to influencing the public opinion according with the ideology of Power of the company-newspaper.

Key-words: journalistic discourse; reduced-texts; strategies-interactions.

Sumário

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – BASES TEÓRICAS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	05
1.1. A linguística de texto	05
1.1.a. O texto-processo e os tipos de memória	06
1.1.b. Os esquemas mentais conceituais	09
1.1.c. O que é texto?	10
1.2. Enunciação e gênero textual	14
CAPÍTULO 2 – BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO	16
2.1. Análise do Discurso de linha francesa	16
2.2. Análise Crítica do Discurso	18
2.2.a. Apresentação	18
2.2.b. ACD – Vertente sociocognitiva	19
2.2.c. Ideologia	20
2.3. O discurso jornalístico	22
2.3.a. O esquema textual da notícia	23
2.3.b. O discurso jornalístico: prática social	26
2.3.b.a. O Poder, o Controle e o Acesso	26
2.3.b.b. O contexto global	27
2.3.b.c. O contexto local	27
2.3.c. Domínio discursivo e opinião	28
2.4. O discurso citado e o discurso reformulado	29
2.5. Metáfora cognitiva	30
2.6. A narrativa	31
2.7. A construção do escândalo	32
2.8. O riso e seus conceitos	33

CAPÍTULO 3 – A SEÇÃO “VEJA ESSA” E SUA CONSTRUÇÃO	36
3.1. A organização textual dos textos-reduzidos que compõem uma página da seção “Veja essa”	38
3.1.a. Intertextos: texto-reduzido e texto de origem do qual foi segmentado o enunciado	39
3.1.b. O texto segmentado e o enunciado do jornalista: suas caracterizações	42
3.1.b.a. A estrutura do texto segmentado	42
3.1.b.b. A estrutura do enunciado do jornalista	44
3.1.b.b.a. do ponto de vista textual	44
3.1.b.b.b. do ponto de vista discursivo	45
3.2. A relação estabelecida pelo jornalista entre diferentes textos-reduzidos de uma mesma página e de páginas diferentes, dependendo do que está sendo noticiado	47
3.2.a. Relações intratextos de uma mesma página da seção “Veja essa”	47
3.2.b. Relações de intertextos entre edições diferentes da seção “Veja essa”	69
3.2.c. Reconstrução da narrativa do fato noticioso por intertextos da seção “Veja essa”	70
3.2.c.a. Fatos noticiosos que compõem a seção “Veja essa”	115
3.2.c.b. Resultados	124
3.3. Intertextos que ressemantizam para o público-leitor valores negativos/positivos, de forma a construir a opinião desse leitor	125
3.4. Estratégias utilizadas pelo redator da seção “Veja essa”, a fim de atrair o seu público-leitor	132
3.4.a. Cultura brasileira e memória social	132
3.4.b. O risível	134
3.4.c. O escândalo	136
3.4.d. Resultados	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
ANEXOS	147

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa “Texto e discurso: variedades oral e escrita”, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

A pesquisa realizada está situada nas áreas do texto e do discurso e fundamentada na Análise Crítica do Discurso, de vertente Sociocognitiva, e na Linguística Textual.

Tem-se por tema a organização enunciativa de notícias, realizada na seção “Veja essa”, da revista *Veja*, publicada pela Editora Abril e com distribuição nacional e internacional. E o objetivo geral é contribuir com os estudos enunciativos direcionados à caracterização de gêneros textuais. São, ainda, objetivos específicos:

- 1- Examinar a organização textual dos textos-reduzidos que compõem uma página da seção “Veja essa”;
- 2- Verificar a relação estabelecida pelo jornalista entre diferentes textos-reduzidos de uma mesma seção e de seções diferentes, dependendo do que está sendo noticiado;
- 3- Resgatar intertextos que ressemantizam para o público-leitor valores negativos e positivos, de forma a construir a opinião desse leitor;
- 4- Analisar as estratégias utilizadas pelo redator da seção “Veja essa”, a fim de atrair seu público-leitor.

A pesquisa está delimitada ao jornalismo político, cujo assunto é: reeleição do presidente Lula, de forma a considerar um tempo anterior da propaganda política e um tempo posterior, que é o resultado final das eleições presidenciais no 2º turno em 2006. No tempo anterior, a opinião jornalística é relativa à avaliação negativa do presidente Lula, devido à corrupção no governo; vários fatos noticiosos denunciam essa corrupção, mas o fato desencadeador foi o “mensalão” em julho de 2005.

Justifica-se a investigação, pois, desde há alguns anos, publica-se uma seção nos jornais brasileiros designada “Frases da semana”. Essa seção já era organizada com segmentos de notícias relativos ao dito de alguém que havia sido objeto de notícia. De forma geral, essas frases expressavam conteúdos que haviam sido privilegiados pela empresa-jornal, isto é, tratava-se de conteúdos diversos que atualizavam diferentes opiniões a respeito de diferentes fatos noticiosos. Essas frases eram publicadas na página do suplemento juntamente com charadas, quebra-cabeças e tiras de desenhos. Em um determinado momento - de data desconhecida -, a revista *Veja* criou uma seção denominada “Veja essa”, na qual publica um conjunto de textos-reduzidos. Ao ler essa seção,

o público, de forma geral, reage com riso. Dessa forma, o problema investigado começou a ser delineado. Trata-se, portanto, de examinar de que forma o jornalista transformou a anterior seção “Frases da semana” ou “Frases do dia” em uma seção opinativa, entremeada por estratégias de causar no leitor o riso.

Tem-se por hipótese que as categorias semânticas da notícia - Atualidade e Inusitado (cf. GUIMARÃES, 1999) - orientam a seleção de segmentos para a construção dos textos-reduzidos, de forma a recontextualizar e ressemantizar o eixo narrativo de um fato noticioso, propondo o riso e o escândalo para o leitor, na medida em que quebra a sua expectativa, a partir do que ele já sabia.

Esta dissertação está orientada por fundamentos da Linguística de Texto relativos ao esquema textual da notícia e às suas categorias semânticas, que guiam os leitores a aceitarem a opinião jornalística. Para tanto, a Teoria da Memória por Armazéns, utilizada por Kintsch e van Dijk (1983), orientou a pesquisa, juntamente com as noções de Memória de Trabalho e Memória de Longo Prazo, sendo, esta última, o arquivo que as pessoas têm de conhecimentos sociais e pessoais, isto é, constitui-se como um conjunto de sistemas de conhecimentos, entre eles o de língua, o enciclopédico e o interacional.

A Análise Crítica do Discurso também orienta esta pesquisa e retoma sua contribuição com a dialética: o social guia o individual e este modifica o social. Essa dialética é o ponto de partida para uma visão crítica do discurso, que objetiva denunciar o domínio da mente das pessoas pelos discursos públicos institucionalizados. O discurso é visto, assim, como uma prática sociointeracional que se define, em seu contexto global, por: participantes, suas funções e suas ações.

Segundo van Dijk (1997), os discursos públicos institucionalizados são organizados por três grandes categorias que agrupam os participantes: Poder, Controle e Acesso.

O Poder define-se por participantes que são a empresa-jornal. O Controle reúne os participantes que executam o que o Poder tem como ideologia, a fim de satisfazer seus objetivos, interesses e propósitos. Dessa forma, são participantes do Controle: o redator-chefe, os demais redatores de notícias, o pauteiro e os repórteres. São participantes do Acesso aqueles que organizam as notícias, desde a página de rosto até os cadernos, que são divididos em diferentes seções. Entre os participantes do Acesso, podem-se indicar os diagramadores, os paginadores e *designers* gráficos.

É preciso salientar que se entende o texto como um produto manifestado que traz representado em língua o que se tem por intenção comunicar. Há textos que são manifestados seguindo uma constância de regras enunciativas. Esse conjunto de regras é visto como Gênero Textual (cf. Bakhtin, 1992).

Entende-se haver ainda, segundo a Linguística Textual, classes de textos que categorizam diferentes tipos de texto, que são modificados em cada discurso, pois o discurso não se define por temas, mas pela maneira de tratar os temas.

Os textos jornalísticos de notícia pertencem à classe opinativa, e seus esquemas textuais são a notícia, que se encontra modificada em editorial, e a crônica de notícias, entre outros. Dessa forma, o discurso jornalístico é visto como uma prática sociointeracional, que objetiva construir para seu público-leitor a opinião do jornal (cf. GUIMARÃES, 1999).

A investigação teve o seguinte procedimento metodológico:

1 - coleta de dados. Os dados coletados para análise são relativos às páginas da seção “Veja essa”, da revista *Veja*, da editora Abril, São Paulo. O critério de seleção foi o temático, tendo por temas: o “mensalão” denunciado por Roberto Jefferson e a campanha eleitoral até a reeleição do presidente Lula. Foram selecionadas 44 seções “Veja essa”, publicadas de julho de 2005 a novembro de 2006, com a reeleição do presidente Lula, no 2º turno. As análises seguiram procedimento teórico-analítico, e foram realizadas na dimensão textual, interativa, e na dimensão discursiva, interacional.

2 - As análises foram guiadas, na dimensão do texto, para o exame dos critérios de segmentação utilizados pelo jornalista a partir de intertextos de notícias já publicadas, e a organização de cada texto-reduzido¹, pelo fio condutor da opinião jornalística. Dessa forma, buscou-se a ressemantização pelo confronto de intertextos da seção “Veja essa”, de forma a se reconstruir, pela intenção do redator, a narrativa do fato noticioso. Já, na dimensão discursiva, buscaram-se as estratégias utilizadas pelo jornalista a fim de atrair seu leitor e construir para ele a opinião da empresa-jornal. Dessa forma, foram abordados o escândalo e o risível.

3 - Os resultados das análises foram agrupados nas duas dimensões selecionadas, ou seja, a textual e a discursiva.

Esta dissertação buscou responder à seguinte questão: o risível é o fio condutor que constrói cada texto-reduzido e sua intertextualização com os demais textos-reduzidos da mesma seção ou de seções diferentes?

O material produzido pela investigação está distribuído em três capítulos:

Capítulo 1 - Bases teóricas da Linguística Textual.

Este capítulo apresenta fundamentos teóricos da Linguística Textual, de forma a tratar o texto-processo, enquanto processamento cognitivo da informação nas Memórias de Curto, Médio e Longo Prazo, bem como, os esquemas mentais conceituais e o esquema textual da notícia. Trata também

¹ Nome dado a cada segmento e seus respectivos comentários, publicados na seção “Veja essa”, da revista *Veja*.

do texto-produto e da sua organização enunciativa, de forma a abordar a questão do gênero textual. Salientamos que esta pesquisa não tem por objetivo abordar em profundidade o estudo do gênero.

Capítulo 2 - Bases teóricas da Análise do Discurso.

Este capítulo apresenta fundamentos teóricos acerca da Análise do Discurso e, sobretudo, da Análise Crítica do Discurso, tendo como foco principal o Discurso Jornalístico e as estratégias na sua construção, enquanto texto que participa como sujeito dominador da opinião pública.

Capítulo 3 - A construção textual e discursiva da opinião jornalística em textos da seção “Veja essa”.

Este capítulo é composto pelos resultados obtidos a partir das análises tanto da dimensão textual quanto da discursiva dos textos-reduzidos que compõem a seção “Veja essa”, da revista *Veja*.

CAPÍTULO 1

BASES TEÓRICAS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Este capítulo tem por objetivo revisar fundamentos teóricos da Linguística Textual, focalizando o texto-processo, o texto-produto e os tipos de memórias humanas, bem como, esquemas mentais conceituais e o esquema textual da notícia. Também, objetiva revisar os estudos relativos à enunciação e ao estudo do gênero.

1.1. Linguística de texto

A Linguística Textual surgiu na Europa, na década de 1960, preocupada em descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou em sequências de enunciados. Seu foco maior foi dado a partir da década de 1970, período em que muitos estudiosos ainda tinham interesse na construção de gramáticas textuais. Porém, é somente na década de 1980, que as Teorias do Texto ganharam seus estudos situados, entre outros, em critérios de textualidade e processamento cognitivo do texto; macroestruturas textuais e superestruturas, ou seja, tipologias textuais. Desde então, a Linguística Textual passa a investigar o texto como um todo, e não mais a palavra ou a frase isolada, na medida em que o homem se comunica por meio de textos.

Assim, a Linguística de Texto tem sido base teórica de diversas áreas de investigação, embora seu objeto de estudo seja a boa formação de um texto. Entende-se que, para estudar o texto, é necessário considerar sua diversidade, isto é, a formação do texto não se dá sem considerar suas variedades, tanto no aspecto formal, quanto no funcional. Portanto, de acordo com a inovação das pesquisas referentes à Linguística Textual, na década de 70 do século XX, surgiram dois novos conceitos: o texto-produto e o texto-processo.

O texto-produto tem natureza linguística, isto é, depende de elementos linguísticos para sua produção; é resultado da enunciação, de modo a representar em língua os conteúdos da interação comunicativa. O texto-processo tem natureza memorial, isto é, abrange a construção e o

armazenamento de conhecimentos; é construído na Memória de Trabalho, tendo entrada na Memória de Curto Prazo, recorrendo à de Médio Prazo durante o processamento e ativando a Memória de Longo Prazo.

A partir de estudos de van Dijk (1978) e Kintsch e van Dijk (1975, 1983), verificou-se que a formação de um texto depende de 3 sistemas: micro, macro e superestrutura.

A microestrutura compreende a coesão de elementos e segmentos entre as proposições. É formada pelas distintas ideias, uma a uma, que o conformam, e também pelas reações lineares que se estabelecem entre elas. É o fio condutor do texto. A macroestrutura de um texto é o conjunto de proposições que servem para dar sentido, unidade e coerência global a um texto. A superestrutura trata do modo de organização do texto.

Em síntese, os estudos textuais estão voltados ao processamento cognitivo do texto, de acordo com a produção e compreensão; representação do conhecimento na memória; sistemas de conhecimentos postos em ação de acordo com a ocasião do processamento; e estratégias sociocognitivas e interacionais envolvidas.

Para tanto, diversos estudiosos têm-se voltado para os estudos acerca da enunciação do texto-produto, o que tem contribuído para os estudos da Linguística Textual, por sua vez abrindo novos caminhos para a Análise do Discurso. Entre eles, destacam-se: Beaugrande e Dressler (1973), Kintsch e van Dijk (1975, 1983, 1997).

1.1.a. O texto-processo e os tipos de memória

Sabe-se que o texto-processo está situado na inter-relação das diferentes memórias humanas. Ele tem natureza cognitiva e é construído na Memória de Trabalho, isto é, recorre à Memória de Curto Prazo e à Memória de Longo Prazo.

O texto-produto resulta do ato de enunciação que compreende o processo de escolhas intencionais de elementos lexicais e gramaticais, motivado por preferências e valores de cada indivíduo, com base no que o mundo representa para cada um.

Para tanto, faz-se necessário o estudo acerca da Teoria da Memória por armazéns, que a distingue em: Memória Sensorial, Memória de Curto Prazo, Memória de Trabalho, Memória de Médio Prazo e Memória de Longo Prazo.

A Memória Sensorial dá entrada à informação na Memória de Trabalho. Essa entrada realiza-se com a informação estruturada em algum código semiótico, captado por um dos sentidos humanos que, no caso da comunicação linguística, são a audição e a visão, para uma interação comunicativa normal. Esse tipo de memória é quantitativo, para dar entrada às sequências de palavras e frases de um texto–produto, a fim de possibilitar a produção de sentidos por um interlocutor. Para tanto, a quantidade de informação que a Memória Sensorial retém é medida por um *chunk* que, quando está lotado, não retém mais nenhuma informação, por isso deve ser esvaziado. Dessa forma, a Memória de Trabalho processa a informação contida no *chunk*, esvaziando-o de acordo com esse processo. Nesse sentido, entende-se que a capacidade de armazenamento de informação é limitada, e está relacionada à Memória de Curto Prazo.

A Memória de Curto Prazo trata da entrada da informação e depende do processamento qualitativo ocorrido na Memória de Trabalho, de forma a transformar a expressão linguística em unidade de sentido. O processamento é realizado por meio de inferências, de maneira a transformar as palavras e frases, construídas em língua, em unidade de sentido, denominadas “proposições”. As proposições de sentidos menores, denominadas “microproposições”, são produzidas pelo leitor. Podem ser produzidas muito poucas proposições quando o leitor é imaturo, ao passo que um leitor maduro produz um número alto de n-tríplo de proposições.

A Memória de Trabalho é assim denominada porque tem por função armazenar provisoriamente todo o conteúdo semântico processado, uma vez que o homem tem a capacidade de fazer inferências, a fim de reativar conhecimentos prévios já armazenados na Memória de Longo Prazo.

A Memória de Longo Prazo corresponde a um armazém de conhecimentos que foram processados e armazenados a partir de conhecimentos de língua, de mundo e de situações discursivas. Para Silveira (2000), o Marco de Cognição Social é, portanto, um conjunto de conhecimentos construídos a partir do que é vivenciado, modificando a experiência do já vivido. Dessa forma, Heinemann e Viehweger (1991) definem quatro grandes sistemas de conhecimento, responsáveis pelo processamento textual:

Conhecimento linguístico: corresponde ao conhecimento do léxico e da gramática, responsável pela escolha dos termos e pela organização do material linguístico na superfície textual, inclusive dos elementos coesivos.

Conhecimento enciclopédico ou de mundo: compreende as informações armazenadas na memória de cada indivíduo. Compreende os conhecimentos:

- Declarativo: manifestado por enunciações acerca dos fatos do mundo (“O Paraná divide-se em trezentos e noventa e nove municípios”; “Santos é o maior porto da América Latina”);

- Episódico e intuitivo: adquirido por meio da experiência (“Não dá para encostar o dedo no ferro em brasa”).

Ambas as formas de conhecimento são estruturadas em modelos cognitivos. Isso significa que os conceitos são organizados em blocos e formam uma rede de relações, de modo que um dado conceito sempre evoca uma série de entidades. É o caso de futebol, ao qual se associam: clubes, jogadores, uniforme, chuteira, bola, apito, árbitro.

Conhecimento interacional: relaciona-se com a dimensão interpessoal da linguagem, ou seja, com a realização de certas ações por meio da linguagem. Divide-se em:

- Conhecimento ilocucional: referente aos meios diretos e indiretos utilizados para atingir um dado objetivo;
- Conhecimento comunicacional: ligado ao anterior, relaciona-se com os meios adequados para atingir os objetivos desejados;
- Conhecimento metacomunicativo: refere-se aos meios empregados para prevenir e evitar distúrbios na comunicação (procedimentos de atenuação, paráfrases, parênteses de esclarecimento, entre outros).

Conhecimento acerca de superestruturas ou modelos textuais globais: permite aos usuários reconhecer um texto como pertencente a determinado gênero ou tipo.

Em síntese, o conhecimento de língua compreende o uso de formas linguísticas lexicais e gramaticais relativas aos grupos sociais. O conhecimento de mundo, denominado também de conhecimento enciclopédico, é construído pelo guia cultural e ideológico dos grupos sociais. O conhecimento interacional abrange as relações sociodiscursivas entre os interlocutores. Além dos tipos de conhecimentos sociais e individuais armazenados na Memória de Longo Prazo adquiridos pela Memória Social e a Memória Individual. A Memória Social trabalha com conhecimentos construídos em sociedade e reconstruídos a partir de experiências individuais. Portanto, a Memória Individual diferencia-se da Social por possuir habilidade de reformular seus conhecimentos, a partir de uma nova experiência individual, mesmo esta sendo guiada pelo social.

Na Memória de Trabalho, cada palavra, sequência de palavras, frases e sequências de frases são transformadas em proposições de forma expansiva. A Memória de Médio Prazo armazena as proposições que vão sendo construídas pela Memória de Trabalho, de modo a expandir os sentidos secundários e reduzi-los em sentidos globais, constituindo as macroproposições.

1.1.b. Os esquemas mentais conceituais

As representações mentais, sociais e individuais são formalizadas por esquemas mentais, a partir de um bloco cognitivo que abrange o *frame* e o *script*.

Segundo van Dijk (1997), *frame* é um esquema mental que contém o sentido mais global atribuído a alguém ou a alguma coisa. E o *script* define-se por uma sequência de ações situadas em uma relação de tempo anterior e tempo posterior. Portanto, trata-se de sequências de ações a partir de um modelo contextual que pode ser verbal ou não-verbal, que tem relação com o ponto de vista, ou seja, é de natureza avaliativa. Os conhecimentos avaliativos são opiniões e, quando são públicos, denominam-se *episteme* e *doxa*.

A *episteme* é um conhecimento factual, decorrente da observação e, portanto, seu valor de verdade ou falsidade é comprovável e conferível no mundo. A *doxa* é a opinião pública e define-se por ser um conhecimento avaliativo social, ou seja, uma representação mental para a qual houve a projeção de uma escala de valores que percorre do polo positivo ao negativo. Por essa razão, a opinião tanto individual quanto social não pode ser comprovada no mundo.

Para van Dijk (1997), qualquer forma de conhecimento é avaliativa e para ele os conhecimentos são opiniões adquiridas e usadas em sociedade. Suas funções são sociais e expressivas, sobretudo no e pelo discurso.

O ponto de partida para o processo de avaliação sobre alguém ou determinada coisa é o conhecimento prévio acerca do referente que se quer avaliar: experiências pessoais e, também, sociais, do Marco de Cognições Sociais do grupo a que se pertence. Pessoas que pertencem ao mesmo grupo social possuem o mesmo ponto de vista acerca de determinado assunto, que varia de acordo com os permanentes conflitos intra e extragrupais, uma vez que cada indivíduo possui seus Marcos de Cognição Social.

Segundo van Dijk (1997), a compreensão de acontecimentos reais ou discursivos é capaz de construir uma representação mental, envolvendo o processamento e a interpretação de informações exteriores, além da ativação e do uso de informações já armazenadas na Memória de Longo Prazo.

Os textos jornalísticos revelam dados que são representados por sistemas de normas, de regras, que buscam não somente explicar a realidade, mas também guiar o comportamento dos indivíduos. Esses sistemas são de categorias sociais, ou seja, compostos por valores construídos no mundo e pelo mundo. São criados por uma ideologia dominante e sustentam-se graças às instituições – como escola, família, religião – e aos meios de comunicação de massa. Desse modo, as formações ideológicas guiam o comportamento da sociedade, ao ditar o que pensar, o que sentir,

o que fazer, e também governam os discursos, em que se materializam por meio dos textos-produto – de natureza verbal – e por meio dos textos-processo – de natureza mental. Em resumo, o individual influencia o social e é guiado por ele a partir de eventos discursivos particulares.

1.1.c. O que é texto?

Segundo Breaugrand e Dressler (1981), existem diferentes definições de texto: unidade linguística superior à frase; sucessão ou combinação de frases; cadeia de pronominalizações ininterruptas; cadeia de isotopia etc. Existem as de natureza pragmática, definindo o texto pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; ou como fenômeno primariamente psíquico, vindo das vertentes cognitivistas; ou, ainda, como parte das atividades de comunicação, vindo da teoria da atividade verbal.

De modo a considerar todos esses pontos de vista, texto define-se como o produto de uma comunicação verbal que permite a interação de práticas socioculturais. Para tanto, há sete fatores que determinam a textualidade: a coesão, a coerência, a informatividade, a situacionalidade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a intertextualidade.

Todos esses fatores advêm da situação de interação. Para tanto, falar-se-á brevemente sobre cada um deles.

a) Coesão

A coesão e a coerência diferem por tratar a primeira do material específico, isto é, o linguístico, e a outra, do sentido global, fruto desse conjunto de material linguístico. A coesão diz respeito, portanto, ao conjunto de relações responsável pela coerência textual. Trata-se, desse modo, de dois conceitos interdependentes. A coesão, segundo Koch (2004), divide-se em duas modalidades: a *coesão referencial ou remissiva* e a *coesão sequencial*.

A coesão referencial trata de componentes da superfície textual que fazem remissão a outros elementos no mesmo texto. O elemento que faz remissão é denominado “forma referencial ou remissiva” e remete ao “elemento de referência ou referente textual”, como é denominado. Este, no entanto, pode ser representado, segundo Koch (2004), por um nome, um fragmento de oração, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado. A coesão sequencial são os procedimentos linguísticos

que estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que o texto se expande.

b) Coerência

O conceito de coerência está diretamente ligado à possibilidade de estabelecer um sentido para um texto. Segundo Koch (2004), a coerência é o que faz com que um texto tenha sentido para o interlocutor, tendo em vista toda a situação de inteligibilidade em uma situação de comunicação. Para que haja a coerência, portanto, faz-se necessário estabelecer uma forma de unidade ou relação entre os elementos do texto.

Para a autora (2004), a coerência efetiva-se no ato de interlocução, isto é, enquanto houver interação entre dois usuários que utilizam códigos linguísticos idênticos, a coerência será efetiva. Isso nos remete ao fato de que a coerência está relacionada não somente à gramaticalidade textual puramente, mas, sobretudo, à boa formação textual, a fim de estabelecer a interlocução comunicativa. Portanto, a coerência de um texto é global.

Alguns fatores são determinantes para a coerência, quais sejam: linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais. Os fatores linguísticos e discursivos “servem como pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto” (2004:71). Os fatores cognitivos, adquiridos ao longo da vida, são armazenados em *blocos* na memória – *modelos cognitivos* – que abrangem o *frame* e o *script*.

Quanto aos fatores culturais, sabe-se que o modelo de mundo que construímos nunca é cópia do mundo real, mas depende do produtor do texto, que recria o mundo sob uma dada ótica ou ponto de vista, variando de acordo com seus objetivos, crenças, convicções e propósitos. Para que se estabeleça a coerência de um texto, contudo, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e nosso conhecimento de mundo, pois, caso contrário, não teremos condições de construir o universo textual, dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido.

Os fatores interacionais abrangem o equilíbrio entre a informação dada e a informação nova, isto é, um texto dotado apenas de informações novas seria incompreensível, pois faltariam as bases para o processamento cognitivo desse texto, e um texto dotado somente de informações dadas, seria altamente redundante. Portanto, a *inferência* é uma operação importante para o processo de

interação do interlocutor com o texto, pois quase todos os textos exigem que façamos uma série delas para podermos compreendê-lo integralmente.

c) Intencionalidade

A intencionalidade revela o esforço feito pelo produtor para estabelecer um discurso coerente e coeso, a fim de cumprir o seu objetivo comunicativo, em função do receptor.

d) Aceitabilidade

A aceitabilidade é inerente ao receptor, que analisa e avalia o grau de coerência, coesão, utilidade e relevância do texto, capaz de levá-lo a ampliar seus conhecimentos ou aceitar a intenção do produtor.

e) Situacionalidade

A situacionalidade é responsável pela adequação do texto ao contexto sociocomunicativo.

f) Informatividade

A informatividade responde pela suficiência de dados no texto, como também pelo grau de previsibilidade nas ocorrências, no plano conceitual e no formal.

g) Intertextualidade

A intertextualidade mostra a interdependência dos textos, tendo em vista que um texto só faz sentido quando é entendido em relação a outro.

Em síntese, para que haja interação de comunicação entre falantes, a informatividade inicia-se aparentemente incoerente. Conforme a situação na qual os falantes se encontram, que se trata do conjunto de fatores que tornam o texto relevante para uma determinada situação de comunicação - como o grau de formalidade, a regra de polidez, o tipo de tratamento a ser dado ao tema para a interação, entre outros -, a situação e a intenção são importantes, de modo a construir textos

coerentes em que o produtor deixe pistas para que o receptor construa seu próprio texto, cuja situação faz uso de mecanismos coesivos. Estabelecida a interação, há a aceitabilidade. A intertextualidade está nos conhecimentos cognitivos do produtor e receptor do texto.

Para que o processamento textual seja efetivo, são necessários três sistemas de conhecimento: *o linguístico, o enciclopédico e o interacional*.

O *sistema linguístico* compreende os conhecimentos gramaticais e lexicais. É responsável pela organização do material linguístico na superfície textual, pela escolha das ligações coesivas e pela seleção lexical adequada. O *sistema enciclopédico* compreende os conhecimentos de mundo armazenados na memória de cada indivíduo: conhecimento *declarativo* (fatos do mundo) e conhecimento *episódico* (adquiridos através da experiência). O terceiro sistema de conhecimento, o *interacional*, compreende as formas de “inter-ação” por meio da linguagem, cujos conhecimentos são do tipo ilocucional (objetivos do falante na situação de interação); comunicacional (normas comunicativas gerais: quantidade de informação necessária, seleção lexical e adequação dos tipos de texto); metacomunicativo (ações linguísticas que asseguram a interação comunicativa em caso de intervenções) e superestrutural (reconhece gêneros e tipos de texto).

São três as estratégias de processamento textual: *cognitivas, sociointeracionais e textuais*.

As *estratégias cognitivas* consistem na sistematização do fragmento de um texto (ou dele todo) – representação da compreensão do discurso – do sistema cognitivo.

As *estratégias sociointeracionais* são aquelas estabelecidas por estratégias socioculturais determinadas para uma interação verbal.

As *estratégias textuais* compreendem as escolhas do material linguístico na superfície textual; a inserção (função facilitadora para compreensão do texto) e a reformulação (retórica); a referência (remissão anafórica e remissão catafórica) e, por último, os segredos do locutor/produtor, ao fazer citações explícitas e implícitas, sendo que, na segunda, a necessidade é a de se remeter ao contexto sociocognitivo que, segundo Koch (2003), é o grande segredo do locutor competente.

1.2. Enunciação e gênero textual

Este item tem por objetivo fazer uma revisão do estudo sobre enunciação e gênero textual. O embasamento teórico está voltado para os estudos de Bakhtin.

Para Bakhtin, a língua manifesta-se por meio de enunciados, não somente pelas suas construções gramaticais e pelos seus recursos linguísticos e lexicais, mas sobretudo pela sua construção composicional. O enunciado é individual e sua utilização depende dos propósitos do enunciatário. Às diversas maneiras de adequação do enunciado dá-se o nome de “gêneros do discurso”, entre os quais, dentro da extrema variedade e heterogeneidade de gêneros discursivos, pode-se fazer, segundo o autor, a seguinte distinção: gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos).

a) gêneros discursivos primários: aqueles que constituem a comunicação discursiva imediata (conversas, relatos cotidianos, diários pessoais), que, por ser menos tensa, revela mais claramente o movimento das estruturas sociais tanto no sentido da mudança, quanto no da ratificação.

Desse modo, segundo Baccega (1998), nas manifestações culturais os indivíduos reconfiguram significados. É a consciência social verbalmente constituída que possibilita a criação contínua de novos significados culturais, a fim de procurarem seus significantes. Portanto, o signo instituído, significado/significante manifesto, é um novo produto cultural que passa a fazer parte da prática social verbalmente instituída.

b) gêneros discursivos secundários: aqueles que constituem a comunicação cultural mais complexa, mais desenvolvida, organizada e, sobretudo, escrita. Esses gêneros, que absorvem e reelaboram os diversos gêneros primários, são produtos de desenvolvimento técnico-econômico da sociedade.

Segundo Bakhtin, o estilo utilizado no enunciado está intimamente ligado aos gêneros discursivos, que são reflexos da individualidade e fazem parte da história humana: “A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (Bakhtin, 2003:268).

Para o autor, a gramática e a estilística ainda convergem. A primeira deve ser estudada no sistema da língua, e a segunda, no tratamento do gênero discursivo. Faz-se necessário um estudo sobre o enunciado como uma unidade real da comunicação discursiva, a fim de se entender a natureza do sistema da língua, isto é, as palavras e as orações.

A língua existe como uma maneira de expressão do homem. Sua essência está relacionada à comunicação, cuja existência se justifica por ela ser de natureza ativo-responsiva isto é, todo

comunicador espera um ouvinte, que, por sua vez, torna-se falante. Importante salientar que todo falante diz o já dito; ele apenas o reformula de acordo com seus propósitos e interesses. O discurso sempre está relacionado ao enunciado pertencente a um determinado sujeito.

Para Bakhtin, “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes (como sinal) de que o falante terminou” (Bakhtin, 2003:275). A réplica é, também, parte integrante do processo de comunicação ativo-responsiva.

Com base nesses estudos, Bakhtin problematiza a questão da oração como unidade da língua, e do enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diz que esse estudo é até hoje questionado e causa confusão. Para ele, a oração é um pensamento definido e acabado, de natureza gramatical, e o enunciado depende de orações construídas por palavras. O diálogo efetiva-se no momento em que é escolhido um gênero discursivo, com suas formas determinadas, a fim de que o interlocutor consiga interagir.

Segundo Bakhtin, “nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas suas primeiras palavras (...)” (Bakhtin, 1992:283). Entretanto, é possível que pessoas não reconheçam o gênero discursivo escolhido por determinado falante, embora dominem a língua. Isso acontece devido ao fato de essas pessoas não possuírem o domínio dos discursos denominados “mundanos”.

As palavras são parte essencial na composição de um enunciado. Uma vez escolhidas, passam a ter expressão individual determinada pelo contexto. A oração não possui uma entonação expressiva, somente uma entonação gramatical, ou seja, é impessoal.

O enunciado é a expressão verbalizada do nosso pensamento dotado de *tonalidades dialógicas*; tem autor e destinatário. “A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disso dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (2003:301). A comunicação se dá através da língua, que possui quantidade significativa de recursos linguísticos e, sobretudo, sob a influência que o falante recebe do seu destinatário, podendo com antecedência saber o que utilizar na construção de seu enunciado. Em síntese, “o gênero do discurso não é uma forma de língua, mas uma forma típica do enunciado” (Bakhtin, 2003:293), possuindo uma forma única e específica para determinada prática social.

CAPÍTULO 2

BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e da Análise Crítica do Discurso utilizados nas análises.

2.1. Análise do Discurso de linha francesa

A partir do conceito de intertextualidade e de interdiscursividade, o texto é constituído da heterogeneidade discursiva. Se o que um sujeito diz é reconhecido como representação em língua, essa representação não emite algo novo, e sim o novo de um já dito.

Portanto, segundo Maingueneau (1993), a interdiscursividade consiste em reconfigurar uma formação discursiva que incorpora elementos pré-construídos, estes produzidos fora dela, de maneira a provocar sua redefinição e redirecionamento, no qual pode acontecer a anulação de determinados elementos. Desse modo, a formação discursiva, representada como um movimento inconsciente e não estabilizado pela visão de mundo de um grupo social, define-se como um trabalho no interdiscurso, uma vez que não são representações espontâneas dos sujeitos.

O interdiscurso está no nível da heterogeneidade constitutiva do discurso, isto é, ele parte para uma reflexão sobre a identidade do discurso e sua formação, que é associada a uma memória constituída de formulações que repetem, recusam ou transformam outras formulações. Segundo Brandão (1997:126), “toda formação discursiva define seu domínio de saber articulando um conjunto de formulações aceitáveis (...) e excluindo formulações inaceitáveis a esse domínio”. Nesse sentido, é o que vemos no discurso jornalístico: o jornalista toma posse de uma informação e a transforma da maneira que lhe convém, em um contexto específico, de acordo com seus interesses ideológicos.

A intertextualidade envolvida no processo de comunicação é fundamental para o entendimento do texto e seu processo de construção argumentativa, uma vez que se entende que a língua é uma

forma de ação sobre o outro. Logo, o enunciador não é parte de um sistema homogêneo, e sim parte de uma heterogeneidade.

Para Kristeva (2003), a heterogeneidade é resultado do recurso argumentativo em que o enunciador faz e desfaz o seu discurso, incluindo o seu e o discurso do outro. Em resumo, um texto é resultado do entrecruzamento de outros textos e de outros autores, outros indivíduos, e, por sua vez, de outras ideologias e discursos.

Retomando o conceito de texto-processo e texto-produto, para Silveira (2000), a manifestação da representação em língua é resultado da inter-relação entre eles, isto é, decorre do processo de natureza mental e de natureza linguística, respectivamente.

Assim, entendendo que a intertextualidade trata da presença de um texto em um outro texto já produzido, tem-se o intertexto.

Para Maingueneau (2002), os textos são elaborados dentro da interdiscursividade, ou seja, todo o discurso é construído a partir de diferentes práticas sociais, com participantes e intenções diferentes. O sujeito atuante segue uma orientação dentro de uma prática social na qual está inserido. Para o autor, os intertextos estão presentes na formação ideológica, isto é, eles repetem o já dito, e o que a classe dominante impõe, por meio do discurso citado. Todo discurso citado é utilizado e usado como argumento de autoridade.

Numa visão pragmatista, o texto como manifestação linguística visa a interagir com um interlocutor, o que pressupõe possuir uma linguagem capaz de produzir uma ação sobre o outro. Essa ação está associada a diferentes níveis do processo discursivo. À luz da enunciação, há diversas perspectivas, bem como pontos de vista, na constituição do enunciado.

As formações discursivas, portanto, estão em contínuo movimento de aproximações e afastamentos, devido ao fato de o texto, como manifestação em língua, estabelecer significações de várias perspectivas teóricas: linguística de texto, linguística do discurso e linguística da enunciação. Desse modo, entende-se que a língua deve ser estudada extralinguisticamente, tendo em vista a ideologia sobre a qual articula-se.

2.2. A Análise Crítica do Discurso

2.2.a. Apresentação

A Análise Crítica do Discurso (ACD) foi desenvolvida a partir de estudos vinculados à Escola de Frankfurt, na década de 1960, e o primeiro pesquisador a utilizar essa denominação foi Fairclough, cerca de 20 anos depois. Essa nova linha de estudos da Linguística Crítica tem por ponto de vista as ideias marxistas, e está voltada, sobretudo, aos discursos institucionais e de gêneros sociais, como o discurso político, o discurso midiático, o discurso religioso etc.

A ACD materializa linguisticamente relações e conflitos sociais, isto é, realiza abordagens discursivas com visão crítica, a fim de examinar textos e eventos construídos por diferentes práticas discursivas sociais, e estabelecer teorias e métodos para explicar o uso da linguagem no contexto sócio-histórico.

A Análise Crítica do Discurso tem, assim, por objetivo geral denunciar o domínio das mentes pelos discursos públicos (cf. Fairclough e Wodak 2000), porém, nesta pesquisa, foi utilizada sua vertente Sociocognitiva, cujo objetivo é explicar como os conhecimentos que os indivíduos possuem são estruturados em suas mentes, a partir da cultura e vida social, como parte integrante na representação da memória e do conhecimento. Portanto, a cultura é subordinada aos conhecimentos dos indivíduos em sua atuação na sociedade. Para essa vertente, o processamento cognitivo não é exclusivo do indivíduo, mas é, também, social.

A cognição não é algo “situado”, isto é, não é possível dizer com exatidão se está dentro ou fora da mente, pois existe uma inter-relação complexa: social x individual. Por isso estudar a cognição somente dentro da mente pode ser um equívoco.

Quanto à interação humana, a linguagem é a forma, cuja atividade linguística acontece a partir de atos em conjunto, isto é, em que um indivíduo depende de outro para que haja a interação. Para tanto, os papéis sociais devem ser distribuídos a fim de que cada sujeito cumpra com o seu papel, de acordo com os gêneros e formas verbais disponíveis em um determinado contexto social. Para Morato (2001), a linguagem é compreendida como o mediador da interação entre as referências do mundo sociocultural.

2.2.b. ACD – vertente Sociocognitiva

Como se disse, esta pesquisa está fundamentada na ACD, com vertente Sociocognitiva, cujo especialista maior é van Dijk, que postula a inter-relação das categorias analíticas Cognição, Sociedade e Discurso.

A Cognição é vista como um conjunto de representações mentais e sociais, decorrentes da interação sociocomunicativa. Uma representação mental é uma forma de conhecimento do que acontece no mundo e, para tanto, faz-se necessário projetar um ponto de vista para captar isso que acontece. O ponto de vista é guiado por interesses, objetivos e propósitos que, sendo comuns, reúnem pessoas em um grupo social. E a sociedade é vista como um conjunto de grupos sociais diferentes, pois cada um deles tem objetivos, propósitos e interesses específicos. Dessa forma, há um constante conflito intergrupal, na medida em que cada grupo social tem um marco de cognições sociais próprio.

O discurso é visto como uma prática social que se define por participantes, suas ações e funções. Todas as formas de conhecimentos sociais são construídas no e pelo discurso.

Para Van Dijk (1997), embora o discurso seja social e sua análise tenha como objetivo entender o funcionamento que há entre as estruturas discursivas e seus contextos sociais, esse funcionamento não pode se estabelecer sem que as representações mentais, individuais e sociais sejam tratadas. As representações individuais são as que explicam as razões de diferentes reações dos indivíduos diante de um único acontecimento. As representações sociais definem as culturas e os grupos sociais, de maneira a organizar suas crenças e suas práticas. Nesse sentido, é a relação dos estudos cognitivos e sociais que permite melhor compreensão da relação entre discurso e sociedade.

Dessa maneira, um discurso pode ser analisado tanto pelas suas estruturas linguísticas (sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, estilísticas e retóricas), quanto pela sua relação com o social e com a cognição. Pode ser estudado por meio dos processos cognitivos envolvidos na produção e na compreensão discursiva por aqueles que usam a linguagem como forma de interação social, cuja função é examinar conhecimentos, atitudes e representações mentais.

O discurso pode ser produzido em qualquer situação, seja formal ou informal; fazendo-se, portanto, necessário um contexto que seja adequado ao tipo de discurso. Por exemplo, um professor expressa-se em um contexto que lhe permite ensinar; um juiz expressa-se em um contexto que lhe permite julgar. E o jornalista? Temos por conhecimento que o jornalista expressa-se em um contexto que lhe permite informar.

De acordo com os estudos de analistas do discurso, as relações sociais têm o poder de influenciar os padrões de seleção do que é dito, quando é dito e como é dito, os quais dependem da posição do usuário da linguagem, no que se refere a seu maior ou menor grau de poder na sociedade. Para tanto, foi elaborada a Linguística Sistêmica Funcional, cujo objetivo é discutir o sistema de relações necessárias entre linguagem e seu contexto de uso. Para os analistas, a análise da linguagem pressupõe exame dos fatores pertinentes ao seu contexto.

Segundo van Dijk (2000), o discurso só pode ser analisado do ponto de vista social quando é levado em conta o contexto. Entende-se, portanto, que o discurso varia de acordo com as funções estruturais do contexto e que depende das dimensões sociocognitivas, como o conhecimento e as crenças socialmente compartilhadas. Numa perspectiva mais cognitiva, os contextos são construções mentais ou modelos memoriais.

2.2.c. Ideologia

O conceito de ideologia está relacionado ao poder social de um grupo, isto é, ela é criada por grupos dominantes a fim de reproduzirem sua dominação e, com isso, propiciar a discriminação de pessoas. Para Van Dijk (2000), os grupos dominados muitas vezes não sabem o que é bom para eles, por exemplo, a propaganda e a manipulação agem de modo a se comunicarem persuasivamente na sociedade e, assim, reproduzem o poder e a dominação de grupos ou classes específicas. Portanto, a ideologia serve para homogeneizar as práticas individuais dos membros de um grupo, bem como, coordenar a interação social com os membros de outros grupos e servir de interface entre os interesses coletivos do grupo e as práticas sociais individuais. “A ideologia controla os que os próprios grupos normalmente consideram que são crenças verdadeiras” (55).

Tendo em vista os fenômenos sociais, a ideologia não abarca somente o conhecimento, mas, sobretudo, as atitudes que os grupos e os indivíduos acreditam como certas, acerca de questões sociais. Desse modo, os grupos atuam por meio de seus membros. Segundo Van Dijk, “as ideologias dos grupos organizam crenças grupais relacionadas com os domínios, que por sua vez influenciam as crenças específicas de seus membros e formam finalmente a base do discurso” (2000:59).

No caso do discurso jornalístico, a ideologia tem a mesma função cognitiva do Poder: monitora a maneira de agir dos interlocutores em discurso, como membros dominantes/dominados de grupos

ou organizações institucionais, para controlar os conflitos sociais. Assim, esse discurso faz-se importante na reprodução da ideologia para o controle de grupos em conflito.

A ideologia tem como função coordenar os atos e práticas dos membros sociais de um grupo, de maneira a garantir que seus membros irão, geralmente, atuar de maneiras parecidas, cooperando em tarefas conjuntas, o que contribui para a integração desse determinado grupo, isto é, ela desempenha um papel central na (re)produção dos processos de persuasão. Trata-se de um marco sociocognitivo que assegura a realização dos interesses e objetivos do grupo dominante.

Os Marcos de Cognição Social são construídos por um conjunto de representações sociocognitivas moldadas pela ideologia do grupo de Poder, ou seja, transforma fatores sociais que são combinados com dimensões culturais da ideologia dominante. Assim, as ideologias relacionam-se com os conhecimentos e crenças sociais que incluem avaliações que se baseiam em normas, valores e objetivos socialmente partilhados.

Silveira (2000) diferencia, note-se, cultura de ideologia porque, embora se trate de crenças, a cultura é transmitida de geração para geração, e seus valores guiam o comportamento das pessoas, ao experienciarem e vivenciarem o que ocorre no mundo. Os conhecimentos culturais decorrem de formas de representação do que foi vivido e experienciado socialmente, num determinado momento histórico, o que caracteriza a cultura como algo dinâmico, pois a cada geração faz-se necessário resolver novos problemas.

Segundo a autora, na medida em que cada grupo tem um Marco de Cognição Social, as culturas são plurais e oferecem formas de conhecimentos para a construção das ideologias pelas classes de Poder. A dinâmica, neste caso, refere-se às mudanças de interesses das classes de Poder.

Em síntese, para a ACD, o discurso é uma prática sociointeracional, sendo que a interação é entendida nas relações interpessoais, interssociais e interinstitucionais, uma vez que definir interação implica a dinâmica de formas de conhecimento que constroem o novo com o velho, e projeta, pelo imaginário, as imagens do futuro.

2.3. O discurso jornalístico

O discurso jornalístico tem por objetivo construir informação que é dotada de linguagem avaliada como insegura e não transparente para o mundo. Isso implica o que conhecemos pelo nome de “mídia”, cuja existência atém-se à manipulação de informação, a fim de atingir o maior público.

Segundo Charaudeau (2006), não existe informação sem nenhum tipo de envolvimento daquele que a publica. Isso acontece porque as notícias são materiais a serem lidos ou vistos pelo maior número de pessoas possível e, portanto, é certo dizer que a informação não é virgem de mudanças. O grupo que compreende esse núcleo de trabalho compõe-se de: direção do organismo de informação, programação, redação e operadores técnicos, que representam a ideologia do organismo de informação de uma determinada mídia.

O que instiga os pesquisadores da Análise do Discurso é que as mídias estão preocupadas com o efeito de captação das notícias. As notícias são descontextualizadas e transportadas de modo a sofrerem modificações, efetuando o rumor ou boato. Entretanto, o jornalista procura colocar-se como mediador entre o acontecimento e a informação, mantendo uma postura didática, “aspirando ao papel de educador da opinião pública” (Charaudeau, 2006:78). Em seu trabalho, três instâncias são conduzidas para o melhor desempenho da notícia: a credibilidade (informação que diz respeito ao mundo do sujeito-alvo); a acessibilidade (a clareza com que o discurso é construído); e o alvo afetivo (constroem-se hipóteses sobre o que é mais apropriado para determinado público).

Entende-se que o universo da informação midiática é construído. Isso significa que não é o reflexo do que acontece no espaço público, e sim o resultado de uma construção: “pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos” (p.151). A notícia precisa ser crível, com uma análise ou argumentação de impacto, para despertar o interesse do consumidor de informação.

Para que haja a manipulação do público-alvo, é necessária a intenção de fazer crer a outro alguém alguma coisa que não precisa necessariamente ser verdadeira, de modo a fazê-lo pensar ou agir a fim de beneficiar o agente, sem que perceba. “Toda manipulação se acompanha então de uma enganação cuja vítima é o manipulado” (p.252).

2.3.a. O esquema textual da notícia

Van Dijk (1990) trata da compreensão, estrutura e produção da informação na organização textual da notícia como tipo de texto característico do discurso jornalístico. O esquema textual da notícia é tratado pelo autor como uma superestrutura que está armazenada no sistema de esquemas interacionais da memória social como um discurso público institucionalizado.

Segundo o autor, a superestrutura é definida como um esquema vazio de informação formado por categorias e regras de ordenação. Cada categoria é um princípio de classificação para agrupar a produção de sentidos secundários e globais construídos pela Memória de Trabalho, de forma a facilitar, para aqueles que têm conhecimento dessa estrutura, a compreensão discursiva.

Para Van Dijk, a noção de superestrutura é hierárquica, isto é, há categorias que vão das mais altas, passando pelas intermediárias, até as mais inferiores. Apresenta-se abaixo a superestrutura da notícia proposta pelo autor (1990:86):

Como se pode verificar, há uma hierarquia para se visualizarem as categorias do esquema textual da notícia. Na leitura do esquema visualizado, as categorias mais altas são Resumo e Relato Noticioso. O Resumo agrupa a manchete e o *lead* - no Brasil, denominado também de linha-fina - que reúne palavras e frases, no texto-produto, que expressam os sentidos mais globais que a empresa-jornal quer que o leitor construa para si. Assim, essa categoria é estratégica para a construção da opinião pública. Já a categoria manchete busca uma interação sociocomunicativa com o auditório de leitores de um jornal, tratando-se de estratégia retórica que busca chamar a atenção do leitor para desejar ler a notícia. A manchete define-se por situar a notícia enquanto fato noticioso, e o *lead* constrói, para o leitor, o resumo do texto expandido da notícia, em um primeiro parágrafo.

A categoria Relato Noticioso relaciona-se à categoria Resumo e trata do texto expandido da notícia. Nela estão agrupadas outras duas categorias: Situação (fato noticioso) e Comentários (construção textual da opinião jornalística para o público leitor).

A Situação ou Fato Noticioso é organizada na linha do tempo, de acordo com a progressão narrativa do acontecimento. Os Comentários são construídos com as categorias Reações Verbaís, que estabelecem intertextos e interdiscursos, tanto no tempo atual na notícia quanto no tempo anterior. Essas categorias constroem uma polifonia, no texto expandido, que é monofonizada pelas conclusões, de forma a construir a opinião jornalística por um conjunto de avaliações negativas/positivas para o fato atual e para as perspectivas ou expectativas do que ocorrerá no amanhã, como progressão narrativa do acontecimento construído enquanto notícia.

Segundo van Dijk (1990), o jornalista seleciona, entre os acontecimentos que ocorrem no mundo e aos quais ele tem acesso, apenas alguns para construir as notícias. Para essa seleção, intervêm múltiplos critérios, cuja importância varia segundo as circunstâncias do dia-a-dia. Mas, de qualquer maneira, o jornalista deve se perguntar se um acontecimento no mundo é suscetível de se tornar notícia e, para tanto, deve definir quais elementos desse acontecimento podem se converter em notícia. Ele levará em conta, basicamente, o que tem interesse para os leitores, desde que tenha interesse para a empresa local. É a satisfação desses interesses que transforma fragmentos do acontecimento em notícia, formalizando-a pelo esquema anteriormente apresentado.

Para van Dijk, todos os textos são argumentativos e ele propõe diferentes superestruturas para a argumentação. Veja-se o esquema abaixo (1978:160):

As denominações das diferentes categorias hierárquicas são provisórias, do ponto de vista de que poderão ser substituídas por outras, dependendo do tipo de argumentação. O tipo de argumentação depende do contexto institucional em que os argumentos são instaurados.

A categoria Conclusão agrupa a opinião construída no texto que, para sofrer argumentos,, precisa de uma justificativa, que compreende as categorias Marco das Cognições Sociais e as Circunstâncias.

A categoria Marco das Cognições Sociais compreende um conjunto de conhecimentos instaurados como ponto de partida das interações sociocomunicativas de um grupo social. Ninguém argumenta a respeito dos conhecimentos sociais, pois que são dados como “verdades” possíveis/prováveis para o grupo social que o conhece. Para haver argumentação, é necessário construir uma circunstância em relação aos conhecimentos sociais, pois a circunstância é nova e não é do conhecimento social do grupo. Para tanto, a argumentação é realizada a partir de provas, que são os fatos apresentados, e estes são construídos como ponto de partida, pelos argumentos de legitimidade e de reforço.

Os argumentos de legitimidade são selecionados no Marco das Cognições Sociais, e os de reforço compreendem repetições, paráfrases ou retomadas que possam servir de argumento a respeito da circunstância criada em relação ao Marco de Cognição Social. Nem todos os elementos

argumentativos precisam estar explícitos no texto; muitos podem manter-se implícitos, pois são formas culturais de conhecimento.

2.3.b. O discurso jornalístico: prática social

As condições de produção discursiva vinculam-se às circunstâncias que determinam os papéis representados pelas categorias da notícia. De modo a entender o discurso como uma forma de ação, para analisá-lo é necessário buscar a (re)construção do contexto, a fim de os papéis representados pelos protagonistas discursivos serem identificados, bem como as suas identidades discursivas.

As condições de produção do discurso jornalístico são definidas por uma hierarquia de categorias discursivas, semânticas e textuais, que definem um contexto global em relação a um contexto local, e são apresentadas em diferentes níveis, quais sejam: Poder, Controle e Acesso, no nível discursivo; Ignorado/Conhecido e Inusitado/Esperado, no nível semântico da notícia; e Histórico-temporal/Atualidade, no nível do acontecimento do mundo real relatado. Isso significa que os grupos de poder comandam outros grupos pelo controle da mente, isto é, a partir dos conhecimentos, das atitudes, das ideologias há o controle mental pelo discurso, cujo objetivo é fazer o grupo dominado agir da maneira como o Poder deseja (Dijk, 2000).

2.3.b.a. O Poder, o Controle e o Acesso

O discurso jornalístico é uma prática social que se define como forma de ação entre vários protagonistas com funções sociais distintas. Esses protagonistas são identificados por suas funções e ações, como Poder, Controle e Acesso, para os discursos públicos institucionalizáveis, a partir dos quais são agrupados nas categorias.

Entende-se como Poder, no discurso jornalístico, o Poder social, que se define como forma de controle da ação e da mente de um grupo. O conceito que se utiliza para definir o Poder social é o de Controle: tem-se Poder sobre um grupo, se esse grupo tem, de alguma forma, Controle sobre o outro

grupo. Para Van Dijk (1993), essas categorias têm como função fazer alguém agir da maneira como se deseja.

Quanto ao Acesso, este se define como o meio que leva um grupo a ter Poder e Controle sobre outro grupo. Para o discurso jornalístico, o meio de acesso é o jornal. Nesse sentido, o Acesso é a maneira mais eficiente para se exercer o Poder, controlando o grupo-alvo.

O Controle não se limita ao conteúdo e à forma, aplica-se, também, ao contexto: os donos de um jornal dizem aos editores o que (não) publicar ou, quando não o dizem, esses mesmos decidem, dependendo da ideologia já criada. É a partir disso que a Análise do Discurso pode mostrar o que no jornalismo, habitualmente, permanece oculto: quem fala e a partir de que posição ideológica.

2.3.b.b. O contexto global

O contexto global ou social trata de parâmetros, como grupos sociais, papéis, conhecimento de regras e normas, metas, organizações e instituições, ou seja, trata do papel social entre grupos, sob as condições definidas pelas categorias Poder, Controle e Acesso.

Na prática social do discurso jornalístico há convenções que regulam institucionalmente as relações entre os sujeitos, atribuindo-lhes um estatuto na atividade da linguagem, ou seja, cada membro de um grupo representa um determinado papel.

2.3.b.c. O contexto local

O contexto local ou interacional possui duas categorias: Ignorado/Conhecido e Inusitado/Esperado. Define-se por ser composto por participantes com papéis e propósitos, bem como, tempo e lugar. Nesse tipo de contexto, há *um discurso para a mudança*. Isso significa que, uma vez que o público-leitor possui um contexto cognitivo para a leitura da notícia, e que nela são agrupadas as categorias semânticas Inusitado ou Ignorado, o leitor é levado a fazer inferência e reformular o seu contexto cognitivo.

Uma categoria do contexto local é a Atualidade. Ela se relaciona no desenrolar do processo narrativo do acontecimento informado, antes que ele se transforme em notícia. Define-se pela novidade do acontecimento.

2.3.c. Domínio discursivo e opinião

De acordo com estudos de Marcuschi (2002), a expressão “domínio discursivo” designa um sistema de produção ou de atividade discursiva, isto é, abrange as esferas da atividade humana em que os gêneros circulam. Segundo o autor, a partir dos domínios discursivos (discurso jornalístico, discurso jurídico etc.), podem ser estabelecidos vários outros gêneros particulares.

O domínio discursivo do jornalismo foi viabilizado tecnologicamente pela imprensa após Gutenberg. De acordo com Thompson (1999), foi na segunda metade do século XV que surgiram as primeiras indústrias da mídia; logo depois do advento da imprensa, começaram a aparecer publicações avulsas na Europa. Segundo o autor, pode-se considerar um momento de grande variedade de folhetos informativos, cartazes e pôsteres. A partir da segunda metade do século XVI, passaram a ser veiculadas publicações periódicas de notícias e informações. Assim, do ponto de vista histórico, é preciso situar as condições socioideológicas que marcaram a consolidação dessas novas publicações.

Tudo foi viabilizado a partir do seguinte: a leitura de jornais, na medida em que ocorreu um processo de alfabetização em larga escala; a revolução burguesa, que foi contra a aristocracia e o poder absoluto; a queda da censura prévia, exercida pelos Estados nacionais e pela Igreja. Dentro desse contexto social, a informação tornou-se bem necessário, assim como, indicador econômico e financeiro, além de instrumento político para divulgação e consolidação de novas ideias. A partir daí, a circulação e o conhecimento dos acontecimentos, fatos e opiniões adquiriram valor social, e a circulação periódica de informações e opiniões tornou-se necessidade social.

O jornalismo – esfera social –, segundo Otto Groth (apud Medina, 1988:22), possui características intrínsecas: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. Desse modo,

cada periódico deve voltar periodicamente no tempo; a universalidade da informação é aquele ponto de contato essencial 'eu e o mundo', 'tu e eu', 'eu e a natureza' em que todos se encontram; a atualidade expressa a relação de dois pontos no tempo, significa o cair de um ser ou de um fato dentro da presença e do agora, atual é o que cai na presença; e a difusão é medida de realização do universal e do atual, representa o potencial de acesso da informação.

A noção de opinião é considerada complexa e ainda necessita de muitos estudos. Entretanto, o que se pode adiantar é que a opinião está relacionada à Cognição, Sociedade e Discurso, pois é construída na mente, sua aquisição, uso e funções são sociais e sua expressão e reprodução são discursivas.

A opinião consiste do resultado de uma atividade que tem por objetivo reunir elementos heterogêneos, de modo a associá-los e compô-los segundo a lógica do necessário ou do verossímil. Segundo Charaudeau (2006), a opinião resulta de um julgamento hipotético acerca de uma determinada posição ora favorável ora desfavorável e não sobre um ato de adesão ou rejeição. Ela revela o ponto de vista do sujeito e não enuncia uma verdade sobre o mundo, isto é, ela remete ao sujeito.

Segundo Van Dijk (1997), a opinião, ao ser construída na mente, implica uma representação mental de X que, ao ser interpretada, produz opinião acerca de X. Isso se deve ao fato de a representação mental de X ser social e estar arquivada na Memória de Longo Prazo. Portanto, tal resultado é devido ao processo de aquisição do conhecimento X, a partir de usos e funções que X tem em sociedade.

Para o autor (1997), a opinião define-se a partir de crenças, e suas expressões não se dão somente de maneira direta, mas também de maneira indireta, por meio de afirmações específicas que pressupõem opiniões negativas de seus participantes.

2.4. O discurso citado e o discurso reformulado

Tendo em vista a Teoria da Enunciação, é necessária a compreensão de alguns conceitos sobre os discursos citado e reformulado, bem como, o discurso direto e o discurso indireto.

Segundo Todorov e Ducrot (1971), "o discurso direto se caracteriza pela aparição de um segundo 'locutor' no enunciado atribuído a um primeiro 'locutor'. Frequentemente é posto de forma

um pouco ingênua ao discurso indireto, alegando que ele pretende reproduzir literalmente as alocações citadas. Seria mais exato ver nele uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta. Dito de outra forma, ele não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto. São duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação”.

Para Kerbrat-Orecchioni (1993:86), ocultar-se por trás de um terceiro “é freqüentemente uma maneira hábil, por ser indireta, de sugerir o que se pensa, sem necessitar responsabilizar-se por isto. Aí reside toda a ambigüidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a ‘autoridade’ que protege a asserção”.

Como exemplo de discurso reformulado, tem-se a paráfrase. A paráfrase é um interdiscurso que pretende dizer o já dito, mas de outra maneira, isto é, fazendo uso de novos recursos linguísticos. Portanti, segundo Maingueneau (2003), nenhuma paráfrase é completamente neutra de interesses avaliativos, isto é, a paráfrase é uma tentativa de “fingir” dizer a mesma coisa sobre a realidade. E para Pêcheux (1984), um texto pode ser reconstruído com expressões linguísticas completamente diferentes, mas pode possuir o mesmo sentido.

2.5. Metáfora cognitiva

Tendo em vista a gramática tradicional, a metáfora é tida como figura de linguagem, recurso estilístico, recurso retórico. Todavia, a partir da metade do século XX, os cognitivistas passaram a questionar o conceito de metáfora, considerando-a parte do processo cognitivo, presente não somente na linguagem da vida cotidiana, mas também no pensamento e na ação. Passou-se a considerar que a linguagem não é um processo objetivo, e sim um processo que visa à construção de uma realidade.

Na década de 1980, pesquisadores como Lakoff e Johnson propuseram a Teoria da Metáfora Conceitual e “postularam o conceito de metáfora como ferramenta cognitiva” (2007:35), que é vista como um fenômeno de estruturas complexas, constituído por uma rede de analogias. Para eles, a maneira pela qual os indivíduos veem o mundo é como pôr em prática o conceito de metáfora como um sistema regido por ações cotidianas influenciadas pelo sistema conceitual. Desse modo, pode-se afirmar que a vida é constituída por metáforas culturais e que é por meio delas que compreendemos o mundo e somos compreendidos na sociedade.

Tendo em vista essa nova concepção de metáfora, entende-se que ela deveria ser componente central dos estudos da Análise Crítica do Discurso, pois tem por função a persuasão, a fim de expressar uma avaliação e, portanto, é parte da ideologia de um texto. Na interpretação de uma metáfora está envolvida a relação entre ela mesma e os fatores cognitivos e pragmáticos. Dessa forma, considera-se que as escolhas estão relacionadas à representação social do indivíduo. A metáfora tem o poder de recuperar estereótipos culturais e torna-se importante instrumento de investigação das atitudes dos falantes.

2.6. A narrativa

Partindo-se do conceito de que a notícia constitui-se do resultado do processo dos acontecimentos à luz das duas categorias semânticas – Atualidade e Inusitado –, a narrativa constitui-se na mudança que ocorre no processo dos acontecimentos.

Segundo Todorov e Ducrot (1972), o processo narrativo possui três protagonistas: o personagem, o narrador e o leitor, isto é, aquele de que se fala, aquele que fala e aquele a quem se fala. Pode-se postular a existência de um autor implícito também, ou seja, é aquele que escreve e que não deve, de forma alguma, confundir-se com a pessoa do narrador: é ele quem organiza o texto, que é responsável pela presença ou ausência de determinada parte da narrativa.

Quanto ao leitor, não se deve confundi-lo com os leitores reais. O leitor real aceita ou não esse papel: lê (ou não lê) na ordem que lhe foi proposta, associa-se ou não aos julgamentos de valor implícitos do livro, que são feitos sobre as personagens ou os acontecimentos etc. É comum a imagem do narrador e a do leitor coincidirem. Relações entre autor implícito, narrador, personagens e leitor implícito definem, em sua variedade, a problemática da narrativa.

Para Todorov (1969), a narrativa constitui-se na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o curso dos acontecimentos, quando cada instante apresenta-se pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduz a ordem. Essa ordem traduz-se pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra força, mas se constitui na tensão entre as duas.

2.7. A construção do escândalo

Segundo Thompson (2002), em toda prática social existem relações de poder, que são um fenômeno social caracterizado pela capacidade de poder agir de acordo com os próprios interesses. O poder possui quatro distinções: econômico, político, coercitivo e simbólico. Para pesquisadores, o poder simbólico, cujo objetivo é intervir e influenciar nos acontecimentos, é o que predomina na prática social. E ele é primordial para o trabalho político, uma vez que os políticos visam a uma imagem, a fim de manter a boa reputação e, para tanto, a mídia torna-se o meio mais influente na ascensão ou não de políticos, gerenciando toda essa imagem a ser exposta.

Na constituição do espaço social, o capital simbólico tornou-se essencial para as atividades de cunho político, sobretudo as eleições, uma vez que o critério adotado para eleger um candidato segue as formas simbólicas, e não mais partidárias. A partir desse momento, a imagem de um político passou a ter grande importância, como sua personalidade e individualidade, e isso facilitou a construção de escândalos políticos, na qual a mídia torna-se um meio para a manipulação da imagem desses candidatos, a fim de favorecê-los ou não.

Segundo Thompson (2002), existem três tipos de escândalos políticos: sexual, financeiro e de poder. Para o autor, o escândalo são “lutas sociais que são travadas no espaço público e que são constituídas por ações e atos de fala de indivíduos e organizações que expõem, afirmam e condenam, bem como pelas ações e atos de fala daqueles que estão no centro das acusações e se veem presos no drama que se desenrola” (Thompson, 2002:296). Tudo isso recorre ao exercício do poder simbólico, incluindo o capital simbólico, do qual, segundo Kuwae (2006), a reputação é um dos aspectos.

Há dois tipos de reputação: a específica da competência (demonstração de competências específicas) e a de caráter (pessoa íntegra). Uma vez que os escândalos destroem a reputação de um político, este só conseguirá tê-la novamente através de muito trabalho e do término da memória dos fatos então acontecidos. Portanto, quando ocorre algum tipo de escândalo que envolve uma determinada figura política, a tendência é que os partidos, bem como os governos, afastem-se, de maneira a não se prejudicarem, e esperem a memória apagar determinado acontecimento.

Segundo Thompson (2002), com a evolução das tecnologias de informação, as notícias passaram a ser dadas de modo instantâneo, passando por um processo de recontextualização e, por sua vez, de transformação. Isso implica suposições sobre os acontecimentos que passaram a comportar informações deficientes. Para o autor, a mídia cresce sem parar, ocupando espaço importante na sociedade e esse fenômeno deve-se a três fatores: consolidação e crescimento da

imprensa de circulação de massa, como os jornais; surgimento do jornalismo investigativo, que apresenta os fatos de forma investigativa e crítica; difusão de novas tecnologias de informação e de comunicação, como o rádio, a televisão, a internet e os celulares. Com tudo isso, a notícia passou a ser entretenimento, vazia em conteúdo político e a atuar com formatação curta, rápida e fragmentada.

2.8. O riso e seus conceitos

Neste item será apresentada uma revisão acerca do riso. Seu estudo tem levado teóricos de diferentes áreas a desvendarem sua essência e suas motivações. Constatou-se que se podem formular diferentes conceitos a respeito.

Até o Renascimento, o humor era analisado de forma globalizada, uma vez que as ciências ainda não eram tipificadas. Somente a partir do século XVI, com a ascensão dos campos específicos como a Sociologia, a Psicologia, a Literatura, a Filosofia etc., é que o humor poderia se revelar; entretanto, isso não aconteceu, porque a Linguística ainda não era disciplina autônoma, só pôde sê-lo a partir do século XX.

A classificação adotada por Attardo (1994) distingue os estudos teóricos acerca do riso em três vertentes: campo cognitivo, campo social e campo psicanalítico.

O campo cognitivo abrange a área psicanalítica, na medida em que o humor é visto como percepção de uma incompatibilidade. O campo social entende o riso como um corretivo social. O autor cita Platão e Aristóteles, que fizeram menção ao lado agressivo do humor, e Hobbes, que condena o riso quando numa combinação de escárnio e desprezo. O campo psicanalítico, cujo principal representante é Freud, entende que o riso descarrega as tensões e a energia psíquica. Para Attardo (1994), o humor libera a inibição, faz o sujeito esquecer convenções e leis.

Segundo Cícero (apud França: 2006) existem duas modalidades de riso: o verbal (decorrente das palavras) e o referencial (decorrente das coisas e/ou ações). Para Cícero, alguém que ri de sua própria expectativa traída, ri de seu próprio engano. Para ele, o humor das ações abrange anedotas e caricaturas (imitações), e o humor verbal abrange ambiguidades, paronomásias, interpretações literais, uso de provérbios, alegorias, metáforas e antífrases ou ironia.

Na medida em que Cícero (106-43 d.C.) foi cônsul romano, deve-se considerar que, para ele, o riso transita entre as teorias da incongruência e as de caráter social, sobretudo em decorrência da

atividade oratória que exerceu, uma vez que “o riso era uma arma poderosa para a derrisão dos adversários.” (França, 2006:21)

Quintiliano (30-95 d.C.) segue o mesmo raciocínio de Cícero e assevera que o objeto do riso pode ser encontrado em três lugares, quais sejam (França, 2006): em nós (quando refutamos, ridicularizamos, reprovamos os argumentos dos outros), nos outros (quando falamos coisas que dizem respeito a nós mesmos, isso deve ser dito de forma irônica, absurda), e nos elementos neutros (frustrar expectativas, usando palavras com sentido diferente).

Importante salientar que, para Platão, o riso era inconcebível aos deuses, uma vez que se trata de emoção grosseira. Para Aristóteles, no entanto, a visão do riso é mais amena, mas ele deve ser parcimonioso, a começar pelas tragédias como representação de homens superiores, em contraposição à comédia, que representa homens inferiores.

O riso, no contexto da Idade Média, é considerado um traço que distingue o homem dos outros animais, além de, para a teologia medieval, distinguir o homem de Deus, na medida em que não existe passagem bíblica que comprove Cristo rindo. Isso reforça a aproximação do riso com o pecado.

Segundo Bakhtin (1996), a vida do homem medieval sempre discriminou o riso, o que reforça que a Igreja, para a qual o riso é criação do diabo, generalizou a ideia de que o Bem e a Verdade só poderiam ser expressos em situação de seriedade. Entretanto, havia festas em que era permitido, como em comemoração religiosa.

No Renascimento, as ideias clássicas sobre o riso ainda são mantidas, mas existe uma inovação, que consiste na valorização dada ao elemento surpresa e ao inesperado como causador da admiração. Somente em 1579, com a publicação do *Tratado do riso, contendo sua essência, suas causas e seus maravilhosos feitos, curiosamente pesquisados, refletidos e observados*, de Laurent Joubert, o riso passa ser avaliado de maneira positiva. (França, 2006).

Seguindo a linha de pensamento aristotélica, em que o homem é o único animal que faz rir, portanto sabe fazer rir, chega-se à função do humorista, isto é, aquele que cria conscientemente o risível. Bergson (2001) fundamenta-se, essencialmente, na teoria da comicidade, analisando-a à luz de três aspectos: a comicidade da situação, a das palavras e a do caráter.

A comicidade da situação está relacionada à premissa aristotélica; a comicidade das palavras refere-se à inteligência pura, na medida em que rir requer que as emoções e as paixões sejam desprezadas; e a comicidade do caráter refere-se ao ato de rir como uma ação que não seja solitária.

Segundo Bergson (2001), na medida em que os homens estão ligados aos dois estados mentais – moral e mecânico - estão propícios ao riso. O moral liga-se à emoção; e o mecânico ou científico liga-se ao comportamento dos homens e animais, que buscam somente satisfazer seus

instintos essenciais à sobrevivência. Dessa forma, uma situação é cômica quando mostra uma inadequação do indivíduo à sociedade, devido aos seus conhecimentos pré-construídos.

Propp, também especialista da área, tem teorias semelhantes às de Bergson. Ambos têm por premissa o pensamento aristotélico, e são platônicos quando concordam que o descompasso entre os elementos corpóreo e espiritual é uma forma importante de comicidade (França, 2006). Em resumo, o riso para ambos está ligado a um fenômeno global, a uma arma moralizadora, enquanto instrumento de destruição de falsa autoridade (Propp, 1992).

Numa visão cognitivista, segundo Silveira (2008), o riso abrange as variações ocorrentes no sistema de construção de sentido. Essas variações tratam de situações inesperadas que são contrárias às expectativas, isto é, o riso decorre da articulação entre o “dado” e o “novo”. O “dado” trata do conhecimento prévio ativado pelo leitor, a partir de uma orientação existente no tipo de texto cuja finalidade é criar expectativa no leitor. O “novo” trata da reformulação feita pelo leitor, ao constatar o engano, a partir de inferências ostensivas no “dado”. Esse processo advém dos conhecimentos armazenados na Memória de Longo Prazo que são organizados em sistemas: o de língua, o enciclopédico e o interacional.

Para Travaglia, o humor é um instrumento de denúncia para se flagrar e revelar realidades naturais ou culturais, de modo a desmontar falsos equilíbrios – “é uma espécie de arma de denúncia” (1990:35), e isso também como atividade ligada à *criação do riso*, isto é, toda atividade ligada à arte-de-fazer-rir.

O humor está ligado às experiências cognitivas. Permite a crítica, quando seria impossível fazer de outro modo. No humor, o riso representaria a “alegria que ele provoca pela descoberta inesperada da verdade que não é engraçada”, pois engraçada é a maneira como o humor nos faz chegar a ela ou o prazer à censura e ao controle social, ao estabelecido. “O humor é uma revolta superior do espírito”, seria a evidência da criatividade do homem. Já o riso, o cômico, viria do ridículo, da situação incômoda do grotesco (1990:67).

Em resumo, tem-se o humor como uma situação que pressupõe a seriedade; em contextos em que a linguagem é alusiva, baseada em inferências; em jogos de linguagem que revelam aspectos lúdicos. O riso é o resultado da tomada de consciência, quando o interlocutor se dá conta de que sofreu um engano e é obrigado a reformular o mal entendido. Assim, a partir de um “dado”, guiado pela revista *Veja*, constrói-se uma expectativa que, de acordo com as inferências que o interlocutor faz, pode ser quebrada, causando o riso.

O humor, portanto, está envolvido no intuito de causar o riso, a partir do ato de denunciar, de causar um escândalo.

CAPÍTULO 3

A SEÇÃO “VEJA ESSA” E SUA CONSTRUÇÃO

Este capítulo é composto pelos resultados das análises tanto da dimensão discursiva quanto da textual dos textos-reduzidos que compõem a seção “Veja essa”, da revista *Veja*, editora Abril. Foram selecionados um total de 44 exemplares da revista, tendo por critério de seleção o qualitativo: o material coletado compreende o período de julho de 2005 até final de 2006, tendo como assunto a narrativa da denúncia do “mensalão”, até a reeleição do presidente Lula no 2º turno.

A seleção da seção “Veja essa”, de *Veja*, para análise justifica-se por tratar-se da revista de maior circulação no Brasil, isto é, por sua representatividade como um dos principais veículos de informação brasileiro. Trata-se de revista de grande alcance social e de maior tiragem no Brasil (1.212.986 exemplares semanais), tendo 90% de aproveitamento, isto é, de vendas dentro desse total de tiragem. Os leitores de *Veja* são pessoas entre 20 e 49 anos, sendo, em sua maioria, mulheres, 53%. A classe social de maior número de leitores é a B, com 39%, seguida pela A, com 34%, e a C, com 20%. A região do Brasil que mais lê a revista *Veja* é a Sudeste, com 57% de seus leitores, seguidos de 15% da região Sul, 13% da região Nordeste, 9% da região Centro-Oeste e 3% da região Norte. Estes dados são do IVC (Instituto Veiculador de Informação / 2008).

Os resultados aqui apresentados estão organizados pelos seguintes itens:

1 - A organização textual dos textos-reduzidos que compõem uma página da seção “Veja essa”: são apresentadas as análises referentes à construção textual da seção “Veja essa”.

2 - Relação estabelecida pelo jornalista entre diferentes textos-reduzidos de uma mesma página, dependendo do que está sendo noticiado: são apresentadas as análises referentes à existência ou não de relação entre os textos-reduzidos de uma única edição e entre edições diferentes.

3 - Resgate de intertextos que ressemantizam para o público-leitor valores negativos e positivos, de forma a construir a opinião desse leitor: são apresentadas as análises acerca da construção ou desconstrução da imagem de determinado sujeito.

4 - Estratégias utilizadas pelo redator da seção “Veja essa”, a fim de atrair seu público-leitor: são apresentadas análises acerca do risível e do escândalo, como estratégias na construção de sentidos pelo público-leitor, e , portanto, na construção da opinião pública.

Justificam-se esses itens, pois se considerou importante a análise das duas vertentes, tanto a textual quanto a discursiva, na construção da seção “Veja essa”.

Considerando o texto como produto de uma prática social que depende do processo de formação ideológica de seus interlocutores, as escolhas lexicais são altamente dependentes do confronto do sujeito com o mundo e de suas interações verbais com outros indivíduos. Portanto, as experiências e conhecimentos de mundo podem ser variáveis de indivíduo para indivíduo, pois dependem do contexto no qual estão inseridos.

O confronto entre o dado e o novo é o confronto entre o conhecimento social e o conhecimento individual, em que um outro mundo torna-se possível, diferentemente dos demais já representados. Isso leva a crer que a construção da seção “Veja essa” é dependente de duas categorias analíticas, a Atualidade e o Inusitado, que fazem parte do contexto local.

Segundo Van Dijk (2002), o contexto local define-se por tratar dos papéis sociais dos indivíduos dentro de uma determinada prática discursiva. Portanto, por se ter como objeto de análise a revista *Veja*, especificamente a seção “Veja essa”, apresentar-se-á a estrutura da redação da revista, formada pelas seguintes categorias de jornalistas:

- *Editor* – chefe da editoria, responsável pelas matérias publicadas e pelo espaço a elas destinado.
- *Editor-executivo* – encarregado de toda a redação do jornal, está em contato com todos os editores, discutindo matérias e decidindo a forma final do jornal.
- *Editorialista* – jornalista destacado para escrever semanalmente o editorial, que reflete a opinião do jornal sobre alguma questão considerada relevante para o órgão.
- *Redatores* – responsáveis pelo texto final do repórter, assim como pelo título e legenda da foto.
- *Subeditor* - assistente do editor, que trabalha junto com o redator e o diagramador, na montagem da página.
- *Chefe de reportagem* – o repórter mais apropriado para fazer determinada matéria de rua.
- *Diagramador* – encarregado de planejar visualmente a página do jornal, sob orientação do editor.
- *Repórteres* - profissionais que vão para a rua apurar as informações e, de volta à redação, redigem a matéria.
- *Fotógrafo* – considerado jornalista pela categoria, recebendo a denominação de repórter fotográfico.
- *Radioescuta* – setor ligado à redação. Os profissionais dessa área acompanham pelo rádio e pela televisão o que acontece na cidade.

Por meio dessas categorias, podemos observar que há uma hierarquização, com posições de maior e menor prestígio, dependendo de como se agrupar, a partir do Poder. Baseando-se nelas,

apresenta-se a atual equipe de jornalistas da revista *Veja*, que cumprem um papel social (dados da Edição 1913 - 13 de julho de 2005):

1 – Grupo empresarial: fundador, Victor Civita (1907 – 1990); presidente e editor, Roberto Civita; vice-presidente executivo, Giancarlo Civita; conselho editorial, Roberto Civita (presidente), Thomaz Souto Corrêa (vice-presidente), José Roberto Guzzo; diretor geral, Mauro Calliari.

2 – Diretor de redação: Eurípedes Alcântara.

3 – Redator-Chefe: Mario Sabino.

4 – Editores executivos: Carlos Graieb, Jaime Klintowitz, Marcio Aith, Marcos Emílio Gomes, Vilma Gryzinski.

5 – Editores: André Fontenelle, Diogo Xavier Schelp, Felipe Patury, Isabela Boscov, Julio César de Barros, Karina Pastore, Lizia Bydlowski, Mônica Weinberg, Okky de Souza, Thaís Oyama.

6 – Editor especial: Roberto Pompeu de Toledo.

7 – Repórteres: Anna Paula Buchalla, Camila Antunes, Camila Pereira, Chrystiane Silva, Denise Dweck, Eduardo Burckhardt, Eduardo Gracioli Teixeira, Fábio Portela Savietto, Gabriela Carelli, Giuliano Guandalini, Heloísa Joly, Isabel Moherdauí, Jerônimo Teixeira, Julia Duailibi, Juliana Linhares, Leoleli Camargo, Laura Ming Bordokan, Letícia Francisco Sorg, Marcelo Carneiro, Marcelo Marthe, Paula Beatriz Martins Neiva, Rafael Corrêa, Roberta de Abreu Lima, Rosana Zakabi, Sandra Brasil, Sérgio Martins, Victor Martino.

Salientamos que cada seção da revista *Veja* possui um editor, e o responsável pela seção “Veja essa” é João Cesar de Barros.

Justificam-se os itens desta pesquisa, na medida em que são resultados da construção textual e discursiva da seção “Veja essa”, a fim de se deflagrar a política brasileira pelo risível e pelo escândalo. Segue-se a amostra de todos eles.

3.1. A organização textual dos textos-reduzidos que compõem uma página da seção “Veja essa”

Este item tem por objetivo apresentar a análise dos textos-reduzidos enquanto intertextos que foram selecionados do texto-base, a fim de serem detectadas as estratégias na sua seleção e

ressementização; tem por objetivo, também, analisar se constam nesses textos, em sua maioria, discurso direto ou discurso indireto, e, ainda, como são construídos os comentários do jornalista posteriormente acrescentados aos textos-reduzidos.

3.1.a. Intertextos: texto-reduzido e texto de origem do qual foi segmentado o enunciado

A seleção de cada segmento se dá pelas categorias semânticas Atualidade e Inusitado, na medida em que o jornalista quer chamar a atenção do seu leitor. Para tanto, ele seleciona o segmento que mais lhe convém, e acrescenta um enunciado de sua autoria, ou comentário, contextualizando o segmento selecionado e dando a sua opinião. Tanto o segmento selecionado quanto o comentário do jornalista podem ser construídos por paráfrases.

Segundo Maingueneau (2003), toda paráfrase possui uma avaliação a respeito do que se está escrevendo. É como tentar dizer a mesma coisa, mas de modo diferente.

Veja-se a análise a seguir:

20 de julho de 2005

“Na melhor das hipóteses, Lula, o senhor é um idiota. Na pior, o senhor é corrupto.”

Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado, na CPI dos Correios, insinuando que o presidente sabia da corrupção e não fez nada ou não sabe o que acontece em seu governo.

O verbo *insinuar* no gerúndio - *insinuando* - tem um tom irônico que avalia a atitude do presidente Lula de maneira negativa, a partir da opinião do enunciador. Não se tem provas de onde *Veja* retirou esse enunciado, todavia encontrou-se no *website* do Senado uma reportagem na qual foi relatado o fato. Veja abaixo:

Tucano diz que Lula é 'idiota' ou 'corrupto'

14 de julho de 2005

O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), subiu à tribuna nesta quinta-feira e atacou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em discurso, Virgílio disse que Lula assume uma atitude falsa diante das denúncias de corrupção em seu governo e só se encaixa em duas situações: "Na de ser conivente com a corrupção ou ser um completo idiota por não estar vendo tudo o que se passa à sua frente. Estou dizendo aqui que, na melhor das hipóteses, senhor Lula, o senhor é um idiota; na pior, o senhor é um corrupto. Chega dessa história de Lula não saber das coisas."

Nesta notícia consta o que Arthur Virgílio disse. Averiguou-se que a revista *Veja* não publicou todo o enunciado do líder do PSDB. O jornalista o resumiu, utilizando o gerúndio - *insinuando* - como elemento linguístico avaliativo, além de fazer paráfrase do texto-base para seu enunciado - *e não fez nada ou não sabe o que acontece em seu governo*.

27 de julho de 2005

"Quem adquiriu a dívida no fio do bigode que se entenda no fio do bigode."

Valter Pomar, terceiro vice-presidente do PT, defendendo o calote do partido na dívida com o publicitário Marcos Valério.

Averiguou-se que o enunciado do jornalista apresenta uma paráfrase, de acordo com o que foi encontrado na reportagem do jornal *O Globo*.

Veja a reportagem abaixo:

Nova direção ameaça dar calote

O Globo

19 de junho de 2005

Numa tentativa igualmente hilária de tentar se distanciar das negociatas entre Delúbio e Valério, os petistas passaram a negar a própria existência do empréstimo. Em reunião realizada pela executiva do PT, na segunda-feira, dia 18 de julho, Tarso Genro praticamente desconsiderou que o "empréstimo" seja devido pelo PT, defendendo que o partido tem, agora, que "verificar quais são as dívidas irregulares e quais as legítimas". Uma ideia também defendida por Valter Pomar, terceiro vice-presidente do partido, que afirmou que toda história foi feita em termos pessoais, não partidários: "O PT não tem esta dívida. Quem adquiriu a dívida no fio do bigode, que se entenda no fio do bigode".

Embora não seja certo que a revista *Veja* tenha retirado o enunciado do jornal *O Globo*, tanto o texto-reduzido quanto a reportagem parecem muito semelhantes no âmbito lexical. No título da reportagem, para compor seu comentário, *Veja* faz uso da palavra “calote”, que não aparece no enunciado de Valter Pomar. Isso demonstra que os segmentos são formações interdiscursivas não somente no enunciado, mas também no comentário ou enunciado do jornalista.

27 de julho de 2005

“Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor.”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, achando que há motivos de sobra para sorrir.

Leia-se a reportagem a partir da qual foi feita a análise. Ela pertence ao *website* do Senado:

Produzir é melhor do que deixar dinheiro parado

19 de julho de 2005

Segundo o presidente, a instalação da nova fábrica de Telefones Celulares LG em Taubaté é um convite para os empresários brasileiros, para que eles também invistam no país. “Fazer investimentos e acreditar que tem que fazer neste instante, para que a gente possa colher daqui a alguns anos aquilo que nós plantamos agora”, afirmou.

Lula lembrou o que tem dito desde o dia que tomou posse; “É preciso parar de uma vez por todas com o pessimismo nesse país. Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor”, disse o presidente durante o seu discurso na fábrica de Telefones Celulares da LG.

Para o presidente Lula, ninguém consegue construir nada positivo, se não acreditar, e o Brasil, segundo ele, tem uma chance exemplar. “Esse país tem uma chance extraordinária de dar um salto de qualidade e nunca mais voltar a ser aquilo que ele já foi, cresce um ano, decresce três, cresce dois, decresce quatro, cresce cinco, decresce dez. Nós já cansamos desse período”, disse Lula.

Lula terminou o seu discurso afirmando que os empresários brasileiros precisam acreditar, da mesma forma que a empresa coreana, LG, resolveu acreditar no Brasil, montando sua fábrica em Taubaté. “É importante que os empresários brasileiros não deixem para fazer amanhã o que eles podem fazer hoje. Invistam porque o Brasil precisa de vocês e porque vocês precisam do Brasil”, concluiu.

Há novamente uma paráfrase que se caracteriza pelo verbo *achar* no gerúndio, e pelo resumo, que avalia negativamente o enunciado do presidente Lula.

Em síntese, os textos-base não têm uma origem referenciada da qual *Veja* seleciona os intertextos. Averiguou-se que os possíveis textos-base participam da construção final do texto segmentado e do enunciado do jornalista ou de seu comentário através de paráfrases e por meio de léxicos que possuem carga semântica avaliativa, como os verbos.

3.1.b. O texto segmentado e o enunciado do jornalista: suas caracterizações

A seção “Veja essa” apresenta forma padrão para o processo de textualização e contextualização. A textualização refere-se às “falas” selecionadas dos enunciadorese selecionados, e a contextualização vem sempre depois da “fala” – comentário/enunciado do jornalista - e é construída por uma das seguintes estruturas: identificação do enunciador; um aposto que faz referência à sua profissão ou cargo que ocupa, ou uma explicação sobre o assunto, podendo ser avaliativa ou informativa.

Veja-se abaixo a análise feita à luz dos estudos de Pedrosa (2005).

3.1.b.a. A estrutura do texto segmentado

Averiguou-se que os segmentos de texto da seção “Veja essa” possuem estruturas repetitivas, embora diversificadas. Observou-se que os segmentos para a elaboração da seção provêm de fontes orais e escritas. Por isso não foi possível encontrar todos esses segmentos em seus textos-base, mas somente alguns, e de fontes diversas, como *websites* de jornais, por exemplo. Averiguou-se que tais segmentos podem ser classificados, quanto à temporalidade, em *situado* ou *eterno*.

O *situado* é aquele que possui situação comunicativa atual, como os referentes a fatos políticos, questões sociais, escândalos etc. Veja-se o exemplo abaixo, em que Lula discursa após ser reeleito:

“Vou chamar todo mundo para conversar, e quem não quiser vai ter de se explicar.”

Luiz Inácio Lula da Silva, intimando a oposição a negociar com o governo.

(08 de novembro de 2006)

Já o *eterno*, de característica atemporal, possui efeito independente da época em que é publicado. Veja-se o exemplo abaixo, que trata de segmento retirado de uma obra russa e que pode servir para qualquer outra ocasião ou acontecimento, e não somente para remeter à crise do PT:

“Como surgiu essa raça de lobos no meio do nosso povo? É a nossa raiz? É do nosso sangue?”

Alexander Soljenitsin, escritor russo, em *O Arquipélago Gulag*.

(08 de novembro de 2006)

Constatou-se que, tendo em vista as categorias semânticas – Atualidade e Inusitado – a construção da seção “Veja essa” dá-se, sobretudo, com segmentos *situados*. Na medida em que a narrativa vai sendo construída, segmentos são recontextualizados, a fim de atualizar o leitor sobre os fatos da semana.

Ao tratar de política, sobretudo no período de importantes denúncias que poderiam acarretar a derrota de Lula nas eleições de 2006, *Veja* procurou evidenciar os mais inusitados enunciados - *situados* -, com o propósito de avaliar negativamente o contexto político brasileiro, para que a opinião do público-leitor fosse assim construída.

Os enunciadores na seção “Veja essa” destacam-se por serem, sobretudo, políticos. A fim de atualizar o leitor e avaliar negativamente a situação, considerada um caos brasileiro, a Revista faz uso dos próprios participantes dos partidos, construindo um “ringue” de luta. Trata-se, portanto, de segmentos formados, em sua maioria, pelo discurso direto.

O discurso direto é apresentado como argumento de autoridade para a construção da opinião jornalística, pois há uma forma de ocultamento do sujeito enunciadador.

Veja-se abaixo a análise de textos-reduzidos publicados em 06 de setembro de 2006:

"Me dói ver o presidente da República dizer que todos são iguais. Iguais, não! Eu não sou igual a ele! Eu não sou igual a ele! Eu não sou igual a ele!"

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente, fazendo eco para apimentar a campanha do picolé de chuchu.

"Quando um menino bate carteira, é ladrão. Quando um deputado rouba milhões, é chamado de corrupto e dizem que ele fez um desvio."

Cristovam Buarque, candidato do PDT à Presidência, em entrevista ao jornal O Globo.

"Sou fofinha, cheirosinha e limpinha."

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência.

Esses três textos-reduzidos são construídos pelo discurso direto, de modo que *Veja* possa se ocultar, dando opinião acerca do tema em destaque. Isso demonstra que a Revista impõe sua opinião implicitamente por meio do discurso direto, de enunciados recontextualizados.

3.1.b.b. A estrutura do enunciado do jornalista

O enunciado ou comentário do jornalista possui as seguintes estruturas:

3.1.b.b.a. do ponto de vista textual

- Estrutura completa = identificação do enunciador + cargo/profissão do enunciador + explicação (avaliativa) sobre o assunto:

"Acho que foi muito negativa essa história do empréstimo. Isso realmente deixou uma situação difícil, se não impossível de explicar."

Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, sobre o empréstimo que o PT tomou com aval de Marcos Valério, que acabou pagando uma parcela.

(13 de julho de 2005)

- Estrutura incompleta = identificação do enunciador + cargo/profissão do enunciador:

“Estamos diante de uma forma nova de corrupção, organizada supostamente sob a batuta do principal partido de sustentação do governo, que veio à luz não por denúncias da oposição nem encontrou nela quem desse qualquer eco ‘golpista’. Quem pariu Mateus que o embale.”

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República.

(13 de julho de 2005)

3.1.b.b.b. do ponto de vista discursivo

Verificou-se que o enunciado do jornalista tem por objetivo principal contextualizar o leitor. Do ponto de vista discursivo, os enunciados do jornalista podem ser classificados em:

- Contexto informativo = aparentemente só traz informações sobre a situação:

“O Valdemar é galo mutuca. Bastou dona Simone dizer que ele recebeu 10,8 milhões, que ele botou 10 000 réis no veado e correu. Ele é galo mutuca. É galo corredor.”

Roberto Jefferson, na CPI do Mensalão, sobre a renúncia de Valdemar Costa Neto.

(10 de agosto de 2005)

- Contexto atrelado = necessita recorrer a outras frases, de modo a recuperar alguma informação para construir uma nova:

“O Paulo Betti e o Wagner Tiso estão falando besteira. Eles estão se envolvendo com a m... e quando você se envolve com a m... você acaba sujo.”

Aguinaldo Silva, autor de novelas da Globo.

(30 de agosto de 2006)

Ao fazer a leitura desse fragmento, o leitor necessita retomar a leitura dos seguintes fragmentos da mesma edição, 30 de agosto de 2006:

“Não estou preocupado com a ética do PT, nem com qualquer tipo de ética. Para mim, isso não interessa. Eu acho que o PT fez um jogo que tem de fazer para governar o país.”

Wagner Tiso, compositor de Coração de Estudante.

“Não dá para fazer política sem botar a mão na m...”

Paulo Betti, justificando as falcatuas petistas como inevitáveis na política.

- Contexto interpretativo ou tendencioso = apresenta avaliação feita pela revista *Veja*. Para Pedrosa (2005), o nome “tendencioso” é devido à invasão que *Veja* faz ao dar opinião, em um texto que será lido por milhares de pessoas, o que contribui para a construção da opinião pública.

“O capitalismo imperialista não conseguiu realizar seu objetivo, que era tirar Lula da estrada.”

Hugo Chávez, presidente venezuelano, cumprimentando o “grande irmão, amigo, companheiro socialista e líder operário.

(08 de novembro de 2006)

Nesse enunciado do jornalista, é evidente o lado tendencioso e avaliativo de *Veja*, sobretudo pelo uso de aspas, ao caracterizar Lula como “grande irmão, amigo, companheiro socialista e líder operário”.

A denominação exata do enunciado do jornalista depende do grupo social, da cultura, e da ideologia do leitor. O conhecimento de mundo, tanto o linguístico como o de crenças, varia de leitor para leitor, de acordo com a sua bagagem cultural e o momento histórico.

Portanto, para a interpretação de cada texto-reduzido, faz-se necessária a ativação da Memória de Longo Prazo, pois é por meio dela que o leitor consegue recuperar informações e, a partir desse momento, construir novos conhecimentos. Em todo esse processo, as crenças e valores ideológicos são altamente influenciados para uma nova opinião, que se constrói pela concomitância da avaliação da revista *Veja* e o conhecimento prévio do leitor.

3.2. A relação estabelecida pelo jornalista entre diferentes textos-reduzidos de uma mesma página e de páginas diferentes, dependendo do que está sendo noticiado

Este item apresenta a análise sobre a relação entre os textos-reduzidos publicados em uma única edição da seção “Veja essa”, bem como entre edições diferentes.

3.2.a. Relações intratextos de uma mesma página da seção “Veja essa”

A cada semana, a seção “Veja essa” é guiada pelas categorias semânticas da notícia: Inusitado e Atualidade. Há semanas em que as duas temáticas, isto é, o escândalo do Mensalão e a campanha de reeleição de Lula, são abordadas de formas diferentes, uma recebendo mais destaque que a outra. A primeira é avaliada negativamente - contra os membros do PT e do governo Lula -, servindo como argumento para que Lula não seja reeleito.

Para comprovação dessas informações, na apresentação da análise, foram escolhidas, aleatoriamente, 7 edições, consideradas suficientes por haver muita repetição acerca dos resultados. Veja a seguir:

1) Edição datada de 27 de julho de 2005:

Em **“Como em Quadrilha, de Drummond, as coisas não vão acabar bem. O presidente amava Dirceu, que amava Delúbio, que amava Sereno, que amava Genoíno, que amava Silvinho, que amava Valério, que pagava mensalão e faturava bilhão. Demóstenes Torres, senador (PFL-GO), no Painel da Folha de S. Paulo”**, há a escolha pela intertextualidade com o poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade:

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou pra tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes,
que não tinha entrado na história.

Esse tipo de seleção demonstra que *Veja* privilegia aqueles enunciados que têm teor lúdico, de modo a causar riso, na medida em que o riso tem por objetivo, aqui, construir uma reação negativa acerca de determinado assunto ou situação. Nesse enunciado, o risível se dá quando o leitor recupera na Memória de Longo Prazo o poema de Drummond que Demóstenes Torres parodiou para avaliar negativamente as denúncias sobre o PT.

Neste próximo fragmento, a intertextualidade com ditado popular também se apresenta como estratégia lúdica na escolha dos enunciados:

“Quem adquiriu a dívida no fio do bigode que se entenda no fio do bigode”.

Valter Pomar, terceiro vice-presidente do PT, defendendo o calote do partido na dívida com o publicitário Marcos Valério.

Esse texto-reduzido é composto por ditado popular que, no contexto político, tem por interpretação que o problema deve ser resolvido onde foi criado. Observa-se, também, que seu comentário é explicativo e ideológico (avaliativo), na medida em que utiliza o termo “defendendo”. O mesmo é observado em **“É melhor falar do que fazer bobagens. Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República, numa autocrítica aos próprios improvisos”**, em que há a intertextualidade com o tipo ditado popular: no enunciado e no comentário, a palavra “autocrítica” tem valor ideológico.

O jornalista escolhe enunciados nos quais existem termos e palavras de mesmo grupo léxico-semântico, que, por sua vez, constrói a imagem do presidente Lula, bem como, de seu partido. Observou-se que nem todos os enunciadores fazem parte do mesmo grupo social. A progressão temática é mantida também a partir de um grupo lexical. Vejam-se os textos-reduzidos abaixo:

“Mesmo com esse conluio de gangues partidárias que estamos vendo aqui, vou continuar ensinando os meus filhos a não roubar.”

Heloísa Helena, senadora (PSOL-AL).

“Imaginem, se esse esquema não fosse descoberto agora, quanto dinheiro o PT ia ter para as eleições do ano que vem. Não ia ganhar a eleição no voto, ia ganhar no pila (*dinheiro*).”

Pompeo de Mattos, deputado federal (PDT-RS), na CPI dos Correios.

“O senhor conhece uma cadeia por dentro?”

Denise Frossard, senadora (PSDB-RJ), para Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT, na CPI dos Correios.

“Na década de 80 os americanos recrutaram e treinaram Osama bin Laden, ensinaram-lhe como fazer bombas e matar para expulsar os russos do Afeganistão. Não pensaram no fato de que ele poderia se voltar contra seus criadores.”

Ken Livingstone, prefeito de Londres.

“Gisele Bundchen é uma concha oca, um grande vazio como pessoa, mas como modelo ela é excitante e interessante.”

John Casablancas, fundador da Elite Models.

O comentário somente com o nome do enunciador e a profissão é comum nos segmentos escolhidas por *Veja*. Observou-se que o sentido do enunciado diz o que *Veja* deve desejar e, portanto, retoma-se o conceito de metáfora cognitiva, na medida em que representa o valor ideológico daquele que a selecionou.

Em **“Trabalhar com a verdade é muito melhor. A desgraça da mentira é que, ao contar a primeira, você passa a vida inteira contando mentira para justificar a primeira que contou. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República”**, a estratégia de *Veja* é convencer o leitor de que Lula é mentiroso, e que assume essa atitude pelas próprias palavras.

Do mesmo modo, a imagem negativa de Lula e do PT é construída nos segmentos abaixo:

“Não há como excluir o presidente de tudo isso. De uma forma ou de outra o escândalo o atingirá de frente.”

Álvaro Dias, senador (PSDB-PR).

“Não há mais espaço para o PT no sistema político do Brasil.”

César Borges, senador (PFL-BA), no jornal inglês *Financial Times*.

“A contravenção bancou o PT nas eleições de 2002 e 2004 no Rio Grande do Sul.”

José Vicente Brizola, ex-diretor das Loterias do Rio Grande do Sul em depoimento na CPI dos Bingos.

Como já foi observado nas análises anteriores, existem fragmentos que não possuem relação com o conjunto temático da seção; entretanto observou-se que entre eles existe uma semelhança quanto aos enunciadores e quanto às palavras que constroem os enunciados. Veja baixo:

“Não vou fazer televisão nunca mais. Enjoei.”

Paulo Autran, ator.

“Eu não namoro ator, tampouco homens que se aproveitam da minha carreira.”

Jessica Alba, atriz.

Nesses dois textos-reduzidos, os enunciadores possuem a mesma profissão – atores – e também negam determinado comportamento – não fazer mais televisão/não namorar ator.

Observou-se nas análises que o comentário é um texto no qual o jornalista costuma inserir palavras ou expressões de teor avaliativo e, também, no qual somente diz o nome e a profissão do enunciador, sendo denominado como avaliativo/opinativo e incompleto, respectivamente.

Nos textos-reduzidos, a seguir, tem-se o caso em que *Veja* situa o leitor quanto ao fato e, ao mesmo tempo, impõe sua opinião - que é negativa - referente ao presidente Lula. A progressão temática sobre a ética da política brasileira mantém-se:

“Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor.”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, achando que há motivos de sobra para sorrir.

“Não sou uma mulher burra nem alienada. Chega um momento em que muitos fatos esquisitos passam a ser mais do que fatos esquisitos.”

Maria Christina Mendes Caldeira, acusando o ex-marido, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, de envolvimento com Delúbio Soares, em depoimento na CPI do Mensalão.

“Quem conhece política sabe como ela é feita há 500 anos no Brasil. Não vamos ser hipócritas.”

Silvio Pereira, ex-secretário do PT, justificando o uso de caixa dois na campanha eleitoral.

“Que história é essa de que todo mundo faz isso? Uma ova!”

Saturnino Braga, senador (PT-RJ), irritado por Delúbio Soares ter dito que caixa dois na campanha eleitoral é prática generalizada no Congresso.

Em resumo, essa edição preocupa-se com a progressão temática, a fim de se “costurarem” os textos-reduzidos construídos pelo Poder da revista *Veja*. Salienta-se novamente que nem sempre é possível observar a progressão temática entre todos os textos-reduzidos, a não ser, às vezes, somente por algumas seleções lexicais ou pelos enunciadores. Observou-se a existência de enunciados que possuem a intertextualidade como estratégia para causar riso, que, portanto, age para a construção da opinião pública, a partir da construção de imagens de cunho negativo.

2) Edição datada de 07 de junho de 2006:

O primeiro texto-reduzido da edição é uma estratégia de marketing:

“Embora não tenha cara de brasileira, tenho bunda de brasileira.”

Fernanda Motta, top model brasileira cheia de curvas, capa da revista *Elle* de junho.

A Editora *Abril* utiliza suas revistas para fazer propaganda umas das outras. O segmento possui palavras de sentido pejorativo, o que faz com que o leitor sinta interesse em ler, e talvez em comprar, já que pode despertar curiosidade. Aquilo que causa impacto na expectativa do leitor é propositalmente causado pela Revista, a fim de ele ter curiosidade de ler toda a reportagem e, portanto, comprar a revista *Elle* de junho. *Veja* constrói um escândalo com recursos linguísticos de teor depreciativo – bunda, cheia de curvas - acerca da postura da modelo Fernanda Motta, a fim de favorecê-la e dar-lhe maior destaque na mídia.

Esse tipo de prática jornalística surgiu há cerca de 50 anos. Segundo Marshall (2003), a imprensa atual é capitalista e substituiu a imprensa ideológica que antes existia. A informação agora depende mais do interesse econômico do veículo que do real interesse de sua publicação.

O texto-reduzido **“Não fazia parte da nossa cultura jurídica a reeleição. A reeleição com a permanência no cargo se torna perigosa em termos de desvirtuamento de desequilíbrio. Marco Aurélio Mello, presidente do Tribunal Superior Eleitoral”**, por exemplo, tem por estratégia a construção da imagem do presidente Lula, uma vez que está se candidatando à reeleição: o comentário é sucinto, somente com o nome e cargo do enunciador, o suficiente para declarar a opinião de *Veja*, demonstrando ser contra a reeleição de Lula. Esse texto-reduzido dialoga com:

“Eu também sou contra o meu nome.”

Ciro Gomes, ex-ministro da Integração Nacional, humilde, falando sobre uma possível indicação de seu nome para vice-presidente na chapa de Lula.

Veja utiliza esse texto-reduzido, abarcando duas estratégias políticas: na reafirmação de que é contra a reeleição e de que **Ciro Gomes** não está sendo nada humilde, que isso é somente estratégia política. Portanto, na medida em que o leitor percebe que **Ciro Gomes** está mentindo, cria-se o riso porque esse leitor não espera que *Veja* seja tão irônica, usando o termo “humilde”.

Mantendo a progressão temática, no texto-reduzido **“Se eu pudesse escolher, moraria em Paris, Nova York ou Londres. Não tenho nenhuma identificação com o Brasil. Não gosto de futebol, não como feijoada, não tomo cerveja nacional. E odeio Copa do Mundo. Ed Motta, cantor e compositor, em entrevista ao Jornal do Brasil”**, *Veja* afirma que os intelectuais brasileiros não têm nenhuma identificação com o Brasil.

Nos próximos três textos-reduzidos, há uma opinião direta de *Veja* sobre Roberto Jefferson:

“Ele (Daniel Dantas) deve ter alguma relação que lhe permita ameaçar tanto a oposição quanto o governo.”

Roberto Jefferson, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura.

“As pessoas se afastam. Eu me sinto um leproso ou aidético.”

Roberto Jefferson, *idem*.

“Eu sempre tive caixa dois.”

Roberto Jefferson, *idem*.

Observa-se que *Veja* apropria-se do discurso de Roberto Jefferson, para avaliá-lo negativamente como ladrão e corrupto.

Os comentários apresentam o contexto do enunciado, de acordo com a opinião de *Veja*:

“Tudo o que o PT disser do PSDB é verdade, e tudo o que o PSDB disser do PT também é verdade.”

Pedro Simon, senador (PMDB-RS), sobre a disputa eleitoral Alckmin-Lula, em entrevista à *Folha de S. Paulo*.

“O Zé Jorge não é nenhum Brad Pitt, mas é um grande homem.”

Tasso Jereissati, presidente do PSDB, sobre o vice do PFL na chapa de Geraldo Alckmin.

Em **“Os grandes ladrões estão bebendo uísque e roubando o povo. Marcelo Anthony**, o André da novela *Belíssima*, em entrevista ao *Jornal da Tarde*”, o leitor deve ativar a Memória de Longo Prazo, remetendo-se à imagem do presidente Lula. A progressão temática é mantida também neste texto-reduzido.

Nos próximos textos-reduzidos, há um diálogo, quando citam “ditadura” e “guerra” por meio da seleção lexical:

“Enquanto fala em ‘cortar salários, pensões e aposentadorias como uma medida exemplar’, o governo cria uma classe de privilegiados – a começar pelo Molusco – com superaposentadorias sob o pretexto de terem resistido à ditadura, uma prática indecente que não encontra paralelo em países onde as ditaduras foram bem mais cruéis e a luta, bem mais dura.”

Fritz Utzeri, colunista do *Jornal do Brasil*.

“Minha proposta não é só ir ao Supremo Tribunal Federal, é ir para a guerra.”

Fernando Gabeira, deputado federal (PV-RJ), indignado com as manobras do presidente do Senado, Renan Calheiros, que impede a instalação da CPI dos sanguessugas.

Esse segundo texto-reduzido apresenta comentário que contextualiza o enunciado. De maneira a manter o diálogo, o primeiro texto-reduzido - **“Queremos transformar a pedofilia no objeto de nossa discussão. A única maneira de falar sobre isso é no Parlamento. Ad van den Berg**, fundador do *Caridade, Liberdade e Diversidade*, o partido dos pedófilos da Holanda, em entrevista ao jornal *Algemeen Dagblad*” -, pode ser considerado como uma resposta para se resolver o problema da corrupção política, que não por meio de guerra.

Um diálogo é também criado entre estes textos-reduzidos publicados pela *Veja*:

“Cláudio Lembo fica com esse papo furado de elite branca. O problema dele é que nunca teve um voto na vida. Tem cara de burro.”

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), criticando o governador de São Paulo, que culpou a “elite branca” pela violência da criminalidade no estado.

“A frase de ACM é a forma como a minoria branca trata os demais. ACM age como senhor de engenho.”

Cláudio Lembo, respondendo a ACM durante sabatina na Folha de S. Paulo.

“O governador Cláudio Lembo é fruto do acaso e da pressão que o ilustre senador Marco Maciel exerceu para alçá-lo, sem que mérito ele tivesse, à condição de vice-governador (...) sem qualquer experiência a não ser a subalterna em um grande banco paulista.”

ACM, replicando.

Observam-se, também, os termos grifados, que são opinativos na construção da imagem tanto de ACM quanto de Cláudio Lembo.

Em resumo, essa edição manteve, quase que em todos os enunciados, a progressão temática. Os comentários são de tipo avaliativo e incompleto, numa perspectiva que remete à metáfora cognitiva. Diálogos são criados pela Revista, por meio de enunciadores que participam do mesmo grupo social, como os políticos, e por meio de segmentos que possuem conteúdo léxico-semântico similar.

3) Edição datada de 14 de junho de 2006.

Embora essa seção da revista *Veja* possua uma leitura multimodal, isto é, pode-se lê-la de vários modos, fez-se sempre, nesta pesquisa, uma leitura que se inicia pelo texto-reduzido localizado no topo da página do lado esquerdo, a primeira página. Esta edição inicia-se com o seguinte texto-reduzido:

“A desgraça de um país não é a sua elite, é não tê-la.”

Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, contrariando seu partido e seu chefe, que culpam “a zelite” por todos os problemas em que tropeçam.

Como foi observado nas outras edições apresentadas, a progressão temática acerca da crise ética da política brasileira é mantida pelo implícito, na medida em que o Poder escolhe determinado enunciado que pode dar voz à própria opinião.

O comentário do jornalista é denominado como avaliativo e contextualizador. Na expressão entre aspas – “a zelite” -, *Veja* pretende provocar o riso a partir do neologismo.

Em oposição à elite, nos textos-reduzidos abaixo há o diálogo que tem por tema as invasões do MST, mantendo o leitor atualizado acerca das notícias da semana. Nestes textos-reduzidos, a categoria semântica – Atualidade – está em evidência:

“Essa violência, esse destemor desses criminosos que invadiram a Casa do povo desse jeito, de alguma forma tem um estímulo, talvez, da própria impunidade que grassa hoje no país.”

Aécio Neves, governador de Minas Gerais, condenando a invasão do Congresso Nacional pelos sem-terra.

“Vocês foram escolhidos a dedo nos estados e terão papel fundamental na empreitada.”

Fala de dirigente dos sem-terra em um vídeo apreendido pela polícia que mostra uma reunião preparatória para a invasão do Congresso.

“Eu não vou te receber porque não converso com invasor. Tire esse pessoal daqui. Você vai ser autuado e preso.”

Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados, dando voz de prisão a Bruno Maranhão, dirigente petista e comandante da invasão dos sem-terra ao Congresso.

No próprio enunciado, *Veja* opina sobre as denúncias ligadas ao PT, tendo no comentário somente o nome e a profissão do enunciatador:

“Durante a campanha eleitoral, Lula poderá rever momentos pedagógicos capturados fora da CPI. Num deles, Lula afirma em Paris que o PT se limitou a fazer o que todos os partidos fazem: usou caixa dois. Noutro, o ministro da Justiça explica que ‘caixa dois é coisa de bandido.’”

Augusto Nunes, jornalista.

O marketing das revistas da Editora Abril, é construído, na seção “Veja essa”, sempre com fotos grandes, isto é, maiores que qualquer outra da seção. Nesta edição, ele é lido em uma posição atípica, no meio da seção:

“Recebi vários convites para ser modelo, mas viver só de alface e água não dá.”

Renata Fan, apresentadora da TV Record, capa da revista Boa Forma de junho.

O mesmo acontece em **“Pé na bunda é uma coisa que todo mundo leva um dia. Pode ficar tranquilo que um dia o seu chega. Daniella Cicarelli, modelo, sobre o fim de seu casamento, na capa da nova revista Capricho, nas bancas nesta semana”**, a fim de manter o leitor atualizado e tendo em vista toda a repercussão que se deu com o casamento de Daniella Cicarelli e Ronaldinho.

Continuando a atualização dos fatos da semana, observa-se a ausência de progressão temática acerca da política brasileira, quando outras notícias tiveram maior evidência na mídia durante a semana. *Veja* publicou, por exemplo, este texto-reduzido sobre o caso Suzane Von Richthofen:

“Seu azar foi ter se envolvido com um cafajeste. Ela foi escravizada psíquica e sexualmente – antes era supervirgem, nunca tinha beijado um homem na boca.”

Mauro Otávio Nacif, advogado de Suzane von Richthofen, que ajudou a matar os pais, tentando iniciar um processo de canonização de sua cliente.

Para dialogar com o enunciado de Daniella Cicarelli, em seguida há um diálogo recontextualizado por *Veja* entre Ronaldinho e Lula.

“Eu sei que ele está magro. Mas vira e mexe a gente lê na imprensa brasileira que ele está gordo, está gordo, está gordo, está gordo. Ele está gordo ou não está gordo?”

O presidente Lula, perguntando a Parreira sobre o estado físico do Fenômeno, em videoconferência com os membros da seleção brasileira.

“Eu também tenho coisas para perguntar a ele. Todo mundo diz que ele bebe pra caramba. Tanto é mentira que eu estou gordo quanto deve ser mentira que ele bebe pra caramba.”

Ronaldo, o Fenômeno, irritado com a repercussão da pergunta do presidente na imprensa.

Há avaliação negativa sobre Ronaldinho, devido à Copa do Mundo e avaliação negativa também sobre Lula. Ao ativar a Memória de Longo Prazo, o leitor relacionará Daniella Cicarelli com Ronaldinho, devido ao casamento de ambos, que suscitou grande repercussão social.

O texto-reduzido **“Perguntei para meu filho: ‘Você quer a camisa do papai?’. E ele respondeu: ‘Não, quero a do Ronaldinho’”**. *Cris*, zagueiro do Lyon, falando do filho Vinicius, de 8 anos.”, dialoga com as anteriores, a partir de seleções lexicais como “Ronaldinho”.

Neste texto-reduzido, **“Não tenho confiança em goleiro negro. O último foi o Barbosa, de triste memória. *Chico Anysio*, humorista, no diário *Lanc.*”**, a relação existente é quanto ao tema: esporte. Pode-se observar que há um diálogo, a fim de se manter a progressão temática.

Neste texto-reduzido, *Veja* faz uma avaliação aparentemente positiva sobre Geraldo Alckmin: **O Geraldo Alckmin é o genro que toda sogra queria ter. *Cláudio Lembo*, governador paulista, garantindo que votará em seu antecessor”**, embora esteja caricaturando-o com uma expressão popular (grifo), através de intertextualidade. Portanto, o leitor necessita recorrer à Memória de Longo Prazo. A partir desse momento, é causado o riso, através do qual a intenção do Poder é caricaturar Geraldo Alckmin.

Veja avalia negativamente o presidente Lula, no texto-reduzido **“Esse ‘nada sei’ do presidente foi realmente uma maneira de se proteger. *Roberto Busato*, presidente da OAB, sobre a estratégia utilizada pelo presidente Lula para enfrentar as acusações de corrupção em seu governo.”** No comentário, *Veja* contextualiza e avalia negativamente o presidente Lula.

Em **“Tirem o giz da mão de Bem Bernanke antes que ele machuque alguém. Bernanke ainda não percebeu que não pode escrever a coisa errada na lousa, dizer epa! E apagar tudo. *Sheldon Líber*, executivo da companhia de investimentos *Capital Innovations*, da Califórnia, sobre as declarações do presidente do Fed, o banco central americano, que derrubaram as bolsas do mundo todo”**, observou-se que sua relação com os textos-reduzidos se estabelece do ponto de vista semântico: ‘crise política’ é equivalente a ‘derrubaram bolsas do mundo todo’. O comentário é contextualizador e avaliativo.

Em resumo, nesta edição, predominam as seguintes características das relações existentes entre os textos-reduzidos da seção “Veja essa”: o marketing; a progressão temática tanto a partir do grupo léxico-semântico, quanto do tema predominante em todas essas edições analisadas, isto é, a crise política brasileira; os comentários predominantes em seus estilos contextualizador e avaliativo.

4) Edição datada de 30 de agosto de 2006:

Averiguou-se que, quando *Veja* tem uma estratégia de marketing, sempre a publica na parte superior da primeira e/ou da segunda página da seção, e sempre com uma foto grande da(s) entrevistada(s).

Nesta edição, vê-se essa estratégia da seguinte forma. O texto-reduzido abaixo está localizado na primeira página:

“Por mais moderno que o homem seja, ainda tem aquela mulher que é para casar, aquela que é para sair, aquela que é só para dar uns beijos...”

Amanda Francoso, apresentadora da TV Gazeta de São Paulo, capa da *Vip* de setembro.

Do mesmo modo, este texto-reduzido que está localizado na segunda página:

“Adoro fazer televisão. Mas todo mundo sabe: televisão não deixa de ser uma coisa assim meio padaria.”

Fernanda Paes Leme, na edição agosto/setembro da *Revista Oi*.

Ambas as “propagandas” estão nos topos das páginas.

Continuando a análise da seção, as denúncias políticas sobre o PT são alvos de *Veja*:

“Meus adversários podem fazer quantas denúncias quiserem. Eu não moverei uma palha, porque sei que vocês moverão o paiol inteiro contra eles.”

O presidente **Lula**, que não quer botar fogo no palheiro da campanha para não explodir o paiol da reeleição.

Lula utiliza intertextualidade em seu discurso e, no comentário, *Veja* ironiza o enunciado de Lula, utilizando o mesmo léxico “palha/palheiro/paiol”. Como dito na fundamentação teórica, a

intertextualidade serve como estratégia para a compreensão do conteúdo. Lula é reconhecido como um político que faz uso de um tipo de linguagem caracterizada como metafórica, a fim de atingir seu público-alvo.

“Deputado, o senhor não sabia que 90% dos parlamentares recebem uma beirada nas emendas?”

*Frase que o senador **Ney Suassuna** teria dito ao presidente da CPI dos Sanguessugas, deputado Antonio Carlos Biscaia, tentando justificar seu envolvimento com os sanguessugas.*

O texto-reduzido mantém o tema que avalia negativamente o governo federal. No comentário, *Veja* avalia negativamente as denúncias contra o PT. Esse texto-reduzido relaciona-se ao anteriormente analisado do ponto de vista temático.

Para dialogar com os “parlamentares” do texto-reduzido anterior, *Veja* seleciona este:

“Esse time aí é o reserva. O titular foi todo expulso. Era formado por José Dirceu, Delúbio, Genoíno, Silvio Pereira e Marcos Valério.”

***ACM Neto**, deputado federal (PFL-BA), sobre “o time do Lula” apresentado na propaganda eleitoral do PT.*

A metáfora é uma estratégia discursiva muito utilizada no discurso político, como as palavras que fazem parte do campo semântico futebolístico no texto-reduzido anterior. No comentário, *Veja* avalia Lula de modo negativo, utilizando a expressão “time de Lula”.

A intertextualidade novamente aparece em **“O grande problema (do Alckmin) é o programa de TV, que fica naquela de Manoel Carlos, Páginas da Vida. Isso é totalmente insuficiente. César Maia, prefeito do Rio, criticando o programa de TV picolé de chuchu da campanha de Geraldo Alckmin”**. Se o leitor não conhece a novela, não entende a opinião de *Veja*. O comentário é irônico a fim de caricaturar Geraldo Alckmin com “programa de TV picolé de chuchu”. O leitor necessita recuperar suas experiências na Memória de Longo Prazo para compreender esse texto-reduzido. Por isso, resalta-se a importância do conhecimento prévio para a interpretação e construção de novos conhecimentos.

Em **“Lula fez botox também no governo. A maquiagem no rosto foi só uma questão de vaidade. Já o envelhecimento precoce de seu governo é percebido por todos. José Carlos Aleluia, líder da oposição na Câmara, falando à Folha de S. Paulo sobre Lula ter feito aplicação de**

Botox no rosto”, o enunciado avalia negativamente a imagem de Lula em seu governo, e o comentário contextualiza o porquê do botox.

A avaliação negativa dada a Lula mantém a progressão temática da seção “Veja essa”:

“Se a imprensa desse para mim 10% de condescendência que deu para outros presidentes, eu teria hoje 70% dos votos.”

*O presidente **Lula**, que prefere uma imprensa mais condescendente*”, em que o presidente sugere uma situação de desejo óbvia.

“Eu já disse isso várias vezes. Se você quer uma manchete, ele é corrupto.”

***Heloísa Helena**, candidata do PSOL à Presidência, atacando de frente o presidente Lula*”, e *Veja* também está atacando o presidente Lula.

“Minha avó dizia que às vezes a culpa não é do caçador, mas da cachorrada.”

***Marcelo Crivella**, candidato do PRB ao governo do Rio, inocentando o presidente Lula diante dos escândalos de seu governo*”, com a intertextualidade no enunciado. No comentário, dá-se o contexto no qual *Veja* apresenta dados para que o leitor compreenda o enunciado de Marcelo Crivella, na referência a Lula.

Neste texto-reduzido, **“Não estou preocupado com a ética do PT, nem com qualquer tipo de ética. Para mim, isso não interessa. Eu acho que o PT fez um jogo que tem de fazer para governar o país. **Wagner Tiso**, compositor de *Coração de Estudante*.”**, *Veja* ironiza o enunciado de Wagner Tiso, utilizando a intertextualidade com música, de modo a avaliar negativamente o governo Lula e a posição de Wagner Tiso. O leitor não necessita recuperar na memória que Wagner Tiso é compositor de “Coração de Estudante”, na medida em que *Veja* oferece esse dado facilitador para a interpretação acerca da seleção feita, até a publicação desse segmento.

Os textos-reduzidos a seguir dialogam entre si, bem como com a frase anteriormente analisada. Muitas vezes, o leitor necessita ler textos-reduzidos anteriores para conseguir interpretar outros, como acontece em:

“Não dá para fazer política sem botar a mão na m...”

***Paulo Betti**, justificando as falcatuas petistas como inevitáveis na política.*

“O Paulo Betti e o Wagner Tiso estão falando besteira. Eles estão se envolvendo com a m... e quando você se envolve com a m... você acaba sujo.”

Aguinaldo Silva, autor de novelas da Globo.

Em resumo, esta edição mostra que *Veja* faz uso da seção “Veja essa” para fazer propaganda de revistas da mesma editora, a Abril. Além disso, fica comprovado que o tema “corrupção/mensalão/PT” é prioridade durante o período selecionado para esta pesquisa. A intertextualidade é - além do uso de metáfora - estratégia linguística que *Veja* utiliza para o processo de seleção, ao construir a seção “Veja essa”. Observou-se que, de modo geral, os textos-reduzidos podem se relacionar tematicamente uns com os outros.

5) Edição datada de 13 de setembro de 2006.

Novamente, a seção “Veja essa” serve de marketing para revista da Editora Abril, além de fazer propaganda da novela de maior audiência da rede Globo. O esquema de publicação é o mesmo observado nas outras edições, ou seja, com uma foto grande da entrevistada da revista-alvo, com enunciado atrativo:

“Não sou modelo para viver de alface e gelo! Não adianta nada ter um corpo sarado se a cabeça não está boa.”

Danielle Winits, a Sandra da novela Páginas da Vida, capa da revista Boa Forma de setembro.

Essa estratégia também demonstra que as revistas *Veja* e *Boa Forma* possuem leitores da mesma classe social. O mesmo acontece com a novela da rede Globo.

O valor de negação foi observado nos comentários dos textos-reduzidos abaixo:

“Nunca vi pessoas tão impressionadas com pesquisas quanto jornalistas.”

Geraldo Alckmin, candidato tucano à Presidência, confiante em que vai para o segundo turno das eleições.

O adjetivo – confiante - tem valor pejorativo, sobretudo tratando-se de políticos. Tendo em vista o contexto político brasileiro, *Veja* faz essa escolha lexical que possui valor negativo.

Do mesmo modo, neste fragmento:

“Nossos adversários estão tão nervosos que chegam até a babar de raiva.”

*O candidato **Lula**, nadando de braçadas nas pesquisas.*

A expressão “nadando de braçadas”, possui valor semântico negativo, a fim de avaliar o presidente Lula.

De modo a manter a progressão temática – avaliação negativa dada ao presidente - *Veja* constrói o texto-reduzido abaixo, para dizer que o povo brasileiro é ignorante por votar em Lula:

“O momento é estarrecedor. Se filmarem Lula com máscara, invadindo um banco para roubá-lo, vão dizer que ele queria roubar para dar aos pobres.”

***Pedro Simon**, senador (PMDB-RS), sobre a preferência esmagadora do eleitorado pelo candidato Lula, mesmo depois de tanto escândalo em seu governo.*

O comentário situa o leitor acerca do enunciado e o avalia negativamente.

Os dois textos-reduzidos a seguir dialogam, tendo a palavra “vomito” como elemento coesivo que mantém a progressão temática, do ponto de vista lexical:

“Eu não durmo com homem rico e ordinário. Eu vomito em cima.”

***Heloísa Helena**, candidata do PSOL à Presidência, falando na sabatina da Folha de S.Paulo sobre os rumores de que teria votado contra a cassação de Luiz Estevão, em 2000, por ter tido um affair com o ex-senador.*

“Resumo das eleições 2006: o Lula bebe, a Heloísa vomita e o Alckmin cai.”

***Ciro Botelho**, humorista e roteirista do Show do Tom, da Rede Record.*

A progressão temática mantém-se. Vejam-se os textos-reduzidos a seguir:

“Democracia não é só coisa limpa, não.”

*O candidato **Lula**, durante comício do candidato petista ao governo de Pernambuco, o ex-ministro Humberto Costa, indiciado pela Polícia Federal por envolvimento no escândalo dos sanguessugas.*

“Lula anda confuso. Acha que fala a linguagem do povo. Fala o dialeto dos cortiços. E se vai rendendo ao manual de etiqueta dos boçais.”

Augusto Nunes, *colunista do Jornal do Brasil, comentando o livro Viagens com o Presidente, em que Lula diz palavrões, xinga presidentes de países vizinhos e destrata funcionários subalternos.*

Os comentários contextualizam os enunciados, sobretudo com escolhas lexicais de valores semânticos negativos, a fim de avaliar se o presidente Lula é realmente adequado a reocupar o cargo como presidente da República em sua candidatura à reeleição.

No enunciado de Caetano Veloso, além de ter uma opinião sobre o PT, também há um jogo de marketing na venda no CD do cantor:

“Eu sou um simpatizante da esquerda por sede de harmonia, de dignidade e de justiça. Mas vejo frequentemente que é a esquerda que mais ameaça essas coisas que me levaram a me aproximar dela.”

Caetano Veloso, *cantor e compositor – que acaba de lançar o álbum Ce – em entrevista à Folha de S.Paulo.*

Portanto, a prática da propaganda novamente acontece na seção “Veja essa”, além de ser mantida a progressão temática acerca da política.

Nos fragmentos a seguir, tendo por ponto de vista o conteúdo semântico, há diálogo entre ambos, de maneira a avaliar negativamente a cultura política brasileira:

“Se eu vivesse num país pobre como a Noruega, teria de me aposentar aos 65 anos. Como moro num país rico como o Brasil, posso me aposentar aos 55.”

Fabio Giambiagi, *economista, nos Encontros no Globo, do jornal O Globo.*

“Eu me sentia uma pobre galinha, presa em um galinheiro.”

Natascha Hampusch, *a garota austríaca sequestrada que ficou dos 10 aos 18 anos no cativeiro.*

E a desejada saída de Lula do cargo da Presidência pode ser observada no papel de Tony Blair, em:

“A próxima conferência do partido será minha última como líder; o próximo Congresso Trabalhista será meu último. Mas não vou anunciar uma data precisa da minha saída do gabinete.”

Tony Blair, primeiro-ministro britânico, anunciando que deixará o cargo em aproximadamente doze meses.

Em resumo, a progressão temática foi mantida em quase toda a seção, por meio das escolhas lexicais e dos comentários feitos pela Revista. A intertextualidade é estratégia de interpretação para a leitura dos textos-reduzidos, enfatizando-se que é uma das principais características quanto à escolha dos segmentos para a construção da seção “Veja essa”. A propaganda é observada mais de uma vez nesta edição. Portanto, o discurso, além de objetivar a formação da opinião pública, implica também fazer propaganda de produtos vendáveis para o perfil dos leitores de *Veja*, como a revista *Boa Forma* e o CD de Caetano Veloso.

6) Edição datada de 03 de agosto de 2005.

Em **“Nunca me senti ameaçada, mas agora, pela primeira vez, eu me sinto forte. As pessoas estão agindo de modo diferente comigo. Tem gente que pensa que sou uma neonazista ou lésbica. Estou amando isso. *Natalie Portman, atriz americana nascida em Israel, referindo-se à cabeça raspada, visual que usou no filme V de Vingança e resolveu manter*”**, os termos grifados fazem parte do contexto político no qual o Brasil está vivendo. Isso significa que, no próprio enunciado, existe a opinião do jornalista, bem como a construção da imagem de Lula. Essa análise ajuda na construção do sentido global desta edição da seção “Veja essa”.

O diálogo entre fragmentos acontece nesta edição:

“O PT não é iludido em relação à intenção de alguns oposicionistas. Sabemos que alguns setores da oposição jogam no quanto pior, melhor”.

Ricardo Berzoini, secretário-geral do PT, vendo na oposição uma conspiração para o impeachment do presidente Lula.

“Eu sempre conspirei bem, mas não estou conspirando agora”.

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), negando que esteja apostando no impeachment.

Ricardo Berzoini e ACM dialogam sobre o impeachment de Lula, o que, conseqüentemente, dá a impressão de que a Revista está fazendo uma avaliação negativa a Lula. Também observaram-se palavras de mesma origem/formação. Isso demonstrou que existe uma preocupação léxico-semântica na construção da seção “Veja essa”.

A progressão temática mantém-se, como em:

“Este governo acabou”.

João Pedro Stedile, coordenador nacional do MST.

O comentário é breve, denominado como incompleto. Isso significa que o segmento dá a opinião de *Veja*.

No texto-reduzido **“Não vai ser a elite brasileira que vai fazer eu (sic) baixar a cabeça. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República”**, existe uma estratégia de *Veja* para construir a imagem de Lula de maneira negativa. O termo “(sic)” significa que Lula disse exatamente como está no enunciado: “fazer eu baixar a cabeça”. O presidente passa a ter uma imagem de pessoa de baixa escolaridade.

A mesma estratégia foi observada no texto-reduzido **“As CPIs tem que funcionarem (sic), tem que apurarem (sic). Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República”**. *Veja* mostra que o enunciado de Lula é o suficiente para o leitor saber quem é o presidente da República, cuja futura reeleição não deveria acontecer.

Os adjetivos também são elementos linguísticos utilizados pelos jornalistas. Veja-se o comentário do texto-reduzido **“O país é equilibrado, é maduro. O governo tem de subir para estar à altura do país. Roberto Civita, presidente do Grupo Abril e editor de Veja, comentando a serenidade da população diante da crise política, em contraste com as declarações destemperadas do governo, em entrevista ao programa Conexão Roberto D’Ávila, exibido na TV Cultura e na TVE Brasil”** em que a Revista dá sua opinião referente à crise política.

O mesmo acontece em **“Em 2000 eu comentei que o PT era o partido da boquinha. E parece que eu tinha razão. Anthony Garotinho, secretário de Governo e ex-governador do estado do Rio”**, em que o termo grifado do segmento avalia negativamente o governo Lula, com o uso de termos pejorativos, isto é, de carga semântica de valor negativo.

No comentário do texto-reduzido a seguir, há adjetivos que mantêm a avaliação negativa a Lula, o que garante a progressão temática desta edição da seção “Veja essa”:

“O que houve neste governo foi uma racionalização do uso dos recursos de publicidade institucional da administração direta, por meio de sua centralização na Secom e da negociação de preços com os veículos de comunicação”.

Luiz Gushiken, secretário de Comunicação de Governo e Gestão Estratégia da Presidência da República, tentando explicar o inexplicável.

A intertextualidade é fator essencial para a compreensão do fragmento a seguir, caso o leitor ainda necessite recuperar na Memória de Longo Prazo o conceito de “Franciscos”:

“Se nós tivéssemos 180 milhões de Franciscos, certamente o dinheiro do Brasil daria para a gente fazer muito mais coisas para o povo pobre deste país”.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, referindo-se ao faxineiro Francisco Cavalcante, que devolveu uma carteira com 10 000 dólares que encontrou num banheiro do aeroporto onde trabalha.

O comentário do jornalista é explicativo e avalia de modo negativo a honestidade que está em discussão no momento político atual. Esse fragmento dialoga com o seguinte:

“O Brasil não precisa de 180 milhões de Franciscos. Basta um, justamente na Presidência da República”.

Geddel Vieira Lima, deputado federal (PMDB-BA), no Painel da Folha de S.Paulo.

Nos enunciados dos fragmentos a seguir, já existe a opinião da Revista, que avalia negativamente o governo Lula:

“O PT antecipou à lei e criou o financiamento público de campanha”.

Sidney Beraldo, deputado estadual (PSDB-SP), no Painel da Folha de S.Paulo.

“Eleito para tornar o Brasil e seu governo mais eficientes, limpos e justos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva parece estar tropeçando nas três áreas”.

Do jornal inglês Financial Times.

Seus comentários são denominados incompletos, na medida em que possuem somente a profissão/cargo do enunciador, não necessitando de nenhum comentário avaliativo do editor da seção “Veja essa”.

Veja constrói usualmente a imagem de celebridades também. Observam-se os textos-reduzidos:

“Eu sou vítima de estereótipos. Venho da América Latina e alguns acham que somos uns fracassados, uns narcotraficantes”.

***Ricky Martin**, cantor porto-riquenho e embaixador da Boa Vontade da ONU, durante a Conferência Anual das Crianças Árabes, em Aman, na Jordânia, oferecendo-se para ser o porta-voz dos árabes contra o preconceito.*

“Se eu pudesse, viveria nua como Eva no paraíso”.

***Shakira**, cantora colombiana.*

Pressupõe-se que os termos grifados possam dialogar, na medida em que a Colômbia é um país conhecido pelo tráfico de drogas.

Quanto à intertextualidade, ela aparece no segmento do texto-reduzido:

“Hoje, até mulher grávida faria gol no Vasco”.

***Renato Gaúcho**, técnico do Vasco da Gama, depois da derrota por 7 a 2 para o Atlético Paranaense.*

Portanto, o leitor necessita conhecer a expressão popular “até mulher grávida faria gol no Vasco”. Pressupõe-se que esse enunciado tenha relação com a política brasileira, que andaria tão fraca quanto o Vasco.

Em resumo, esse tipo de resultado não se quer conclusivo, trata-se de uma hipótese mas, na medida em que foram observadas tantas estratégias cognitivas para a interpretação dos textos-reduzidos da seção “Veja essa”, talvez essa hipótese seja verdadeira. Do contrário, mantém-se a análise de que nem todos os fragmentos fazem parte do fio estruturador – coesivo - que mantém a progressão temática.

Dentre os resultados desta análise, considera-se importante salientar que, na leitura da seção “Veja essa” existe um esquema estruturador coesivo que visa à coerência, isto é, a um sentido global.

Entretanto, como já dito, observou-se que não existe esse fio condutor em 100% dos segmentos, mas, de modo a atualizar o leitor e causar-lhe o riso e o escândalo no ato de interpretação, 99% dos textos-reduzidos selecionados para esta pesquisa abordam a política brasileira em um momento de turbulência, e possuem um esquema coerente na designação de significados. A progressão temática manteve-se de modo a construir um sentido global.

Em todo segmento, sobretudo aqueles que tratam da construção da imagem acerca da política brasileira enquanto prática abusiva do poder constitucional, o escândalo é prática ideológica. A imagem de Lula é destruída, isto é, o poder simbólico é, por várias vezes, participante desse ato para a construção da opinião do público-leitor de que Lula não deveria ser reeleito.

Retomando Thompson (2002), o escândalo caracteriza-se pelo livre-arbítrio de poder agir da maneira como se deseja, além de que toda prática social pressupõe uma prática do poder. Portanto, na medida em que a revista *Veja* é a de maior circulação no País, entende-se que tem uma prática social que interessa sobretudo aos políticos e, contudo, pretende uma formação da opinião pública de acordo com seus interesses: avaliar positiva ou negativamente determinado político.

O escândalo pressupõe o riso ou o contrário. Isso se constata a depender da interpretação de cada leitor. O riso pode pressupor o escândalo, na medida em que o leitor perceba a irregularidade do sentido do fragmento publicado na seção “Veja essa”. Ao reformular sua hipótese por meio da Memória de Longo Prazo, dá-se o riso que, por consequência, cria a sensação de escândalo.

Constata-se, a partir das análises apresentadas, que a seção “Veja essa” objetiva construir a opinião pública pelo riso e pelo escândalo, por meio da seleção de ora enunciados lúdicos, ora criação de diálogos, ora publicação de enunciados cujo valor léxico-semântico agride o senso comum.

Em resumo, estas sete edições apresentadas integralmente do ponto de vista discursivo comprovam que a seção “Veja essa” possui estilo próprio, e que ele se mantém em todas as edições. Um de seus objetivos é provocar o riso a partir de textos-reduzidos que avaliam negativamente a política brasileira, sobretudo porque são edições datadas entre os períodos de denúncias do “mensalão” até a reeleição de Lula. Esse tema é prioridade na Revista, a fim de construir ou reformular a opinião de seu público-leitor, além de ser tema predominante durante as semanas no período analisado.

3.2.b. Relações de intertextos entre edições diferentes da seção “Veja essa”

Na edição do dia 14 de junho de 2006, *Veja* publica o trecho polêmico da entrevista do presidente Lula sobre a Copa do Mundo, em que ele faz uma pergunta sobre Ronaldo:

“Eu sei que ele está magro. Mas vira e mexe a gente lê na imprensa brasileira que ele está gordo, está gordo, está gordo, está gordo. Ele está gordo ou não está gordo?”

O presidente Lula, perguntando a Parreira sobre o estado físico do Fenômeno, em videoconferência com os membros da seleção brasileira.

Nesse momento, *Veja* avalia negativamente o jogador Ronaldo, ativando a memória do público-leitor sobre as condições físicas do jogador, que o desqualificam diante do mais importante evento futebolístico do mundo e, sobretudo, do Brasil, a Copa do Mundo.

Em seguida, a Revista recontextualiza o enunciado do Ronaldo, que foi questionado sobre o que o presidente Lula havia dito:

“Eu também tenho coisas para perguntar a ele. Todo mundo diz que ele bebe pra caramba. Tanto é mentira que eu estou gordo quanto deve ser mentira que ele bebe pra caramba.”

Ronaldo, o Fenômeno, irritado com a repercussão da pergunta do presidente na imprensa.

O jogador responde ironicamente, avaliando de maneira negativa a reputação de Lula, uma vez que foi ativada a Memória de Longo Prazo do público-leitor quanto aos boatos de que o presidente gosta de beber.

Na edição da semana seguinte, datada de 23 de junho de 2006, *Veja* recontextualiza a entrevista que Jô Soares fez com Raica de Oliveira, à época namorada do jogador Ronaldo, e o faz de maneira a avaliar positivamente o entrevistador Jô Soares, mas negativamente Raica e, por sua vez, Ronaldo.

“Eu não acho que o Ronaldo está gordo. A mídia exagera muito.”

Raica de Oliveira, modelo e namorada do Fenômeno, no Programa do Jô.

“Nossa! Eles acham que EU sou gordo!!!”

Jô Soares.

“Ah, não se pode comparar você com o Ronaldo...”

Raica de Oliveira.

“Não, claro, eu não jogo há muito tempo.”

Jô Soares.

Veja ativa a memória do leitor sobre as entrevistas de Lula e Ronaldo, diante dos boatos que estavam afetando o jogador na Copa do Mundo. Ronaldo é tratado como atleta fora de forma. *Veja* avalia-o negativamente, através da avaliação positiva dada a Jô Soares.

Em seguida, a Revista remete às denúncias de corrupção do governo Lula, quando ironiza a estratégia política do presidente:

“O que vale é a vitória. Com o gol de cabeça, peito, bicicleta ou canela.”

Luiz Inácio da Silva, o Lula, levando sua estratégia política para o futebol.

Em síntese, os resultados obtidos indicam que as Revistas dialogam entre si, de modo a manterem a progressão temática de acordo com o acontecimento no tempo. Seus textos-reduzidos são construídos segundo os valores e cultura do Poder da empresa-jornal.

3.2.c. Reconstrução da narrativa do fato noticioso por intertextos da seção “Veja essa

Este subitem tem por objetivo apresentar a análise acerca da reconstrução narrativa do fato noticioso, desde a denúncia do “mensalão” até a reeleição de Lula no 2º turno, em 2006.

Constatou-se que é construída uma narrativa na seção “Veja essa”, na medida em que os fatos vão acontecendo no dia-a-dia e *Veja* atualiza-os semanalmente para os leitores, de acordo com as categorias semânticas: Atualidade e Inusitado. Portanto, a seção “Veja essa” é composta por segmentos de texto caracterizados pela interdiscursividade e dispostos, na seção, em duas páginas, sendo que a disposição dos textos segue ora os diálogos recontextualizados entre políticos, com perguntas e respostas, bate-bocas, por exemplo, ora uma linha acerca de um tema, mesmo tratando-se de sujeitos que fazem parte de práticas sociais diferentes.

A interdiscursividade, segundo Maingueneau (1993) visa à formação discursiva, a partir de enunciados já construídos e que, ao serem reformulados, sofrem alterações, uma vez que o enunciador-recontextualizador possui memória discursiva diferente daquele que produziu efetivamente o enunciado. A Memória de Longo Prazo participa, portanto, da reconstrução desse texto que sofre modificação a partir das informações armazenadas na memória do grupo Abril, que segue determinada ideologia, cujo sujeito-produtor, o editor, responsável pela seção “Veja essa”, deve seguir. A seção “Veja essa”, portanto, está preocupada em fazer cumprir o papel social da revista *Veja*.

Para Maingueneau (1987), o interdiscurso consiste na construção de um discurso a partir de outro já existente. Isso significa que todo o dito não é dito pela primeira vez, e sim uma reconstrução a partir dos conhecimentos armazenados, construídos pelo sujeito enunciador, e estão na Memória de Longo Prazo.

Apresentar-se-á a análise de 44 exemplares da revista *Veja*, a fim de justificar a afirmação de que, para a construção da narrativa, a seção “Veja essa” compõe-se de notícias constituídas por intertextos e interdiscursos cujos segmentos são selecionados de acordo com as duas categorias semânticas: a Atualidade e o Inusitado.

Segue a análise de todas as edições selecionadas para esta pesquisa:

13 de julho de 2005

Nesta edição, *Veja* discorre sobre as denúncias de corrupção no governo Lula, iniciadas pelos próprios membros do partido do governo, porque alguns integrantes da considerada “facção corrupta” estariam sendo lesados pelos próprios colegas.

“Quando assinei, foi em confiança ao Delúbio.”

José Genoíno, justificando sua assinatura junto com o publicitário Marcos Valério num empréstimo para o PT.

Nesse texto-reduzido, constata-se o ato corrupto que gerou as denúncias do PT, avaliando-se o partido dos Trabalhadores de modo negativo.

“Estamos diante de uma forma nova de corrupção, organizada supostamente sob a batuta do principal partido de sustentação do governo, que veio à luz não por denúncias da oposição nem encontrou nela quem desse qualquer eco ‘golpista’. Quem pariu Mateus que o embale.”

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República.

É apresentada uma constatação acerca da corrupção, e por ela pode-se verificar que *Veja* utiliza esse texto-reduzido para relatar exatamente o ato de corrupção do PT, que fora denunciado por integrantes do próprio partido.

“Acho que foi muito negativa essa história do empréstimo. Isso realmente deixou uma situação difícil, se não impossível de explicar”.

Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, sobre o empréstimo que o PT tomou com aval de Marcos Valério, que acabou pagando uma parcela.

Nesse texto-reduzido, *Veja* confirma o porquê das denúncias, no fato do empréstimo que Marcos Valério recebeu. No comentário, *Veja* ironiza o papel de Marcos Valério, dizendo “que acabou pagando uma parcela”, na medida em que ele foi um dos condenados por esse ato de corrupção.

Em resumo, nesta edição, constata-se que a revista *Veja* avalia negativamente o PT, informando ao leitor o porquê de se fazer a denúncia a respeito do partido.

20 de julho de 2005

“Acho que o meu pai será o gerente de uma grande massa falida”.

Luciana Genro, filha do ministro da Educação, Tarso Genro, novo presidente do PT.

Nesse texto-reduzido, a revista *Veja* informa ao leitor que José Genoíno renunciou ao cargo de presidente do PT, na medida em que assinou o empréstimo dado a Marcos Valério. O enunciado avalia negativamente o partido que é considerado falido.

“Na melhor das hipóteses, Lula, o senhor é um idiota. Na pior, o senhor é corrupto”.

Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado, na CPI dos Correios, insinuando que o presidente sabia da corrupção e não fez nada ou não sabe o que acontece em seu governo.

Nesse texto-reduzido, *Veja* mantém a narrativa de acordo com o acontecimento do tempo, seguindo os critérios do contexto local – a Atualidade e o Inusitado – sobre a polêmica de que Lula não sabe nada acerca do que está acontecendo em seu partido. Por meio do enunciado de Arthur Virgílio, *Veja* avalia negativamente o presidente, selecionando o enunciado que possui duas palavras de valores negativos (idiota e corrupto). No comentário, o verbo “insinuar” pressupõe o que diz o enunciado, sobre a hipótese de que Lula sabia do ato de corrupção de seu partido.

“Do PT prenderam a cueca; do PFL, a mala; do PSDB, o guarda-roupa inteiro”.

Jorge Bastos Moreno, jornalista, sobre a prisão da dona da Daslu, onde dizem que os tucanos se vestem.

“Vocês querem ver a minha cueca também?”

Eduardo Suplicy, senador (PT-SP), mostrando aos jornalistas sua carteira com uns caraminguás.

Nesses textos-reduzidos, o leitor atualiza-se acerca dos acontecimentos considerados inusitados pela mídia, sobretudo o dinheiro encontrado na cueca, que causou um enorme escândalo.

Em resumo, *Veja* mantém a narrativa sobre as denúncias do governo Lula, atualizando-a com entrevistas feitas com políticos e seus parentes, tanto de dentro como fora do Congresso Nacional.

27 de julho de 2005

“Quem adquiriu a dívida no fio do bigode que se entenda no fio do bigode”.

Valter Pomar, terceiro vice-presidente do PT, defendendo o calote do partido na dívida com o publicitário Marcos Valério.

Nesse texto-reduzido, *Veja* atualiza o leitor, informando-o de que o PT possui uma dívida com Marcos Valério.

“Trabalhar com a verdade é muito melhor. A desgraça da mentira é que, ao contar a primeira, você passa a vida inteira contando mentira para justificar a primeira que contou”.

Luiz Inácio Lula da Silva, *presidente da República*.

“Não há como excluir o presidente de tudo isso. De uma forma ou de outra o escândalo o atingirá de frente”.

Álvaro Dias, *senador (PSDB-PR)*.

Nesses textos-reduzidos, a estratégia de *Veja* é fazer com que o leitor entenda que Lula é mentiroso, e que assume essa atitude pelas próprias palavras, isto é, ele diz que não sabe de nada sobre o que acontece em seu partido, mas poderá ser atingido, segundo o senador de PSDB do Paraná.

“Tem gente que levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor”.

Luiz Inácio Lula da Silva, *presidente da República*, *achando que há motivos de sobra para sorrir*.

Esse texto-reduzido informa ao leitor que o presidente Lula continua a afirmar não saber nada acerca das denúncias de corrupção do PT, avaliando o presidente negativamente.

“Quem conhece política sabe como ela é feita há 500 anos no Brasil. Não vamos ser hipócritas”.

Silvio Pereira, *ex-secretário do PT*, *justificando o uso de caixa dois na campanha eleitoral*.

Esse texto-reduzido informa o leitor acerca da denúncia do uso de caixa dois, na campanha eleitoral do PT.

<u>Em resumo</u>, a narrativa relata os seguintes fatos: PT tem dívida com Marcos Valério; Lula continua a negar que sabe sobre as denúncias de corrupção; uso de caixa dois pelo PT, em campanha eleitoral.

03 de agosto de 2005

“O PT não é iludido em relação à intenção de alguns oposicionistas. Sabemos que alguns setores da oposição jogam no quanto pior, melhor”.

Ricardo Berzoini, secretário-geral do PT, vendo na oposição uma conspiração para o impeachment do presidente Lula.

“Eu sempre conspirarei bem, mas não estou conspirando agora”.

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), negando que esteja apostando no impeachment.

De modo a manter a progressão temática de acordo com o acontecimento do tempo, *Veja* atualiza o leitor de que a oposição deseja que Lula sofra o *impeachment*.

“As CPIs tem que funcionarem (*sic*), tem que apurarem (*sic*)”.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República.

Veja informa o leitor de que várias CPIs foram abertas para apurar as denúncias de corrupção do PT.

“Se nós tivéssemos 180 milhões de Franciscos, certamente o dinheiro do Brasil daria para a gente fazer muito mais coisas para o povo pobre deste país”.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, referindo-se ao faxineiro Francisco Cavalcante, que devolveu uma carteira com 10 000 dólares que encontrou num banheiro do aeroporto onde trabalha.

“O Brasil não precisa de 180 milhões de Franciscos. Basta um, justamente na Presidência da República”.

Geddel Vieira Lima, deputado federal (PMDB-BA), no Painele da Folha de S.Paulo.

Nesses textos-reduzidos, a narrativa atualiza o leitor e mantém a progressão temática, com a notícia do faxineiro Francisco Cavalcanti, que devolveu 10.000 dólares que encontrou em um banheiro do aeroporto onde trabalha (notícia inusitada); ação que se opõe às atitudes do PT, e do presidente Lula.

Em resumo, esta edição narra novos acontecimentos: desejo do *impeachment* de Lula; aberturas de CPIs contra as denúncias do PT; notícia inusitada do faxineiro (metáfora construída em destaque às atitudes do PT).

10 de agosto de 2005

Se eu for candidato, com ódio ou sem ódio, eles vão ter que me engolir outra vez, porque o povo brasileiro vai querer.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, discursando em palanque na sua cidade natal, Garanhuns, em Pernambuco.

Nesse texto-reduzido, *Veja* atualiza o leitor de que Lula é um possível candidato à reeleição à Presidência, mesmo após todas as denúncias sobre o PT.

Novas denúncias vão sendo feitas e *Veja* mantém a narrativa, atualizando os fatos de modo a mostrar aqueles mais inusitados e mantendo o principal objetivo da mídia: informar, de modo a atingir o maior número de leitores, através de fragmentos que chamem a atenção do seu público-alvo.

Para Charaudeau (2006), a informação é sempre dotada do interesse daquele que a publicou. Portanto, nada do que se lê é inocentemente publicado, como se vê nos textos-reduzidos abaixo, em que José Dirceu é acusado de corrupção. *Veja* recontextualiza o diálogo entre José Dirceu e Roberto Jefferson. Portanto, o leitor é atualizado de que as CPIs estão ocorrendo e de que os acusados estão sendo questionados acerca do assunto:

“Primeiro, eu fico indignado. Depois eu digo que o senhor mente. É mentira!”

José Dirceu, respondendo a Jefferson.

“Tenho medo de vossa excelência. Vossa excelência me provoca os mais primitivos instintos”.

Roberto Jefferson, dirigindo-se a José Dirceu na Comissão de Ética.

“O Valdemar é galo mutuca. Bastou dona Simone dizer que ele recebeu 10,8 milhões, que ele botou 10 000 réis no veado e correu. Ele é galo mutuca. É galo corredor”.

Roberto Jefferson, na CPI do Mensalão, sobre a renúncia de Valdemar Costa Neto.

“Eu sou inocência!”

José Dirceu, na Comissão de Ética, querendo dizer que é inocente.

Em resumo, por meio da narrativa, *Veja* atualiza o leitor de que Lula possivelmente se recandidatará à Presidência; e de que as CPIs estão acontecendo.

24 de agosto de 2005

"Se meu pai fosse vivo, dava um tapa no pé da orelha dele para ele ser mais vivo. Meu pai ia chamar a atenção e cobrar mais coerência e maturidade."

Jackson Inácio da Silva, irmão do presidente Lula, na Folha de S.Paulo.

Nesse texto-reduzido, *Veja* enfatiza a ideia de que Lula sabia de tudo, por meio do enunciado do próprio irmão do presidente. Portanto, o leitor é atualizado de que toda a sociedade, até parentes próximos a Lula, está criticando-o, quando ele diz que não sabia do que estava acontecendo em seu governo.

"Ele não disse quem o traiu, por que foi traído, qual é a traição. Se ele considera que já prestou as satisfações devidas, é problema dele".

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, que não foi dos mais empenhados em apurar denúncias de corrupção em seu governo.

A narrativa progride com a notícia do boato de que o governo FHC não foi investigado como está sendo com o governo Lula.

"Se ficar comprovada a desonestidade pessoal e cabal do presidente, não vamos poupá-lo. Impeachment não se pede, mas também não se impede".

Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado.

O possível *impeachment* de Lula continua a surgir nas notícias.

Em resumo:

Lula – valores negativos (não sabe o que acontece em seu governo / desejo da sociedade pelo *impeachment*);

FHC – valores negativos (governo não rastreado como o do Lula).

07 de setembro de 2005

"Senhor presidente, peço a palavra, pela ordem, para uma reclamação. Já pedi a palavra há algum tempo e vossa excelência finge que não está vendo".

Fernando Gabeira, deputado federal (sem partido-RJ), dirigindo-se ao presidente da Câmara, ***Severino Cavalcanti***.

"Então, vossa excelência tem a palavra. Vossa excelência falou muito baixo ou muito fino".

Severino Cavalcanti, respondendo com sua típica educação.

"Vossa Excelência concedeu uma entrevista à *Folha de S.Paulo* não compatível com um presidente da Câmara. Ou vossa excelência começa a ficar calado, ou vamos iniciar um movimento para derrubá-lo".

Fernando Gabeira, acusando Severino de defender empresas que utilizam trabalho escravo e de se comportar de forma indigna no cargo.

Nessas frases, foi recontextualizado o diálogo ocorrido nos depoimentos das CPIs entre Fernando Gabeira e Severino Cavalcanti.

"Juscelino várias vezes apareceu nas primeiras páginas dos jornais deste país como ladrão, tentaram cassá-lo duas vezes, tentaram dar golpe de Estado, tentaram matá-lo, inclusive, e ele nunca perdeu a paciência".

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República.

Nesse momento, Lula mostra-se paciente, apesar de todas as acusações contra ele.

"Eu não estou aqui para ver o PT se arrebentar. O Brasil precisa de partidos que tenham uma certa história, e o PT tem".

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República.

FHC continua parecer estar ao lado do PT, na crise pela qual o partido está passando, com receio de que vasculhem seu governo, antecessor do governo Lula.

"A mim não interessa se era mensal, semanal, semestral, episódico. O que importa é que o sujeito recebeu dinheiro para mudar seu voto, mudar de partido, apoiar o governo, e isso é motivo mais que suficiente para cassar".

José Thomaz Nonô, primeiro vice-presidente da Câmara dos Deputados.

Notícia sobre a cassação de políticos e sobre denúncia contra políticos que receberam propina para receber votos, mudar de partido, e apoiar o governo Lula.

"Ele foi muito fiel ao ministro e aos amigos. Foi uma sessão de mentira cívica".

Leonel Pavan, senador (PSDB-SC), sobre o depoimento de Juscelino Dourado, chefe-de-gabinete do ministro da Fazenda, Antonio Palocci.

Notícia de que o senador Leonel Pavan estava ao lado de Antonio Palocci, que estava sofrendo acusações, ou seja, *Veja* atualiza o leitor acerca de denúncias a respeito de Antonio Palocci.

Em resumo, depoimentos de CPIs; a falta de preocupação de Lula; o medo de Fernando Henrique na possível investigação de seu governo; propina para estimular a oposição a apoiar o PT; Palocci sofre acusação.

14 de setembro de 2005

"Severino adotou o modo Lula de ser. Começa negando as acusações. Depois, responsabiliza adversários por erros que cometeu. O próximo passo será dizer que foi traído".

Eduardo Paes, deputado federal (PSDB-RJ).

Nesse texto-reduzido, o leitor é atualizado de que Lula continua a não se responsabilizar pelas denúncias de corrupção do PT e passa a acusar os partidos adversários.

"O Jefferson e o Dirceu são a essência do teatro: protagonista e antagonista. Jefferson saiu da mentira para a verdade e o Dirceu, da verdade para a mentira".

Nelson Rodrigues, cronista e dramaturgo morto em 1980, em "conversa do além" com o genial cronista Arnaldo Jabor.

Informação de que Roberto Jefferson foi quem começou o ataque de denúncias de corrupção no PT, e que, a partir daí, José Dirceu passou a ser acusado.

"A questão não é que o PT não enxerga a solução, é que o PT não vê o problema".

Joelmir Betting, comentarista econômico.

Lula continua a negar que sabia dos casos de corrupção.

"Temos de parar de agir como as patas, que botam ovos caladas, e fazer como as galinhas, que não param de cacarejar".

Anthony Garotinho, ex-governador do Rio, fazendo filosofia de granja em reunião do PMDB fluminense.

Informação de que a oposição anda calada demais, com medo de que o PT insista na investigação de possíveis atos de corrupção do governo FHC.

Em resumo: Severino Cavalcanti = Lula – defendendo-se, a fim de acusar a oposição.

José Dirceu e Roberto Jefferson – valor negativo.

Ignorância de Lula acerca das denúncias.

Oposição com medo de possível investigação no partido.

05 de outubro de 2005

"É a vitória do mensalão!"

Alberto Goldman, líder do PSDB na Câmara, sobre a vitória de Aldo Rebelo para a presidência da Casa com a colaboração dos deputados do PTB, PP, e PL, os envolvidos no escândalo do Mensalão.

Notícia de que as CPIs não estão adiantando, no sentido de que os políticos corruptos sejam punidos.

“Dirceu entregou o Lula. Aliás, não tem feito outra coisa. Já disse que Delúbio não era do time dele. De quem é? Agora, não nega que o PT se comprometeu com os 20 milhões de reais do PTB. Mais que uma entrevista, foi uma delação não premiada”.

César Maia, prefeito do Rio, sobre a entrevista de José Dirceu (PT) à Folha de S. Paulo.

Notícia de que as CPIs continuam a acontecer, e de que Dirceu parece ter denunciado o PT.

<u>Em resumo</u> : as CPIs estão ocorrendo, mas ninguém está sendo punido. Dirceu denuncia o PT.
--

19 de outubro de 2005

“Sou pantaneiro. Não dá para andar no Pantanal desarmado”.

Delcídio Amaral, senador (PT-MS), presidente petista da CPI dos Correios, na coluna de Mônica Bergamo, na Folha de S. Paulo, dizendo que votará contra a proibição da venda de armas.

"Onde tem muito artista falando, já se sabe que não é coisa boa. É tudo um bando de 'maria-vai-com-as-outras'. Ficam gritando 'Lula lá!, Lula lá!' e, depois que o Lula faz essa c... toda, não aparece quase ninguém para comentar”.

Fagner, cantor e compositor, em entrevista a Mônica Bergamo, dizendo que votará NÃO, contra a proibição da venda de armas.

<u>Em resumo</u> : textos-reduzidos que remetem ao plebiscito sobre o desarmamento, o que serviu para “abafar” o caso de denúncias do “mensalão”.

26 de outubro de 2005

"Não se consegue conceber que, sendo o ex-ministro José Dirceu o homem forte do governo Lula na área política durante trinta meses, o responsável pela articulação da base aliada no Congresso, o chefe, enfim, de toda a costura política do governo, pudesse ter estado alheio ao gigantesco esquema de repasse irregular de verbas entre o PT e outros partidos da base".

Júlio Delgado, relator do processo de cassação de José Dirceu (PT-SP) no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, em trecho de seu parecer.

"José Dirceu deve ser cassado pelo conjunto da obra: como presidente do PT, como ministro e como deputado".

Alberto Goldman, líder do PSDB na Câmara.

Textos-reduzidos que noticiam a cassação do mandato de José Dirceu.

"Em três ou quatro anos, tudo será esclarecido e esquecido, e acabará virando piada de salão."

Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT, referindo-se ao esquema ilegal de arrecadação de dinheiro para campanhas eleitorais e financiamento de parlamentares que resultou na maior crise da democracia brasileira.

Texto-reduzido que resume o porquê das denúncias referentes ao PT.

"O Nordeste tem 37 bilhões de metros cúbicos de água acumulados. Só o Ceará tem a metade disso, e as águas do São Francisco vão justamente para onde já tem água. É chover no molhado".

João Suassuna, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (Recife), falando ao jornal Folha de S.Paulo sobre o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco.

Texto-reduzido que informa o leitor sobre a possível transposição do Rio São Francisco.

Em resumo: o leitor é informado sobre a cassação do José Dirceu, sobre as ações de corrupção do PT, e sobre a transposição do Rio São Francisco, o que demonstra que a Revista está preocupada também com outros assuntos, não somente com política.

09 de novembro de 2005

"O presidente da República, ou qualquer um dos seus que tiver coragem de se meter na minha frente, assim como disse o senador Arthur Virgílio, tomará uma surra".

Antonio Carlos Magalhães Neto, deputado federal (PFL-BA), acusando a Abin de investigar seus familiares.

"Eu não seria capaz, não, eu sou capaz. Se tocar em um filho meu, pode ser senador, presidente da República, eu viro uma onça".

Heloísa Helena, senadora (PSOL-AL), fazendo coro com Virgílio e ACM Neto.

"Não admito que façam algo contra a minha família. Mexer comigo ou com a minha família é como passar a mão no bumbum da mulher do Mike Tyson num bar. A reação será a mesma".

Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado, ao ser informado de que o PT estaria espionando seus familiares.

Esses textos-reduzidos mostram ao leitor que a oposição quer investigar atos de corrupção nos outros partidos. Isso demonstra que não é somente no PT que tais fatos acontecem.

"Mas que falta de educação! Vocês não querem falar da Jamaica?"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, irritado com as perguntas gritadas pelos jornalistas, afastados pelo cordão de isolamento, na chegada ao Itamaraty do primeiro-ministro da Jamaica, Percival Patterson.

Lula continua a fugir do problema acerca das denúncias contra o PT.

<u>Em resumo:</u> Veja mostra-se acusando os dois lados, tanto o PT quanto a oposição. E Lula continua a fugir dos problemas de seu partido.

23 de novembro de 2005

"Lula vai sobrevivendo às crises, aguardando ser reeleito, coisa possível no país do herói sem nenhum caráter".

Marco Antonio Villa, 49, professor de história da Universidade Federal de São Carlos, em artigo na Folha de S.Paulo.

"O povo tem o direito de reeleger Lula. Mas, se o Congresso não fosse tão desmoralizado, já teria sido iniciado um processo por crime de responsabilidade".

Heloísa Helena, senadora (PSOL-AL).

A reeleição de Lula volta à mídia.

"Centrei fogo no José Dirceu, centrei fogo no Luiz Gushiken. Hoje está vindo à baila a ação do ministro Palocci. O núcleo duro sabia. Os três mosqueteiros do rei sabiam. Será que o rei não sabia?"

Roberto Jefferson, ex-deputado (PTB-RJ), dizendo que poupou Palocci em suas denúncias para preservar a estabilidade econômica.

"Falar e confessar que nunca sabe do que acontece no seu governo é a única atividade de Lula na Presidência".

Jorge Bornhausen, presidente do PFL.

Palocci continua no processo de cassação, e Lula a afirma não saber o que acontece em seu governo.

<u>Em resumo</u>: Veja informa o leitor sobre a reeleição de Lula, e sobre seu desconhecimento acerca das denúncias contra o PT.

14 de dezembro de 2005

"O PT é pior do que a gripe aviária. Quem se aproxima do partido e do governo se contamina".

José Carlos Aleluia, deputado federal (PFL-BA), sobre o pagamento de 1 milhão de reais em dinheiro feito pelo PT à Coteminas, empresa do vice-presidente José Alencar.

"Esse pagamento não consta na movimentação financeira do PT que foi analisada pela CPI, o que indica a possibilidade de haver um caixa três".

Gustavo Fruet, sub-relator da CPI dos Correios, sobre o pagamento do PT à Coteminas.

<u>Em resumo:</u> esses dois textos-reduzidos relatam o envolvimento do PT com a Coteminas.

21 de dezembro de 2005

"Tais carismáticos, agressivos, perderam a eleição e o chuchu aqui teve 12 milhões de votos. Sou ganhador de eleições".

Geraldo Alckmin, governador paulista e mais presidenciável que nunca, no programa Roda Viva, da TV Cultura.

Alckmin = valor positivo/negativo.

"Concluimos que a assinatura questionada, cuja autoria foi atribuída a Tarso Genro, não é autêntica e não confere com as assinaturas-padrão produzidas pelo punho escritor de Tarso Genro".

*Relatório do perito criminal **Domingos Tocchetto**, confirmando reportagem de VEJA sobre a falsificação da assinatura de Tarso Genro na representação que pediu a cassação do deputado Onyx Lorenzoni (PFL-RS), por suposta quebra de decoro parlamentar.*

Notícia de que a assinatura de Tarso Genro foi falsificada para incriminar o deputado Onyx Lorenzoni.

"Todos os contatos passavam pela Secom, que aprovava desde o conceito até o layout e o orçamento. Antes da contratação, submetíamos o orçamento ao cliente e à Secom".

Maurício de Santana, ex-socio da agência Link Bagg, que presta serviço aos Correios, confirmando que Luiz Gushiken aprovava os contratos publicitários dos Correios.

Notícia sobre corrupção nos correios.

<u>Em resumo</u>: Veja mostra-se indiferente a Geraldo Alckmin; e apresenta novas denúncias de corrupção, tais como: assinatura falsificada de Tarso Genro e corrupção nos Correios.

11 de janeiro de 2006

"Com relação à minha pessoa, a única coisa que eu peço a Deus é que, quando terminar tudo isso, aqueles que me acusaram peçam desculpas. Só peço isso: peçam desculpas".

Lula, em entrevista ao Fantástico.

"A única coisa que o povo brasileiro pede é que, quando terminar tudo isso, o presidente da República peça desculpas. Só isso, não quer nada mais que isso. Que peça desculpas".

Alberto Goldman, líder da bancada do PSDB na Câmara.

Lula continua a apresentar-se na mídia, dizendo que é inocente, entretanto, *Veja* avalia-o de modo negativo, com o enunciado de Alberto Goldman.

"O Serra está querendo ser candidato a vice de Deus."

Claudete Alves, vereadora do PT, sobre as ambições eleitorais do prefeito de São Paulo.

"Vice? Acho que a senhora não conhece o Serra".

Ricardo Montoro, vereador do PSDB, que conhece bem seu colega de partido.

Novamente, *Veja* ora parece estar ao lado da oposição ora não, ao construir textos-reduzidos que avaliam negativamente José Serra.

"Há um corporativismo ferrenho. É por isso que os deputados envolvidos não empobreceram, não andam pelos cantos e estão gordinhos e bronzeados".

Eduardo Paes, deputado, comentando a chance de que colegas sob risco de cassação venham a ser perdoados na Câmara.

Mais uma vez, *Veja* demonstra que a cassação dos deputados é inútil.

Em resumo: *Veja* informa o leitor sobre o comportamento de Lula diante dos atos de corrupção; e sobre as apurações das CPIs. A Revista avalia negativamente José Serra.

25 de janeiro de 2006

"Para sair desse buraco, o PT vai ter de passar por um processo de higienização e extirpar as figuras mais perniciosas da vida política nacional. Um deles é o senhor Luiz Inácio Lula da Silva, e o outro, o senhor José Dirceu".

Paulo de Tarso Venceslau, economista e ex-militante do PT.

Nesse texto-reduzido, o leitor tom conhecimento de que tanto Lula, quanto José Dirceu continuam no poder, mesmo com todas as denúncias contra o PT.

"Se o senhor quiser, pode quebrar os sigilos da minha mãe, eu até dou o CPF e a identidade".

Marcus Valerius Pinto Pinheiro de Macedo, advogado da empresa Skymaster, investigada na CPI dos Correios, reagindo ao pedido de quebra do sigilo bancário e telefônico dele, de sua mulher e de sua irmã. Foi preso por desacato.

Nesse texto-reduzido, o leitor se atualiza de que a CPI dos Correios continua.

"Em 2007 não estarei mais aqui".

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, durante encontro com reitores de universidades federais.

Embora Lula já tenha dado indícios da possibilidade de sua reeleição, nesta edição ele se mostra mais tímido.

"CPI dos Bingos está desmascarando os atos lesivos ao país acobertados pelo PT, até mesmo os crimes praticados pelos petistas com seus correligionários, como já está muito claro no assassinato do prefeito Celso Daniel e do Toninho de Campinas".

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), acusando os petistas do assassinato dos prefeitos Celso Daniel, de Santo André, e Toninho do PT, de Campinas.

"Vocês mataram quem? Quem matou? Vossa excelência está mencionando o meu envolvimento em alguma questão? Quem está encobrindo o quê?"

Aloizio Mercadante, líder do governo no Senado, interrompendo ACM, indignado com a acusação.

"Eu só quero pedir a vossa excelência – oito já foram mortos – que não matem mais ninguém por causa desse crime do Celso Daniel. O garçom, coitado, foi morto. O legista, já está provado que não houve suicídio. Nesse caso, o melhor é se calar".

ACM, na tréplica.

A narrativa atualiza o leitor de que está acontecendo a CPI dos Bingos, além da informação sobre o assassinato do prefeito de Santo André.

<u>Em resumo</u>: esta edição informa o leitor sobre Lula e José Dirceu, que ainda não depuseram sobre os casos de corrupção; sobre a CPI dos Correios; a CPI dos Bingos e o assassinato do prefeito de Santo André.

08 de fevereiro de 2006

"O presidente Lula se porta como um candidato, mas o problema dele é a urucubaca da falta de governo, do governo que não funciona, não tem projeto e é frouxo eticamente".

Geraldo Alckmin, governador paulista e candidato à sucessão de Lula.

Neste momento, pela leitura do comentário do jornalista, o leitor tem conhecimento de que Geraldo Alckmin é candidato a presidente.

"Os bolivianos precisam rever os contratos com a Petrobras porque necessitam de recursos para investir em desenvolvimento".

José Dirceu, ex-ministro de Lula e deputado petista cassado, defendendo os interesses nacionais bolivianos, em entrevista ao jornal El Universal, de Caracas.

Outros assuntos são abordados com destaque na mídia, como o caso da Petrobras.

"Eles ainda vão descobrir quem jogou essa droga dessa menina na água. Eu não quero essa criança".

Simone Cassiano da Silva, mãe da menina de 2 meses jogada na Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte, dentro de um saco de lixo, numa exibição comovente de "amor materno".

A seção "Veja essa" é composta por diversos temas da atualidade, como este, de enorme repercussão, sobre o caso da menina jogada pela mãe numa lagoa em Belo Horizonte. Observa-se o tom irônico de *Veja* em "amor materno", referindo-se ao dito do enunciador.

<u>Em resumo:</u> <i>Veja</i> não dá destaque às críticas ao PT. Informa o leitor sobre outros assuntos que também são polêmicos: a candidatura de Geraldo Alckmin à Presidência, a Petrobras e a menina jogada numa lagoa de Belo Horizonte.
--

22 de fevereiro de 2006

"Pessoas que erraram, a gente não tem de execrá-las. Errar é humano".

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, no jantar do 26º aniversário do PT, justificando o erro dos seus correligionários corruptos derrubados por envolvimento no escândalo do mensalão. (Epa! Erramos a foto...).

Nesse texto-reduzido, *Veja* retoma as notícias a respeito da cassação de alguns políticos do PT, além de avaliar negativamente o presidente Lula, por manter-se como inocente acerca de todos os casos de corrupção nos quais seu partido se envolveu.

"O Waldomiro continua flinando em Brasília, e ao que consta sem emprego. Vive de quê? Do silêncio?"

Arthur Virgílio, líder do PSDB no Senado, sobre Waldomiro Diniz, o ex-assessor do então ministro da Casa Civil, José Dirceu, pego em flagrante cobrando propina.

A narrativa relata um dos fatos de corrupção do PT: assessor de José Dirceu cobra propina.

"Pesquisas têm de ser recebidas com humildade. Sandália da humildade para todo mundo. Já vi muita gente perder eleição porque colocou salto alto".

Geraldo Alckmin, governador paulista, comentando a pesquisa CNT/Sensus, que dá folgada vitória a Lula no segundo turno contra José Serra.

A narrativa relata que Geraldo Alckmin não está bem nas pesquisas de voto para ser eleito presidente.

"Errar é humano, mas a impunidade é desumana".

José Serra, prefeito paulistano, comentando frase do presidente Lula, que condenou a execração dos petistas envolvidos no escândalo do Mensalão.

O leitor é informado de que Lula foi contra a execração de alguns políticos do PT, além de se mostrar como quem não sabia o que estava acontecendo em seu governo.

"O governo ficou aquém das nossas expectativas, adotando remendos aqui e acolá. Não priorizou a reforma agrária, não combateu a impunidade nem trouxe paz e justiça ao campo".

Dom Erwin Krautler, bispo da Prelazia do Xingu, na homilia da missa que celebrou no primeiro aniversário do assassinato da freira americana Dorothy Stang.

Fugindo do tema principal (a corrupção do PT) e seguindo os critérios do contexto local (Atualidade e Inusitado), Veja informa sobre o assassinato da freira americana Dorothy Stang, no Xingu.

Em resumo: a narrativa relata os seguintes acontecimentos da semana: Lula mostra-se inocente, achando que seus aliados foram punidos sem necessidade; assessor de Dirceu cobra propina; Alckmin não está bem nas pesquisas de voto; o assassinato da freira americana no Xingu.

08 de março de 2006

"Alô Delúbio, alô Dirceu/ chama o Valério/ e devolve o que é meu/ Alô Delúbio, alô Dirceu/ por conta disso/ quase o Lula se perdeu".

Do samba do Clube do Samba do Rio, no Carnaval deste ano.

O leitor é informado a respeito do Carnaval e do fato de que uma das escolas de samba fez, no samba- enredo, uma crítica aos atos de corrupção do PT. Assim, o leitor pode entender o que é uma das denúncias: Delúbio Soares e José Dirceu utilizaram dinheiro público para pagar Marcos Valério.

"Não me sinto seguro nem em casa nem na rua".

Andrea Matarazzo, secretário de Serviços de São Paulo, assaltado no Jardim América durante o Carnaval, queixando-se da falta de segurança no estado de Geraldo Alckmin.

Veja apresenta-se como imparcial na sua preferência quanto ao melhor candidato à Presidência. Nesta frase, Geraldo Alckmin é avaliado negativamente.

<u>Em resumo</u>: esta edição não privilegia a política, mas mantém a progressão temática quanto às denúncias do PT e à eleição presidencial. Avalia negativamente o governo petista e Geraldo Alckmin como governador de São Paulo.

22 de março de 2006

"Vossa Excelência mente, usa a mentira".

João Paulo Cunha, deputado federal (PT-SP), aquele que apresentou mais de uma versão sobre a retirada de dinheiro do Valerioduto por sua mulher, atacando o relator de seu processo de cassação, deputado Cézar Schirmer (PMDB-RS).

O leitor é informado sobre o depoimento do deputado federal do PT, que é suspeito de retirada de dinheiro do Valerioduto por sua mulher.

"Eu vi as notas. Vi pacotes de 100 e 50 reais na mala do Vladimir (Poleta, ex-assessor do ministro Palocci)".

Francenildo Santos Costa, o Nildo, caseiro da mansão que amigos de Palocci alugavam em Brasília.

"O ministro chegava sozinho, num Peugeot prata de vidro escuro, de uso do doutor Ralph (Barquete, ex-assessor de Palocci)".

Nildo, garantindo ter visto o ministro no local "umas dez ou vinte vezes".

"O ministro nunca foi à casa do Lago Sul e, portanto, não tem nenhuma relação com as atividades realizadas na mesma".

Da assessoria de Antonio Palocci, desmentindo Nildo.

"Do lado dele eu não sou nada, mas ele está mentindo".

Nildo, sobre o desmentido do ministro.

Esses textos-reduzidos relatam as denúncias a respeito de Palocci, sobre atos de corrupção, denunciados pelo próprio caseiro.

"Toda essa celeuma só para saber quem irá perder do Lula".

Antonio Donato, vereador paulistano (PT), ironizando a demora dos tucanos em se decidir por Geraldo Alckmin como candidato à sucessão de Lula.

"Não pretendo fazer campanha como coruja, a piar mau agouro, mas para apresentar um projeto para o país".

Geraldo Alckmin, inaugurando o estilo pindamonhangabense com que fará sua campanha

Veja ironiza a imagem de Geraldo Alckmin. Avalia-o negativamente.

<u>Em resumo</u>: o leitor é atualizado acerca dos seguintes acontecimentos: dinheiro do Valerioduto; corrupção do Palocci; Geraldo Alckmin como um "sem graça".

05 de abril de 2006

"Nunca vi ninguém discutir economia com a fineza política de Palocci. Essa arte a gente não aprende na universidade. Essa arte se aprende praticando essa arte, que foi o que Palocci fez a vida inteira. De menino (*sic*) trotiquista (*trotskista*) a vereador, deputado estadual, deputado federal, prefeito, prefeito outra vez e ministro da Fazenda".

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, destacando a qualidade política de Palocci no debate econômico.

Esse texto-reduzido mostra Lula elogiando Palocci, o que faz avaliar negativamente o presidente, devido às denúncias contra o ministro.

"A situação ficou insustentável".

Luiz Inácio Lula da Silva, ao saber em Brasília do depoimento do presidente da Caixa na Polícia Federal, dando conta de que entregou o extrato bancário do caseiro nas mãos do ministro Palocci.

"A situação ficou insustentável".

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, ao saber em Nova York da mesma notícia.

"Está provado que o lado mais fraco não é o do simples caseiro. É o da mentira".

Francenildo dos Santos Costa, o caseiro Nildo, pivô da crise que resultou na queda do ministro Palocci.

Palocci = corrupto

Lula (dito como inocente) = Palocci = ambos corruptos.

<u>Em resumo</u>, esta edição noticia a renúncia de Palocci e avalia negativamente o presidente Lula, quando este elogia Palocci.
--

19 de abril de 2006

"Até hoje as pessoas falam que minha atual namorada é uma menina que frequentava a casa em Brasília, e não é verdade".

Rogério Buratti, advogado e ex-colaborador do ex-ministro Antonio Palocci, lamentando a inclusão da companheira, Carla Lara, na lista das jovens que iam profissionalmente à notória "Mansão do Lobby".

Em resumo: o leitor é informado de que, garotas de programa frequentavam a mansão em que Palocci agia corruptamente.

17 de maio de 2006

"Quem mandava eram Lula, Genoíno, Mercadante e José Dirceu. Eu não estava à altura desse time".

Silvio Pereira, o Silvinho, ex-secretário-geral do PT, em entrevista ao jornal O Globo, deixando entender que o presidente Lula sabia e aprovava as decisões do partido que levaram ao escândalo do Mensalão.

"O plano era faturar 1 bilhão de reais".

Silvinho, sobre os objetivos dos responsáveis pelo valerioduto, o esquema de corrupção que resultou nas CPIs do Correio e do Mensalão.

"Eu não sei de onde tirei isso: se foi da imprensa, se foi de ouvido ou se foi da minha cabeça".

Silvinho, na CPI dos Bingos, parecendo sofrer de amnésia, ao comentar sobre o bilhão a que se referiu na entrevista a O Globo.

"Vão me matar. Eles vão me matar, você não entende? Não faça isso comigo. Tem muita gente importante envolvida nisso".

Silvinho, arrependido da entrevista que deu e implorando à repórter que ela não fosse publicada.

"Eu não lembro de ter dito que vão me matar".

Silvinho, na CPI dos Bingos, ainda sob o efeito da conveniente amnésia.

Veja recontextualiza as entrevistas que Silvio Pereira deu ao jornal O Globo e os seus depoimentos nas CPI dos Correios e do “mensalão”.

"Ainda não terminou o fim de semana, estou bem, descansando, nem jornal eu li, não vi televisão. Vou me inteirar das coisas na segunda-feira”.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República que nunca sabe de nada, ignorando as declarações de Silvinho Pereira.

Veja retoma o fato de Lula demonstrar que não sabe de nada.

"Mais uma vez, o presidente da República passa a mão na cabeça de um membro da quadrilha companheira. Por que será?”

José Carlos Aleluia, líder da minoria na Câmara dos Deputados.

Veja sinaliza para o leitor que Lula pode ter conhecimento de todas as acusações de corrupção.

"Nunca pensei que fosse achar engraçado um garotinho passando fome”.
Piadinha que correu na internet na semana passada, por causa da greve de fome do ex-governador Anthony Garotinho.

Veja atualiza o leitor acerca de fatos da semana e da corrupção do PT: o ex-governador Garotinho faz greve de fome.

Em resumo: a narrativa conta fatos das entrevistas de Silvio Pereira acerca das acusações contra si mesmo; Lula ainda é criticado quando afirma que não sabe de nada; o ex-governador Garotinho faz greve de fome.
--

31 de maio de 2006

"Daqui a pouco a Polícia Federal vai ter uma ala só para os assessores do senador Ney Suassuna”.

Fernando Gabeira, deputado federal (PV-RJ), sobre a prisão de assessores parlamentares envolvidos na máfia das ambulâncias.

Esse texto-reduzido trata da Máfia das Ambulâncias, um esquema de fraudes na área da saúde, em que políticos negociaram mais de mil ambulâncias por todo o País e cujo esquema teve movimentação financeira total de cerca de R\$ 110 milhões, tendo iniciado em 2001.

"A alma do PT não será destruída nunca, porque é bem maior que todos nós".

Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República, comemorando o bom desempenho do presidente Lula nas pesquisas de intenção de voto, apesar das bandalheiras promovidas por sua agremiação ao longo dos últimos anos.

"Eu me recuso a acreditar que o povo brasileiro vai referendar pelo voto o governo mais corrupto de todos os tempos".

Anthony Garotinho, ex-governador do Rio de Janeiro, espantado com o resultado da pesquisa CNT/Sensus, que dá ótimo desempenho ao candidato Lula.

Esses textos-reduzidos avaliam o povo brasileiro como ignorante, pois, apesar de todas as denúncias de corrupção, continua a situar Lula bem, nas intenções de voto.

"Nunca entrei em casa de bingo. Nem em quermesse eu jogava bingo".

Delúbio Soares, ex-tesoureiro petista, gozando com a cara dos parlamentares ao negar na CPI dos Bingos que tenha recebido dinheiro dos bingueiros para a campanha presidencial de 2002.

Delúbio Soares é acusado por ter recebido dinheiro dos bingueiros. A CPI dos Bingos foi instalada no final de junho de 2005, para investigar o primeiro escândalo de importância no governo Lula: a atuação do ex-assessor da Casa Civil, Waldomiro Diniz, flagrado em vídeo, negociando propina com um empresário do ramo de jogos.

"Quero aqui, de público, dar minha solidariedade ao governador Cláudio Lembo pela postura que teve. Ele não podia fazer mais do que fez."

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, avaliando a atuação de Cláudio Lembo no caso dos ataques do PCC.

"Dessa vez, Lula acertou. Porque passou os meses todos elogiando os 40 ladrões. Agora, elogiou um homem correto".

Geraldo Alckmin, *ex-governador paulista, sobre os elogios de Lula a Lembo.*

Esses textos-reduzidos relatam ataques do PCC, em São Paulo. A sigla significa Primeiro Comando da Capital. Ele está por trás da maioria das rebeliões em presídios do Estado de São Paulo.

Em resumo: a narrativa atualiza o leitor sobre a CPI das Ambulâncias, sobre o fato de Lula estar bem nas intenções de voto, sobre a CPI dos Bingos e sobre o caso PCC.

Em junho de 2006, *Veja* inicia o processo de críticas à reeleição de Lula, tendo em vista todo o escândalo ocorrido. E deixa claro que não houve punição para os envolvidos no caso "mensalão".

07 de junho de 2006

"Não fazia parte da nossa cultura jurídica a reeleição. A reeleição com a permanência no cargo se torna perigosa em termos de desvirtuamento de equilíbrio".

Marco Aurélio Mello, *presidente do Tribunal Superior Eleitoral.*

A oposição é contra a reeleição de Lula.

"Eu sempre tive caixa dois".

Roberto Jefferson, *idem.*

Depoimento de Roberto Jefferson.

"Minha proposta não é só ir ao Supremo Tribunal Federal, é ir para a guerra".

Fernando Gabeira, *deputado federal (PV-RJ), indignado com as manobras do presidente do Senado, Renan Calheiros, que impede a instalação da CPI dos sanguessugas.*

Possível início de uma nova CPI, a dos Sanguessugas, cujo objetivo é desarticular o esquema de fraudes em licitações na área de saúde.

Em resumo: a narrativa relata: a oposição é contra a reeleição de Lula; depoimento de Roberto Jefferson; possível início de uma nova CPI, a dos Sanguessugas.

14 de junho de 2006

"Durante a campanha eleitoral, Lula poderá rever momentos pedagógicos capturados fora da CPI. Num deles, Lula afirma em Paris que o PT se limitou a fazer o que todos os partidos fazem: usou caixa dois. Noutro, o ministro da Justiça explica que 'caixa dois é coisa de bandido' ".

Augusto Nunes, jornalista.

"A desgracia de um país não é a sua elite, é não tê-la".

Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, contrariando seu partido e seu chefe, que culpam "a zelite" por todos os problemas em que tropeçam.

"Geraldo Alckmin é o genro que toda sogra queria ter".

Cláudio Lembo, governador paulista, garantindo que votará em seu antecessor.

"Sei que ele está magro. Mas vira e mexe a gente lê na imprensa brasileira que ele está gordo, está gordo, está gordo, está gordo. Ele está gordo ou não está gordo?"

O presidente Lula, perguntando a Parreira sobre o estado físico do Fenômeno, em videoconferência com os membros da seleção brasileira.

"Eu também tenho coisas para perguntar a ele. Todo mundo diz que ele bebe pra caramba.

Tanto é mentira que eu estou gordo quanto deve ser mentira que ele bebe pra caramba".

Ronaldo, o Fenômeno, irritado com a repercussão da pergunta do presidente na imprensa.

Em resumo: Veja denuncia uso de verba pública para campanha eleitoral e desqualifica Lula para a reeleição. A Copa do Mundo está acontecendo e uma entrevista feita com Ronaldo e Lula é recontextualizada por Veja.

21 de junho de 2006

"O que vale é a vitória. Com gol de cabeça, peito, bicicleta ou canela".

Luiz Inácio da Silva, o Lula, levando sua estratégia política para o futebol.

"Se eu vencer a eleição, será muito bom. Mas se perder, volto para a Universidade Federal de Alagoas, de cabeça erguida, sendo recebida com flores, muitos beijinhos e bolo de chocolate".

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência da República, no programa Roda Viva, da TV Cultura.

Heloísa Helena é candidata à Presidência.

"Sou barítono, a voz do barítono é mais escura (...). Se fosse cantor, eu seria mais realizado".

Roberto Jefferson, ex-deputado que denunciou o mensalão e não tem dó do ouvido alheio.

Roberto Jefferson volta à mídia.

Em resumo: a narrativa aponta Lula como vencedor, em todas as denúncias de escândalo contra o PT, pois é oficialmente candidato à reeleição; Heloísa Helena é candidata à presidência; Roberto Jefferson volta à mídia.

28 de junho de 2006

"Temos de mostrar o verdadeiro Lula. Não o Lula que paga publicidade para a imprensa e para a televisão, mas o Lula ladrão".

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), em discurso na convenção de seu partido.

"O Lula está abusadíssimo".

Geraldo Alckmin, candidato tucano, acusando o presidente de "utilizar avião, helicóptero, carro e pessoal da Presidência para fazer campanha".

Em resumo: Lula paga publicidade para se promover; e utiliza meios de transporte públicos para fazer campanha.

05 de julho de 2006

“Eles estão cacarejando sobre os ovos alheios”.

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, acusando Lula e o PT de querer para si os méritos das realizações de seu governo.

Por toda a crise pela qual o PT está passando, Lula procura se qualificar com trabalhos feitos por FHC, quando presidente.

“É duro mentir para quem tem a verdade na testa”.

Francenildo dos Santos Costa, o caseiro que denunciou Palocci, dizendo que não se arrepende, apesar de o ex-ministro não ter sido punido.

Palocci não é punido pelos atos de corrupção, denunciados pelo caseiro.

“Vou baixar os juros no primeiro dia. De 15% vai para 6%. Onde está escrito que não pode?”

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência, que, depois dos juros, talvez acabe por decreto com as enchentes e os ciclones extratropicais.

Heloísa Helena é caricaturada como sem perfil para a Presidência.

Em resumo: FHC critica Lula, dizendo que ele se qualifica com os trabalhos do seu (FHC) governo. Palocci não é punido pelos atos de corrupção denunciados pelo caseiro. Heloísa Helena é caricaturada como “revolucionária” para a Presidência, embora receba destaque na mídia, junto a Lula e Alckmin.

12 de julho de 2006

“O dinheiro é do tio Mário Moreira, que é comerciante na Avenida Cupecê e também mexe com agropecuária”.

José de Filippi Júnior, tesoureiro do PT para a campanha de reeleição do presidente Lula, explicando a origem dos 183 000 reais dados como garantia num processo judicial, por malversação de dinheiro público na função de prefeito de Diadema.

O PT é acusado de utilizar dinheiro público para a campanha de reeleição.

“É poupança de parte do seu salário como presidente da República e aposentadoria, bem como rendimentos de aplicações anteriores a 2002, acrescidos da aplicação da poupança mensal”.

Nota do PT, explicando como o presidente Lula dobrou seu patrimônio desde que assumiu a Presidência, há três anos e meio.

Lula é questionado sobre o patrimônio que passou a ter depois de se tornar presidente.

Em resumo: a narrativa conta que o PT está sendo acusado por utilização de verba pública para a campanha de reeleição de Lula; e Lula é questionado sobre seu patrimônio, que aumentou muito durante a Presidência.

26 de julho de 2006

"Acho que os fatos divulgados colocaram sob suspeita não apenas 10%, mas a integralidade do Congresso".

Antonio Carlos Biscaia, presidente da CPI dos Sanguessugas, depois de divulgar a lista de 57 parlamentares suspeitos de envolvimento com a máfia das ambulâncias.

Novas notícias a respeito da Máfia das Ambulâncias, sendo que 57 parlamentares são suspeitos de envolvimento.

"Por enquanto, ela pode correr livre, sem apresentar proposta, de forma udenista".

Tarso Genro, ministro das Relações Institucionais de Lula, sobre a candidata do PSOL.

Heloísa Helena é novamente posta como uma candidata sem perfil para a Presidência.

"A amnésia coletiva permitiu que, no começo deste mês, o presidente Lula e companheiros do PMDB voltassem ao local do crime sem olhar para os lados. Ali, reincidiram na velhacaria..."

Augusto Nunes, *colunista do Jornal do Brasil, referindo-se ao fato de o presidente Lula ter entregado o controle dos Correios ao PMDB, mesmo depois dos casos de corrupção que desembocaram na CPI que revelou o Mensalão.*

Lula passa o controle dos Correios para o PMDB, mesmo depois dos casos de corrupção que desembocaram na CPI que revelou o Mensalão.

"Política é convencimento. É amor ao próximo. Vou até o fim com as sandálias da humildade".

Geraldo Alckmin, *candidato tucano a papa.*

Geraldo Alckmin é mais uma vez ridicularizado por *Veja*, que o caricatura como um "santo"..

Em resumo: denúncia de mais integrantes da máfia das ambulâncias; PT e PMDB juntam-se no controle dos Correios; Geraldo Alckmin é mais uma vez caricaturado como "santo".

02 de agosto de 2006

"O governo Lula virou um feixe de palha que qualquer vento leva (...). O próprio presidente é quem prejudica o PT, por sua postura não ética (...). Ele, que antigamente era um militante, hoje é um homem arrogante".

Itamar Franco, *ex-presidente da República, ao declarar apoio à candidatura do tucano Geraldo Alckmin.*

Itamar Franco declara apoio a Geraldo Alckmin para este assumir a Presidência da República.

"Não será por decreto presidencial, ignorantes. Ô gentinha de má-fé!"

Heloísa Helena, *candidata do PSOL à Presidência, criticando os que afirmam que ela baixaria os juros por decreto.*

Heloísa Helena é mais uma vez ridicularizada, quando diz que diminuirá os juros se for presidente do Brasil.

"A reeleição no Brasil não deu certo. O Lula, nos últimos cinco meses, não fez outra coisa que não tenha sido campanha".

Guilherme Afif Domingos, candidato da coligação PSDB-PFL-PPS-PTB ao Senado, na Folha de S.Paulo.

Lula é criticado por utilizar seu espaço público como presidente, para fazer campanha à reeleição antes do período permitido.

"Agora que o Brasil está preparadinho, ajeitadinho, eles querem comer o filé que colocamos na mesa. Não, vão ter de roer o osso, primeiro".

O presidente Lula, falando da oposição.

Lula e oposição ficam de implicância, ao dizerem que um deve ao outro pelo Brasil estar bem social e economicamente.

"Hoje o Serra é o mais preparado para governar o Brasil. Ele tem a experiência, a vontade, a informação e a competência para tocar o país".

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, em entrevista à revista Playboy, que chega às bancas no dia 8.

"O Lula nunca me convidou para tomar um café. Ele tem algo que o trava em relação a mim".

Fernando Henrique Cardoso, na mesma entrevista à Playboy.

"Não acho que o Lula seja diferente de um líder sindical normal do Brasil, desse ponto de vista de tomar umas e outras".

Fernando Henrique Cardoso, *idem*.

"O Serra abria a geladeira na minha casa em Brasília e dizia: 'Isto aqui é uma natureza-morta'. Hoje sou menos pão-duro".

Fernando Henrique Cardoso, *ibidem*.

O PSDB mostra-se confuso quanto ao candidato que deve representar o partido na eleição à Presidência. FHC apóia José Serra, mas é Alckmin que aparece na mídia como candidato.

Em resumo: PSDB é apoiado por Itamar Franco; Heloísa Helena é mais uma vez ridicularizada; FHC apoia Serra para a Presidência, embora seja Alckmin o candidato.

16 de agosto de 2006

“Esta é talvez a legislatura mais vergonhosa da história da República, pela extensão do comprometimento do Congresso Nacional com a máfia das ambulâncias”.

Roberto Busato, presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil.

Máfia das ambulâncias continua nos noticiários.

“Estamos vendo um Brasil que apodrece, com mensaleiros e sanguessugas”.

Walter Maierovitch, presidente do Instituto Brasileiro Giovanni Falcone, denunciando a ausência de mecanismos para fiscalização dos poderes da República.

Os casos Mensalão e Sanguessuga já são tratados como se nada tivesse acontecido.

“Não falarei mal de nenhum candidato, não falarei mal de nenhum governo, não falarei mal de nenhuma pessoa, não levantarei denúncias contra ninguém. Agora, eu digo é o seguinte: não levarei desaforo para casa”.

Do presidente Lula, imaginando que vem chumbo grosso por aí na campanha eleitoral.

A campanha eleitoral para a Presidência começa a ser feita.

“Infelizmente, um Congresso desmoralizado reflete um governo desmoralizado. Nenhum parlamentar conseguiria mensalão se não tivesse um governo corrupto”.

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência.

Heloísa Helena mantém-se na mídia.

“Nós temos falhado no PSDB. Nós não temos tido a capacidade de penetrar mais profundamente na sociedade. Não temos tido a capacidade de canalizar o sentimento da sociedade”.

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, puxando orelha de tucano.

Novamente FHC não apoia a candidatura de Geraldo Alckmin.

"Ser bandido no Brasil é muito fácil. Temos de acabar com essa moleza".

Alberto Cardoso, *general-de-exército, ex-ministro de FHC e responsável pelo programa de segurança de Geraldo Alckmin.*

Um dos projetos de Geraldo Alckmin é dar mais segurança à população.

Em resumo: esta edição trata dos seguintes fatos da semana: Máfia das Ambulâncias continua nos noticiários; os casos "mensalão" e "sanguessuga" já são tratados como se nada tivesse acontecido; a campanha eleitoral para a Presidência começa a ser feita. Heloísa Helena mantém-se na mídia. Novamente FHC não apoia a candidatura de Geraldo Alckmin. Um dos projetos de Geraldo Alckmin é dar mais segurança à população.

23 de agosto de 2006

"Minha mãe era pobre, mas era limpa".

Luiz Inácio Lula da Silva, *presidente e candidato à reeleição, dizendo que, como sua mãe, seu governo não empurra a sujeira para baixo do tapete.*

Lula discursa, sempre remetendo à humilde vida que tinha na infância e à sua família.

"A única oportunidade que Lula teve de aparecer sem produção foi no *Jornal Nacional*, e foi um desastre".

Tarso Genro, *ministro de Lula, justificando a ausência do presidente no debate da Rede Bandeirantes.*

Lula não compareceu ao debate na TV Bandeirantes, porque, segundo *Veja*, não estava preparado.

"A resistência principal nós quebramos: a do Renan (Calheiros) e seu grupo no PMDB, que eu chamo de quadrilha".

Fernando Gabeira, deputado federal (PV-RJ), acusando pressões do presidente do Senado para aliviar as investigações contra a máfia das ambulâncias.

As investigações sobre a Máfia das Ambulâncias continuam.

"Com barba ou sem barba, meu nome é Enéas!"

Enéas Carneiro, candidato do Prona a deputado federal.

O deputado Enéas corta a barba para a propaganda eleitoral.

"Vai ter uma hora que Lula vai pagar caro pelas mentiras. Está passando dos limites".

Tasso Jereissati, presidente nacional do PSDB, criticando Lula por assumir a paternidade da Controladoria-Geral da União (foi criada no governo FHC), dizer que demitiu os ministros envolvidos em escândalos (eles se demitiram) e apresentar como obra pronta uma refinaria em Pernambuco que ainda está em fase de planejamento

PSDB e Lula continuam brigando, porque, segundo o partido tucano, Lula afirma que tudo o que aconteceu em seu (Lula) governo foi ele quem fez.

Em resumo: esta edição trata dos principais fatos da semana: Lula não compareceu ao debate na TV Bandeirantes, e continua a discursar sobre a vida humilde que sempre teve; as investigações sobre a Máfia das Ambulâncias continuam; Enéas corta a barba para a propaganda eleitoral.

30 de agosto de 2006

"Meus adversários podem fazer quantas denúncias quiserem. Eu não moverei uma palha, porque sei que vocês moverão o paiol inteiro contra eles".

O presidente **Lula**, que não quer botar fogo no palheiro da campanha para não explodir o paiol da reeleição.

No programa eleitoral, Lula pretende não fazer críticas aos outros candidatos, para que sua candidatura à reeleição não seja questionada.

“Deputado, o senhor não sabia que 90% dos parlamentares recebem uma beirada nas emendas?”

*Frase que o senador **Ney Suassuna** teria dito ao presidente da CPI dos Sanguessugas, deputado Antonio Carlos Biscaia, tentando justificar seu envolvimento com os sanguessugas.*

A CPI dos Sanguessugas continua.

“Esse time aí é o reserva. O titular foi todo expulso. Era formado por José Dirceu, Delúbio, Genoíno, Silvio Pereira e Marcos Valério”.

***ACM Neto**, deputado federal (PFL-BA), sobre “o time do Lula” apresentado na propaganda eleitoral do PT.*

Na propaganda eleitoral de Lula, vários destaques do PT renunciaram.

“Lula fez botox também no governo. A maquiagem no rosto foi só uma questão de vaidade. Já o envelhecimento precoce de seu governo é percebido por todos”.

***José Carlos Aleluia**, líder da oposição na Câmara, falando à Folha de S.Paulo sobre Lula ter feito aplicação de Botox no rosto.*

A mídia noticia que Lula fez botox.

“Eu já disse isso várias vezes. Se você quer uma manchete, ele é corrupto”.

***Heloísa Helena**, candidata do PSOL à Presidência, atacando de frente o presidente Lula.*

Heloísa Helena enfrenta Lula.

Em resumo: no programa eleitoral, Lula pretende não fazer críticas aos outros candidatos, para que sua candidatura à reeleição não seja questionada. A CPI dos Sanguessugas continua. Na propaganda eleitoral de Lula, vários políticos vinculados ao PT renunciaram. A mídia noticia que Lula fez botox. Heloísa Helena enfrenta Lula.

06 de setembro de 2006

"Me dói ver o presidente da República dizer que todos são iguais. Iguais, não! Eu não sou igual a ele! Eu não sou igual a ele! Eu não sou igual a ele!"

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente, fazendo eco para apimentar a campanha do picolé de chuchu.

FHC passa a apoiar Geraldo Alckmin.

"Quando um menino bate carteira, é ladrão. Quando um deputado rouba milhões, é chamado de corrupto e dizem que ele fez um desvio".

Cristovam Buarque, candidato do PDT à Presidência, em entrevista ao jornal O Globo.

Cristovam Buarque recebe espaço na mídia.

"Sou fofinha, cheirosinha e limpinha".

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência.

Heloísa Helena continua com espaço na mídia, sempre ridicularizada.

"Dizem que o vermelho está sumido (da campanha petista). O vermelho sou eu!"

Luiz Inácio Lula da Silva, o passionário.

Lula faz campanha eleitoral.

"Que episódio deplorável aquele do Rio de Janeiro. Artistas em manifestação de apoio ao presidente, com declarações cínicas, desavergonhadas. É a putrefação moral do país".

Jefferson Péres, senador (PDT-AM), anunciando que não concorrerá à reeleição quando terminar seu atual mandato.

Políticos ainda são contra a reeleição de Lula, depois de tantas denúncias contra o PT.

Em resumo: FHC passa a apoiar Geraldo Alckmin. Cristovam Buarque recebe espaço na mídia. Heloísa Helena continua com espaço na mídia, sempre ridicularizada. Lula faz campanha eleitoral. Políticos ainda são contra a reeleição de Lula, depois de tantas denúncias contra o PT.

13 de setembro de 2006

“Nunca vi pessoas tão impressionadas com pesquisas quanto jornalistas”.

Geraldo Alckmin, candidato tucano à Presidência, confiante em que vai para o segundo turno das eleições.

“Nossos adversários estão tão nervosos que chegam até a babar de raiva”.

O candidato **Lula**, nadando de braçadas nas pesquisas.

Alckmin e Lula mostram-se animados com as pesquisas de voto. Veja ridiculariza a ambos.

“O momento é estarrecedor. Se filmarem Lula com máscara, invadindo um banco para roubá-lo, vão dizer que ele queria roubar para dar aos pobres”.

Pedro Simon, senador (PMDB-RS), sobre a preferência esmagadora do eleitorado pelo candidato Lula, mesmo depois de tanto escândalo em seu governo.

Lula com grande chance de ser reeleito, segundo pesquisas de voto.

“Eu não durmo com homem rico e ordinário. Eu vomito em cima”.

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência, falando na sabatina da Folha de S.Paulo sobre os rumores de que teria votado contra a cassação de Luiz Estevão, em 2000, por ter tido um affair com o ex-senador.

Heloísa Helena é mais uma vez ridicularizada.

“Resumo das eleições 2006: o Lula bebe, a Heloísa vomita e o Alckmin cai”.

Ciro Botelho, humorista e roteirista do Show do Tom, da Rede Record.

Veja ridiculariza os 3 candidatos: Lula, Alckmin e Heloísa Helena. O leitor passa a saber que Lula é um presidente conhecido por gostar de beber. Heloísa Helena é conhecida como pessoa de atitudes exageradas; Alckmin é visto como o candidato que está mal nas pesquisas de voto.

Em resumo: Alckmin e Lula mostram-se animados com as pesquisas de voto. *Veja* ridiculariza ambos. Lula com grande chance de ser reeleito pelas pesquisas de voto. Heloísa Helena é, mais uma vez, ridicularizada. *Veja* ridiculariza os 3 candidatos: Lula, Alckmin e Heloísa Helena. O leitor passa a saber que Lula é um presidente conhecido como quem gosta de beber. Heloísa Helena é conhecida como pessoa de atitudes exageradas. E Alckmin, como o candidato que está mal nas pesquisas de voto.

20 de setembro de 2006

"Cada um de vocês é uma célula do meu corpo, cada um de vocês é uma gota do meu sangue".

*O candidato **Luiz Inácio Lula da Silva**, em sermão feito em Goiânia em que se compara a Cristo na comunhão.*

Lula faz campanha com um discurso para alcançar a massa.

"Quando a gente pensa que acabou, este governo volta a surpreender. Agora foram 11 milhões de reais que sumiram em uma publicação fajuta. É absolutamente horripilante."

***Tasso Jereissati**, presidente nacional do PSDB, comentando as cartilhas que o governo diz ter entregue ao PT para distribuição (o que é irregular) e que o TCU desconfia que nem tenham sido feitas.*

A mídia ainda continua a criticar o PT, para desqualificar Lula à reeleição.

"Michael Schumacher é o piloto com mais punições e o mais antiesportivo da história da Fórmula 1. Zidane se aposentou com mais glória do que ele".

***Fernando Alonso**, piloto da Renault, que lidera o mundial de Fórmula 1, atacando o piloto da Ferrari, que anunciou a aposentadoria no último domingo.*

Fugindo do tema das eleições, *Veja* atualiza o leitor de que Michael Schumacher vai se aposentar da F1.

Em resumo: Lula faz campanha com discurso popular. A mídia ainda continua a criticar o PT, para desqualificar Lula à reeleição. Fugindo do tema das eleições, *Veja* atualiza o leitor de que Michael Schumacher vai se aposentar da F1.

27 de setembro de 2006

“A oposição quer melar o processo eleitoral”.

O presidente Lula, “surpreso” com a compra do dossiê, escândalo que envolve o marido da secretária e coordenador de seu programa de governo, seu assessor especial, o presidente de seu partido, o analista de risco e mídia de sua campanha e seu churrasqueiro oficial, entre outros.

“O senhor pode colocar a cabeça no travesseiro e dormir muito tranquilo, porque eu tenho como afirmar e tenho como provar que não tenho nada, nada a ver com isso”.

Freud Godoy, então assessor especial de Lula, acusando de ter articulado a compra do dossiê fajuto contra os tucanos, tranquilizando o presidente em telefonema.

Nova denúncia contra o PT.

“A oposição não quer melar nada, o governo é que tem de tirar esse melaço que está em cima dele”.

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente.

FHC procurando apoiar Alckmin.

“Não tenho dúvida de que o presidente Lula é o grande comandante dessa estrutura, que é uma organização criminosa capaz de roubar, matar e liquidar quem passa pela frente ameaçando seu projeto de poder”.

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência.

Heloísa Helena tem espaço na mídia fazendo, novamente, crítica a Lula, de forma extremista.

Em resumo: nova denúncia contra o PT. FHC procurando apoiar Alckmin. Heloísa Helena tem espaço na mídia fazendo, novamente, crítica a Lula, de forma extremista.

04 de outubro de 2006

“Os escândalos de corrupção que o governo de Lula e sobretudo o PT protagonizaram nos dois últimos anos e que continuam acontecendo às vésperas das eleições tem sido uma ducha de água fria para os cidadãos”.

Do jornal espanhol El País.

Até a mídia estrangeira faz críticas ao governo Lula.

“O presidente da República se comparou a Cristo e errou, porque Cristo nunca foi beijar Judas nem chamá-lo de companheiro”.

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República.

FHC novamente aparece na mídia fazendo críticas a Lula.

“De Freud, conheço pouca coisa. Lorenzetti, só o chuveiro”.

Chico Alencar, deputado federal (PSOL-RJ), desconhecendo os personagens do mais recente escândalo da Lulândia.

“Eu acho que o comportamento dele (de Lula) ultimamente tem sido o de monarca, uma espécie de imperador-metalúrgico”.

Cristovam Buarque, candidato do PDT à Presidência.

Cristovam Buarque aparece na mídia novamente.

“Lula é como o Corinthians. O povo gosta até com argentino jogando”.

Cláudio Lembo, governador paulista, no Painei da Folha de S. Paulo.

O Corinthians tendo destaque com um jogador argentino, o PSDB faz uma metáfora para criticar Lula.

“Furtaram os aplausos do Kofi Annan e puseram na televisão, meu Deus. Até onde nós vamos?”

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente, referindo-se ao programa eleitoral do PT, que falsificou as imagens, mostrando aplausos ao secretário da ONU como se fossem para Lula.

FHC novamente critica Lula e sua campanha eleitoral que, dizem, foi falsificada.

Em resumo: até a mídia estrangeira faz críticas ao governo Lula. FHC novamente aparece na mídia fazendo críticas a Lula. Cristovam Buarque aparece na mídia novamente. O Corinthians tem destaque com um jogador argentino, o PSDB faz uma metáfora para criticar o Lula. FHC novamente critica Lula e sua campanha eleitoral que, dizem, foi falsificada.

11 de outubro de 2006

"Lula só não ganhou no primeiro turno porque isso é bom para o Brasil".

José Alencar, vice-presidente da República, comemorando o crescimento de Alckmin.

Lula não ganha logo no 1º turno e passa para o 2º turno, junto com Alckmin.

"É uma vergonha. A liberação ocorreu para que as empreiteiras dêem comissão às campanhas do PT".

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), criticando a liberação pelo governo de 1,5 bilhão de reais do Orçamento, às vésperas do segundo turno da eleição.

Denúncia de que o PT utilizou verba pública para campanha do 2º turno.

"Não sou incauto como o presidente, que chegou ignorante ao poder e misturou álcool nisso tudo".

Clodovil, terceiro deputado federal mais votado em São Paulo.

Clodovil vence e tem o maior número de votos.

Em resumo: Lula perde o 1º turno e passa para o 2º turno junto com Alckmin. Denúncia de que o PT utilizou verba pública para campanha do 2º turno. Clodovil vence e tem o maior número de votos.

25 de outubro de 2006

"Não perguntei nem perguntarei (a origem do 1,7 milhão de reais pego com petista para a compra do dossiê fajuto)".

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista ao jornal O Globo, em 12 de outubro.

Lula é entrevistado pelo jornal O Globo sobre o dossiê de 1,7 milhão para campanha do 2º turno.

"Eu vou acabar é com a Mentirobras".

Geraldo Alckmin, candidato tucano à cadeira de Lula, desmentindo que vá privatizar a Petrobras.

"Eu não sou contra a privatização da Petrobras."

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, em entrevista à rádio CBN.

"Eu não, sou contra a privatização da Petrobras."

Fernando Henrique Cardoso, corrigindo a frase.

Alckmin sofre críticas, ao dizer que privatizará a Petrobras, caso seja eleito.

"A Lu tinha uma butiquezinha lá em Pinda para ganhar um dinheirinho".

Geraldo Alckmin, dizendo que a mulher nunca recebeu dinheiro público.

Alckmin é criticado em sua campanha, quando a mídia relembra a denúncia de que a esposa do candidato comprava roupa com dinheiro público.

Em resumo: Lula é entrevistado pelo jornal O Globo sobre o dossiê de 1,7 milhões para campanha do 2º turno. Alckmin sofre críticas, ao dizer que privatizará a Petrobras, caso seja eleito. Alckmin é criticado em sua campanha, quando a mídia relembra a denúncia de que a esposa do candidato comprava roupa com dinheiro público.

08 de novembro de 2006

"Vou chamar todo mundo para conversar, e quem não quiser vai ter de se explicar".

Luiz Inácio Lula da Silva, intimando a oposição a negociar com o governo.

"Nós não vamos atravessar a rua. A nossa trincheira é o Congresso Nacional. O governo poderá conversar sobre projetos por intermédio de seus líderes no Congresso".

Jorge Bornhausen, presidente do PFL, respondendo ao convite de Lula para que a oposição vá conversar com ele no Palácio.

Lula vence no 2º turno e é reeleito para a Presidência da República. Apresenta-se na mídia, convocando os políticos para uma reunião.

"Vamos chamar a coisa pelo que é: está ocorrendo um apagão da aviação civil no Brasil. E a culpa é inteiramente do governo federal, que controla e regula o setor".

Carlos Alberto Sardenberg, jornalista.

Apagão aéreo no momento de reeleição do Lula. A mídia "sacrifica" Lula.

Em resumo: Lula vence no 2º turno e é reeleito para a Presidência da República. Apresenta-se na mídia, convocando os políticos para uma reunião. Apagão aéreo no momento de reeleição do Lula.

3.2.c.a. Fatos noticiosos que compõem a seção

"Veja essa"

Listam-se abaixo os fatos noticiosos que compõem a narrativa desde o "mensalão" até a reeleição de Lula no 2º turno, em 2006, resumidos da análise anteriormente apresentada.

13 de julho de 2005

Veja avalia negativamente o PT, informando ao leitor sobre o porquê de se fazer a denúncia contra o partido: José Genoíno e Delúbio Soares são indiciados em formação de quadrilha na simulação de empréstimos feitos por Marcos Valério e por funcionários do PT.

20 de julho de 2005

A renúncia de José Genoíno e o dinheiro encontrado na cueca do ex-assessor petista: o então presidente do PT renuncia ao cargo após denúncia contra ele mesmo, e o dinheiro transportado na cueca e em uma mala pelo ex-assessor parlamentar petista José Adalberto Vieira da Silva era propina proveniente de um contrato de financiamento em investigação, de R\$ 300 milhões.

27 de julho de 2005

PT tem dívida com Marcos Valério; Lula continua a negar que tem conhecimento acerca das denúncias de corrupção; uso de caixa dois pelo PT em campanha eleitoral: PT é acusado de possuir caixa 2 devido à dívida feita com Marcos Valério pelos empréstimos concedidos pelo publicitário.

03 de agosto de 2005

Desejo pelo *impeachment* de Lula, assim como aconteceu com Collor, ex-presidente, em 1992; aberturas de CPI (dos correios) contra as denúncias do PT; notícia inusitada do faxineiro que encontrou dinheiro no banheiro do aeroporto e devolveu ao dono (metáfora construída para contrapor-se às atitudes do PT).

10 de agosto de 2005

A narrativa atualiza o leitor de que Lula possivelmente se recandidatará à Presidência; e as CPIs estão acontecendo (dos correios e do “mensalão”).

24 de agosto de 2005

Lula – avaliado negativamente (não sabe do que acontece em seu governo / desejo da sociedade pelo *impeachment*).

FHC – avaliado negativamente quando *Veja* afirma de modo indireto que o governo FHC não foi rastreado como o de Lula. Dentre as inúmeras acusações de corrupção que sofreu, merecem destaque as acusações de compra de parlamentares para aprovação da reeleição e de favorecimento de alguns grupos financeiros no processo de privatização de empresas estatais

07 de setembro de 2005

Depoimentos de CPIs (dos correios, do “mensalão”, dos bingos); a falta de preocupação de Lula; o medo de Fernando Henrique de uma possível investigação em seu governo; propina ofertada à oposição para apoiar o PT; Palocci é indiciado por participação no esquema de corrupção na Prefeitura de Ribeirão Preto.

14 de setembro de 2005

Severino Cavalcanti sofre denúncia de um esquema de pagamento de propina, o chamado “mensalinho”, que refere-se à autorização cedida ao empresário Sebastião Buani em instalar seus restaurantes nas dependências da casa parlamentar.

05 de outubro de 2005

As CPIs estão sendo feitas (dos correios, do “mensalão” e dos bingos), mas ninguém está sendo punido. José Dirceu denuncia o PT após ser demitido do cargo de ministro-chefe da Casa Civil em meio à crise política que surgiu após denúncias de corrupção nos Correios e em outras empresas estatais, vindas à tona após acusações do deputado Roberto Jefferson.

19 de outubro de 2005

Textos-reduzidos que remetem ao plebiscito sobre desarmamento, que serviu para “abafar” o caso do “mensalão”.

26 de outubro de 2005

O leitor é informado sobre a cassação de José Dirceu, as ações de corrupção do PT, e a transposição do Rio São Francisco. Este refere-se ao polêmico e antigo projeto de transposição de parte das águas do Rio São Francisco, no Brasil, nomeado pelo governo brasileiro como "Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional".

09 de novembro de 2005

Veja mostra-se acusando tanto o PT quanto a oposição, de modo a apontar que também deve haver corrupção nos outros partidos. E que Lula continua a fugir dos problemas de seu governo.

23 de novembro de 2005

Veja informa o leitor sobre a reeleição de Lula, e afirma, também, que tudo continua do mesmo jeito, ninguém sendo punido.

14 de dezembro de 2005

Denúncia de envolvimento do PT com a Coteminas sobre um suposto pagamento de R\$ 1 milhão que o PT teria efetuado à empresa, como parte de uma dívida de campanha de 2004.

21 de dezembro de 2005

Veja se mostra indiferente a Geraldo Alckmin.

11 de janeiro de 2006

Veja informa o leitor sobre o comportamento de Lula diante dos atos de corrupção; avalia negativamente José Serra; e afirma que as apurações das CPIs não resolverão o problema de corrupção.

25 de janeiro de 2006

Lula e José Dirceu ainda não foram questionados sobre os casos de corrupção; as CPIs continuam; discussão sobre o assassinato do prefeito de Santo André, em 2002, cujos suspeitos são políticos da oposição.

08 de fevereiro de 2006

Veja não dá destaque às críticas ao PT. Informa o leitor sobre outros assuntos que também são polêmicos: a candidatura de Geraldo Alckmin à Presidência, a Petrobras, e a menina jogada numa Lagoa de Belo Horizonte.

22 de fevereiro de 2006

Lula continua a se comportar como inocente, achando que seus aliados foram punidos sem necessidade; é lembrado o caso do ex-assessor da Casa Civil, que ganhou notoriedade após a divulgação de uma fita gravada pelo empresário e bicheiro Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira, quando na gravação Waldomiro Diniz aparece extorquindo-o para arrecadar fundos para a campanha eleitoral do Partido dos Trabalhadores e do Partido Socialista Brasileiro no Rio de Janeiro; Alckmin não está bem nas pesquisas de intenção de voto; o assassinato da freira americana no Xingu.

08 de março de 2006

Esta edição não privilegia a política, mas mantém a progressão temática, quanto às denúncias do PT e à eleição presidencial. Avalia negativamente o governo petista e Geraldo Alckmin como governador de S.Paulo.

22 de março de 2006

O leitor é atualizado acerca dos seguintes casos: dinheiro do Valerioduto; corrupção do Palocci; Geraldo Alckmin é avaliado como um “sem graça”.

05 de abril de 2006

Esta edição noticia a renúncia de Palocci devido às denúncias no governo em Ribeirão Preto, e avalia negativamente o presidente Lula, quando ele elogia Palocci.

19 de abril de 2006

O leitor é informado de que garotas de programa frequentavam a mansão em que Palocci agia corruptamente.

17 de maio de 2006

A narrativa conta fatos das entrevistas de Silvio Pereira acerca das acusações contra ele, que ficou nacionalmente conhecido quando de seu suposto envolvimento em escândalos de corrupção, sobretudo no saque, junto com os dirigentes petistas Delúbio Soares e Marcelo Sereno, de R\$ 4.932.467,12 das contas de Marcos Valério; Lula ainda é criticado, quando afirma que não sabe de nada; Garotinho faz greve de fome em protesto ao que denomina grande perseguição da "grande mídia", dos bancos e do sistema financeiro.

31 de maio de 2006

A narrativa atualiza o leitor sobre: a CPI das Ambulâncias (apuração sobre irregularidades nas compras de ambulâncias superfaturadas); Lula está bem nas intenções de voto; CPI dos Bingos (a atuação do ex-assessor da Casa Civil Waldomiro Diniz, flagrado em vídeo negociando propina com um empresário do ramo de jogos), caso PCC (facção criminosa – Primeiro Comando da Capital).

07 de junho de 2006

A narrativa relata: a oposição é contra a reeleição de Lula; depoimento de Roberto Jefferson; possível início de uma nova CPI, a dos Sanguessugas, cuja finalidade é concluir as investigações sobre o esquema de fraude em licitações para a compra de ambulâncias.

14 de junho de 2006

Veja denuncia uso de verba pública para campanha eleitoral e desqualifica Lula para a reeleição. A Copa do Mundo está acontecendo e uma entrevista feita com o jogador Ronaldo e o presidente Lula é recontextualizada por *Veja*, que os avalia negativamente.

21 de junho de 2006

A narrativa aponta Lula como vencedor de todos os escândalos contra o PT; Heloísa Helena é candidata à Presidência; Roberto Jefferson volta à mídia.

28 de junho de 2006

Lula paga publicidade para se promover e utiliza transporte público (avião, helicóptero, carro) para fazer campanha.

05 de julho de 2006

FHC critica Lula, que se qualifica com os trabalhos de seu (FHC) governo.
Palocci não é punido pelos atos de corrupção denunciados pelo caseiro.
Heloísa Helena é caricaturada como sem perfil para o cargo à Presidência. Ela recebe destaque na mídia, junto ao Lula e Alckmin.

12 de julho de 2006

A narrativa conta que o PT está sendo acusado por utilização de verba pública para a campanha de reeleição de Lula; Lula é questionado sobre o seu patrimônio, que aumentou muito durante a Presidência.

26 de julho de 2006

Denúncia de mais integrantes na Máfia das Ambulâncias; PT e PMDB juntam-se no controle dos Correios; Geraldo Alckmin é mais uma vez caricaturado como “santo”.

02 de agosto de 2006

PSDB é apoiado por Itamar Franco; Heloísa Helena é mais uma vez ridicularizada; FHC apoia Serra para a Presidência, embora Alckmin seja candidato.

16 de agosto de 2006

Máfia das Ambulâncias continua nos noticiários. Os casos “mensalão” e Sanguessugas já são tratados como se nada tivesse acontecido. A campanha eleitoral para a presidência começa a ser feita. Heloísa Helena mantém-se na mídia. Novamente FHC não apoia a candidatura de Geraldo Alckmin. Um dos projetos de Geraldo Alckmin é dar mais segurança à população, devido à repercussão do caso PCC.

23 de agosto de 2006

Lula segue fazendo seus discursos sempre se referindo à humilde vida na infância e à sua família. Lula não compareceu ao debate na TV Bandeirantes, porque, segundo *Veja*, não estava preparado. As investigações sobre a Máfia das Ambulâncias continuam. Enéas raspa a barba para a propaganda eleitoral.

30 de agosto de 2006

No programa eleitoral, Lula pretende não fazer críticas aos outros candidatos, para que sua candidatura à reeleição não seja questionada. A CPI dos Sanguessugas continua. Na propaganda eleitoral de Lula, vários destaques do PT renunciaram. A mídia noticia que Lula aplicou botox. Heloísa Helena enfrenta Lula.

06 de setembro de 2006

FHC passa a apoiar Geraldo Alckmin. Cristovam Buarque recebe espaço na mídia. Heloísa Helena continua com espaço na mídia, mas sempre ridicularizada. Lula faz campanha eleitoral. Políticos ainda são contra a reeleição de Lula, depois de tantas denúncias contra o PT.

13 de setembro de 2006

Alckmin e Lula animados com as pesquisas de voto. *Veja* ridiculariza ambos. Lula com grande chance de ser reeleito pelas pesquisas de voto. Heloísa Helena é mais uma vez ridicularizada. *Veja* ridiculariza os 3 candidatos: Lula, Alckmin e Heloísa Helena. O leitor passa a saber que Lula é um presidente conhecido por gostar de beber. Heloísa Helena seria a de atitudes exageradas. E Alckmin seria o candidato ruim nas pesquisas de voto.

20 de setembro de 2006

Lula faz campanha com discursos populares. A mídia ainda continua a criticar o PT, para desqualificar Lula para a reeleição. Fugindo do tema das eleições, *Veja* atualiza o leitor de que Michael Schumacher vai se aposentar da F1.

27 de setembro de 2006

Nova denúncia contra o PT em que a Polícia Federal descobriu a negociação de um dossiê político entre integrantes do PT e Luiz Antônio Vedoin, dono da empresa Planan e suposto chefe do esquema de desvio de dinheiro através de compra de ambulâncias. O dossiê que, segundo divulgado pela imprensa, seria uma encomenda da Executiva Nacional do PT, traria informações comprometedoras sobre candidatos do PSDB, entre eles José Serra (candidato ao governo de São Paulo). O intuito dos petistas seria usar o dossiê para prejudicar a candidatura de Serra em São Paulo (que venceria a eleição ainda no primeiro turno segundo as últimas pesquisas de opinião) e Geraldo Alckmin (candidato do PSDB à Presidência e principal adversário de Lula que é candidato do PT, primeiro colocado e grande favorito segundo as pesquisas).

04 de outubro de 2006

Até a mídia estrangeira faz críticas ao governo Lula. FHC novamente aparece na mídia, fazendo críticas a Lula. Cristovam Buarque aparece na mídia novamente. PSDB faz uma metáfora para criticar Lula: o Corinthians em destaque com um jogador argentino. FHC novamente critica Lula e sua campanha eleitoral, que, dizem, foi falsificada.

11 de outubro de 2006

Lula não ganha no 1º turno e passa para o 2º turno, juntamente com Alckmin. Denúncia de que o PT utilizou verba pública para campanha do 2º turno. Clodovil vence e tem o maior número de votos.

25 de outubro de 2006

Lula é entrevistado pelo jornal *O Globo* sobre o dossiê de 1,7 milhão para campanha do 2º turno. Alckmin sofre críticas ao dizer que privatizará a Petrobras, caso seja eleito. Alckmin é criticado em sua campanha, quando a mídia relembra a denúncia de que a esposa do candidato comprava roupa com dinheiro público.

08 de novembro de 2006

Lula vence o 2º turno e é reeleito para a Presidência da República. Ele apresenta-se para a mídia, convocando os políticos para uma reunião. Apagão aéreo no momento de reeleição do Lula.

3.2.c.b. Resultados

Na seção “Veja essa”, a narrativa constitui-se de acordo com o acontecimento no tempo, à luz das categorias semânticas Atualidade e Inusitado. Tem por objetivo atualizar o leitor, segundo o período analisado, sobretudo acerca dos acontecimentos das denúncias de corrupção do PT, a fim de construir a opinião do público-leitor de que Lula não poderia ser reeleito.

Averiguou-se que a narrativa procura seguir um sentido, entretanto, às vezes, necessita retomar fatos anteriores para que sentidos sejam construídos. Segundo Todorov (1969), essa ordem traduz-se pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra força, mas se constitui na tensão entre ambas.

3.3. Intertextos que ressemantizam para o público-leitor valores negativos/positivos, de forma a construir a opinião desse leitor

A construção de valores dá-se desde a seleção de segmentos até a escritura do comentário ou enunciado do jornalista de cada texto-reduzido. Cada enunciador é avaliado de acordo com a ideologia do Poder da revista *Veja*.

Segundo van Dijk (2000), a ideologia tem por objetivo unificar as práticas discursivas individuais de determinado grupo. Cada indivíduo possui crenças e, portanto, o monitoramento dos seus discursos serve para que desempenhem seus papéis de maneira parecida. Portanto, o Marco das Cognições Sociais é construído por um conjunto de representações sociocognitivas moldadas pela ideologia do grupo de Poder, isto é, transforma fatores sociais que são combinados com dimensões culturais da ideologia dominante.

A seguir, são apresentadas as análises de textos-reduzidos em que a construção de valores tanto positivos, quanto negativos é neles elaborada, a fim de induzir a opinião pública:

“Eu estou plenamente convencido de que o presidente Lula é um homem honesto e de que ele não tem nenhum envolvimento nesses escândalos”.

Paulo Maluf, deputado federal eleito (PP-SP), dando um abalizado atestado de honestidade ao presidente Lula.

(11 de outubro de 2006)

Há uma avaliação positiva para Lula: é caracterizado como “homem honesto”; não está envolvido em escândalos. Porém o enunciador é Paulo Maluf que, pelo implícito, isto é, o não-dito, possui avaliação negativa; todavia, pelo explícito, isto é, o dito, possui avaliação positiva.

Enquanto forma de conhecimento social tanto em São Paulo, quanto no resto do Brasil, devido à mídia, inclusive a revista *Veja*, Maluf é representado como corrupto, ladrão, perspicaz e mentiroso.

A relação entre Maluf (conhecimento social) e Lula, cancela o valor positivo atribuído a Maluf, e dá relevância ao valor negativo atribuído aos escândalos e aos depoimentos de Lula sobre eles. Essa relação é uma estratégia para se construir opinião negativa sobre Lula e seus companheiros, para o público-leitor (= Lula é tão corrupto quanto Maluf. Por essa razão, Maluf o defende).

O comentário que vem abaixo do texto-reduzido é relativo a uma opinião que se limita ao enunciador. Essa estratégia é de probabilidade social, ou seja, é prova da honestidade /desonestidade de quem fala.

“Com a experiência que tem de presidente da República, Collor vai certamente, se quiser, fazer um trabalho excepcional no Senado”.

O presidente Lula, falando de uma experiência que ele também tem.

(11 de outubro de 2006)

Há uma avaliação positiva para Collor. O fato de ser político experiente, tanto como prefeito de Maceió e governador de Alagoas, quanto como presidente, é avaliado como positivo para que conseguisse exercer outro mandato para o qual foi eleito atualmente, isto é, como senador de Alagoas. A estratégia do jornalista é citar no enunciado de Lula a palavra “experiência”, que avalia positivamente a experiência de Collor, todavia avalia negativamente aqueles que disseram que ele não estaria capacitado a exercer o cargo de senador.

Existe uma estratégia discursiva, a de ativar na Memória Social de Longo Prazo do leitor uma avaliação negativa - de roubo e corrupção -, quanto à experiência política de Collor nos seus diferentes cargos políticos. A avaliação positiva, para Collor exercer o cargo de senador é emitida por Lula que, no momento, está sendo avaliado pela opinião pública como um político desonesto e envolvido em escândalos.

O comentário abaixo do segmento é relativo a uma opinião que o jornalista emite a respeito do enunciador do segmento selecionado. O jornalista constrói estratégia de similitude com a experiência de Lula. No marco das cognições sociais extragrupais, Collor tem avaliação negativa e, por isso, sofreu o *impeachment*.

Para dialogar como o texto-reduzido anterior, tem-se:

“Entre todos os candidatos, entendo que Lula é o que melhor se adapta às necessidades e às circunstâncias do Brasil, tirando a crônica policial”.

Fernando Collor de Melo, ex-presidente cassado.

(11 de outubro de 2006)

A estratégia do jornalista é incorporar ao comentário a palavra “cassado”, o que emite valor negativo à Memória de Longo Prazo do leitor. Como a própria Revista insinua - implicitamente, portanto - um ex-presidente que já foi cassado não consegue convencer a sociedade de que Luiz

Inácio Lula da Silva tem perfil para a Presidência da República. A relação entre Collor e Lula cancela o valor positivo atribuído a Lula, na medida em que *Veja* explicita a experiência de Collor, para justificar o seu valor negativo. No comentário, o jornalista constrói estratégia de similitude com a experiência de Collor.

“Lula só não ganhou no primeiro turno porque isso é bom para o Brasil”.

José Alencar, vice-presidente da República, comemorando o crescimento de Alckmin.

(11 de outubro de 2006)

Esse texto-reduzido avalia Lula de modo negativo. Tendo em vista todo o aparato de corrupção com o qual Lula estava envolvido desde meados de 2005, e nada ainda ter sido solucionado (Lula sabia ou não sabia sobre o “mensalão”?), *Veja* avalia de tal maneira que o leitor repense em qual candidato deve votar no segundo turno: Lula ou Alckmin. A estratégia utilizada por *Veja* consiste em fazer com que o leitor lembre os diversos casos em que Lula e seus companheiros de governo foram denunciados por corrupção, isto é, fazer uso da Memória de Longo Prazo. Dizer “porque isso é bom para o Brasil”, remete o leitor às várias reportagens publicadas na *Veja*. Algumas delas são estas:

*A crise começa a erodir a imagem do presidente. Uma pesquisa da Ipsos-Opinion mostra que 55% dos brasileiros acreditam que **Lula** sabia da corrupção no governo. (13 de julho de 2005).*

***Genoíno** tenta explicar na TV por que mentiu ao dizer que Valério não era avalista do PT, mas não convence. Lula larga a crise para se encontrar com Bush na Escócia. As denúncias também corroem sua imagem internacional. (13 de julho de 2005).*

*Depois de dizer que sacava dinheiro vivo para comprar gado e negar que tinha avalizado empréstimos ao PT, **Valério** inventa uma história que lembra um dos piores momentos da era **Collor**. (20 de julho de 2005).*

(...) A punição, prevista no artigo 350 do Código Eleitoral, é de no máximo três anos de prisão, mas nem advogados com longa militância na área do direito eleitoral têm notícia de que alguém tenha ido para a cadeia por isso. (20 de julho de 2005).

*No olho do furacão, às vésperas de seu duelo com **Roberto Jefferson**, o ex-ministro **José Dirceu** manda recados ameaçadores, inclusive a Lula, para evitar que sua cabeça seja dada como prêmio à oposição. (03 de agosto de 2005).*

*EFEITO DOMINÓ NO PT - **Dirceu** tenta se livrar da responsabilidade pela crise que abala o PT e o governo, mas seus aliados no partido vão caindo um por um, todos fulminados pela provas de corrupção. No sentido horário: **Silvio Pereira** (acima), que caiu por ter recebido um jipe de um*

empresário; **Marcelo Sereno**, afastado da Casa Civil e da direção do partido; **Genóino**, enrolado com os dólares da cueca; e **Delúbio**, também homem de Lula. (03 de agosto de 2005).

*Documento em poder da CPI mostra que ajudante e amigo do ex-chefe da Casa Civil foi autorizado por **Marcos Valério** a sacar 50 000 reais no Rural. (03 de agosto de 2005).*

*Os fatos trataram de demonstrar que **Roberto Jefferson** não estava mentindo quando falou em mensalão, Delúbio, Valério... (03 de agosto de 2005).*

*As duas tiras nas cores verde e amarelo foram o símbolo das diretas já, da ascensão e depois da agonia de **Collor**. Agora elas voltam às ruas. O que **Lula** fará delas definirá sua presidência. (10 de agosto de 2005).*

Veja distorce o cargo político de José Alencar: sendo ele o vice de Lula, como poderia dizer tal enunciado? Comprova-se isso em:

O vice-presidente da República, José Alencar, também afirmou que Lula foi o "vitorioso", uma vez que foi o candidato com o maior número de votos.

"Faltaram alguns pontos percentuais, coisa de zero vírgula não sei o quê, para que ele tivesse ganho", disse Alencar, que completou: "Lula só não ganhou no primeiro turno porque isso é bom para o Brasil".

Mesmo com o discurso otimista, Alencar disse que nas últimas duas semanas Lula foi alvo de "maledicências". (<http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?cod=323727>).

Veja utiliza a palavra "comemorando" que, nesse contexto, tem avaliação positiva, isto é, a Revista comemora o crescimento eleitoral de Geraldo Alckmin e avalia de modo negativo o candidato Lula, tendo em vista todo o contexto de corrupção no qual seu partido está envolvido.

"Pode me chamar de chuchumacher."

Geraldo Alckmin, na charge de Bruno Liberati, do Jornal do Brasil.

(11 de outubro de 2006)

O neologismo "chuchumacher" dentro do contexto temático dessa edição de *Veja* agrega valor positivo à imagem de Alckmin. A construção desse neologismo vem de "chuchu" (apelido dado a Alckmin por ser considerado sem "gosto") + "chumacher" (derivação de Michael Schumacher, tetra campeão mundial de Fórmula 1). A estratégia de *Veja* é ativar na memória do leitor que a avaliação positiva dada a Geraldo Alckmin está crescendo tão rápido, como o piloto Michael Schumacher. Assim como Schumacher foi campeão mundial por várias vezes, Geraldo Alckmin também poderá

vencer as eleições. *Veja* satiriza o momento de “aceleração” no ibope de Geraldo Alckmin rumo à Presidência.

“Agora vão lá no Senado fotografar o ACM para ver como tá a cara dele”.

Do presidente Lula, provocando o senador baiano depois da vitória do petista Jaques Wagner para o governo da Bahia.

(11 de outubro de 2006)

A expressão “como tá a cara dele” avalia Lula como uma pessoa que não está adequada à sua posição social, ou seja, é avaliado negativamente. *Veja* cria a imagem de que Lula é pessoa sem educação, que não sabe referir-se a outras pessoas de modo educado. Na medida em que o partido dos Trabalhadores (PT) tem perdido prestígio na classe eleitoral, devido às denúncias de corrupção, Lula, em seu enunciado, parece tentar fazer avaliação positiva de seu partido, utilizando um candidato petista que venceu, como justificativa de que o povo brasileiro viu que seu partido não tem ligação com corrupção. A preposição “do”, no início do comentário, designa uma estratégia de *Veja*; “ver como tá a cara dele”, para a Revista, não é a cara de ACM e sim de Lula, tendo em vista que Lula não venceu no primeiro turno e que, no momento, disputa o cargo à Presidência com Geraldo Alckmin.

“É uma vergonha. A liberação ocorreu para que as empreiteiras dêem comissão às campanhas do PT”.

Antonio Carlos Magalhães, senador (PFL-BA), criticando a liberação pelo governo de 1,5 bilhões de reais do Orçamento às vésperas do segundo turno da eleição.

(11 de outubro de 2006)

A palavra “vergonha” avalia de modo negativo o comportamento do PT. A estratégia de *Veja* é mostrar para o leitor que, além de todas aquelas denúncias contra o PT, continuam surgindo outras denúncias. O texto abaixo, retirado do site da *Folha de S. Paulo*, denuncia:

Governo libera R\$ 1,5 bilhão no início do segundo turno

Leandra Peres

Folha de S. Paulo

Segundo Bernardo, o dinheiro que estava em caixa não foi usado para evitar o corte de gastos porque o governo já sabia que teria que liberar recursos para alguns ministérios agora. Apesar dos gastos, ele disse que não haverá redução no superávit primário: a meta continua em 4,25% do PIB.

Críticas

Senadores da oposição consideraram "eleitoreira" a decisão. Para Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) a medida devia ser proibida pelo TSE. "É uma vergonha. A liberação ocorreu para que as empreiteiras dêem comissão para as campanhas do PT", disse ele.

"Edição de medida provisória a essa altura do segundo turno no mínimo cheira mal. Que urgência é essa?", questionou o líder do PFL, senador José Agripino (RN).

Fonte: https://www.portalsof.planejamento.gov.br/portal/clipping/20061005_05

Veja cria um diálogo como um "bate-boca" entre ambos os políticos, Lula e ACM. Lula "provoca" ACM pela vitória de um petista e ACM responde com algo ligado a uma suposta corrupção do PT. Em "às vésperas do segundo turno das eleições", Veja deixa claro aonde quer chegar, fazendo avaliação negativa do governo Lula, isto é, de que pode continuar envolvido em corrupção.

"Não sou incauto como o presidente, que chegou ignorante ao poder e misturou álcool nisso tudo".

Clodovil, terceiro deputado federal mais votado em São Paulo.

(11 de outubro de 2006)

Palavras como "incauto" e "ignorante" avaliam Lula de modo negativo, bem como a expressão "misturou álcool". A estratégia de Veja é ativar a memória do leitor, de maneira que ele se lembre de que Lula está se comportando como uma pessoa ingênua (incauta) e ignorante, ou seja, que não possui bom nível de escolaridade para estar no cargo no qual se encontra. E, ainda, que Lula seja apreciador – exagerado - de bebidas, em "misturou álcool nisso tudo".

Citar um enunciado de Clodovil é objetivar sua ridicularização e, também, a da pessoa a quem ele se refere. Por se tratar de artista polêmico, com o termo "terceiro deputado federal mais votado" Veja quer dizer que, assim como Lula é incauto e ignorante, o povo brasileiro também o é, por ter votado em Clodovil.

"Eu não durmo com homem rico e ordinário. Eu vomito em cima".

Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência, falando na sabatina da Folha de S.Paulo sobre os rumores de que teria votado contra a cassação de Luiz Estevão, em 2000, por ter tido um affair com o ex-senador.

(13 de setembro de 2006)

O leitor tem construído em sua memória que Heloísa Helena é uma mulher lutadora, de personalidade atípica no meio político atual, isto é, de pensamentos revolucionários, e que nunca se envolveria em um escândalo. *Veja* desconstrói a imagem de Heloísa Helena como uma pessoa “correta”, na medida em que a relaciona com o fato de ter tido um envolvimento, em um “affair”.

“Resumo das eleições 2006: o Lula bebe, a Heloísa vomita e o Alckmin cai”.

Ciro Botelho, humorista e roteirista do *Show do Tom*, da Rede Record.

(13 de setembro de 2006)

Esse texto-reduzido relaciona-se ao anterior e avalia os três políticos em destaque no momento: Lula, Heloísa Helena e Alckmin. *Veja* avalia-os de modo a construir a imagem de que a política brasileira está em decadência, e de que não possui bons candidatos. Lula é avaliado de modo negativo, como um político que não tem postura para o cargo à Presidência; Heloísa Helena é alvo de uma imagem que a ridiculariza e que mostra nunca poder ser presidente da República; e Alckmin, como aquele com quem “nada acontece”.

Em síntese, a seção “Veja essa” constrói e desconstrói a imagem de políticos, para expressar a sua opinião e atrair leitores, a fim de comandar a opinião pública.

Essas análises indicam que os textos-reduzidos são estrategicamente escolhidos e publicados, guiados pelas categorias Poder, Controle e Acesso, de forma a construir a opinião pública segundo a ideologia do Poder. Os textos-reduzidos mantêm o conteúdo temático entre si, cada qual com a sua especificidade: ora pelos diálogos entre os enunciadores, ora pela construção desses diálogos entre enunciadores que não se relacionam, ora pela sequência de palavras que fazem parte de um mesmo campo lexical e semântico.

O discurso veiculado por *Veja* mostra que as três categorias analíticas – Sociedade, Cognição e Discurso – inter-relacionam-se. A sociedade possui um conhecimento prévio sobre a leitura que é feita, isto é, possui um conhecimento cognitivo pré-estabelecido que entra em contato com o discurso fundador, ideológico, do Poder enunciador, o que gera a formação da opinião pública. Isso quer dizer que o poder institucionalizado por *Veja* possui uma ideologia que tem repulsa a Lula. A Revista constrói a imagem do candidato de modo negativo, de maneira que o seu leitor perceba que ele não tem perfil para ser presidente da República. E, também, que a impunidade é algo inerente ao Brasil.

3.4. Estratégias utilizadas pelo redator da seção “Veja essa”, a fim de atrair o seu público-leitor

Como se pode verificar na fundamentação teórica, o risível parte da reformulação que o interlocutor precisa fazer, ao constatar irregularidade em sua interpretação, a partir de alguma inferência evidente.

Na seção “Veja essa”, foram constatados o riso e o escândalo como estratégias na construção da opinião do leitor de *Veja*. A Revista avalia toda a situação política brasileira de forma denunciadora, o que, muitas vezes, tende a causar o riso. *Veja* utiliza o escândalo a partir das denúncias do Mensalão para causar indignação em seus leitores, a fim de que a opinião de seu público-leitor seja reavaliada, se já foi construída, e construída, se ainda não o foi.

3.4.a. Cultura brasileira e memória social

Os escândalos financeiros envolvendo o PT abalaram a confiança quase absoluta que a população tinha acerca dos procedimentos éticos do partido e de suas lideranças. O caso do “mensalão”, além de todos os outros escândalos contra a reeleição de Lula, abalaram a confiança que o povo depositava no PT. Como constatado na narrativa construída na seção “Veja essa”, o envolvimento de ministros e políticos ligados ao governo deixou quase evidente o envolvimento de Lula nesses escândalos.

Tendo em vista o tema a que pertence o *corpus* analisado desta pesquisa, entendeu-se que seria importante conhecer a origem de termos que, criados pela mídia, passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas ao tratarem de política, uma vez que mexeram com a memória social.

Palavras como “mês”, que tinha em sua rede associativa anteriormente constituída “mensal” e “mensalidade”, sob a influência dos novos acontecimentos históricos tem suas redes de memória reformuladas. Assim, “mensalão” e seu oposto “mensalinho”, são introduzidos na memória social.

O termo “mensalão” é constituído pela falsa derivação com o morfema aumentativo “ÃO”, pois, segundo Silveira (1997), o grau tradicionalmente considerado pelos gramáticos como sufixo de formas derivadas é reconhecido pelos falantes nativos brasileiros como adjetivação por

caracterização; dessa forma, trata-se “ÃO” como caracterizador de grande quantidade, para o pagamento realizado por José Dirceu. O grau é opinativo, de forma a avaliar o poder do cargo ocupado pelo pagador, isto é, o termo designa os milhares de reais pagos a parlamentares, a fim de garantir apoio político aos projetos do presidente Lula. O aumentativo pretende exprimir uma interjeição de espanto, de tão grande a mesada, o grau do substantivo não daria conta, semanticamente, do espanto causado pela descoberta da rede de corrupção.

No que se refere a Severino, o pagamento foi designado “mensalinho”. A palavra “mensalinho” é criada com valor negativo e atribuída ao recebimento de um pagamento de quantia menor em relação ao “mensalão”. O grau caracteriza grande/pequena quantidade paga, e surgiu por uma intenção jocosa, como parte de uma piada criada pelo povo, para referir-se a pequenas vantagens que funcionários públicos recebem do governo, como, por exemplo, o vale alimentação e o vale transporte.

A formação dessas palavras enunciadas para manifestar a corrupção do governo Lula produz o riso e o escândalo, pois quebra a expectativa do leitor, e tem por objetivo aliviar a carga emocional criada pela descoberta do esquema corrupto, “carnavalizando” a situação catastrófica.

Outros fatos noticiosos são construídos em língua, para denunciar a corrupção, recorrendo-se à estratégia de ressemantização lexical para as palavras enunciadas, como, por exemplo, o escoamento do dinheiro brasileiro para outros países. Desse modo, tudo indica que todos os acontecimentos serviram para uma campanha contra a reeleição de Lula ao segundo mandato.

A palavra “reeleição” deriva da formação do prefixo “re” acrescido à palavra “eleição”, cujo significado é a possibilidade de eleição de um mandatário para ocupar o mesmo cargo que já ocupa por um mandato consecutivo e renovado. A reeleição é fenômeno típico da forma de governo republicana e especialmente relevante naquelas que seguem o sistema presidencialista de governo. A reeleição só acontece em casos de mandatos consecutivos.

No Brasil, em determinados cargos políticos, costuma o atual governante ser reeleito por ser uma sociedade conservadora que prefere manter o que já conhece, embora com problemas, a trocar por um que desconhece. Portanto, subentende-se que toda a criatividade lexical analisada neste item serviu para uma campanha contra a reeleição de Lula à Presidência. E a sua reeleição confirmou a atitude cultural do brasileiro em reeleger o atual governante, além de confirmar o prestígio que Lula possui na maior parte do Brasil. Isso demonstra que o risível e o escândalo como práticas sociais denunciadoras não comovem essencialmente o brasileiro para a mudança de opinião.

3.4.b. O risível

À luz da Fundamentação Teórica, o riso origina-se da quebra de expectativa, na ruptura de padrões pré-estabelecidos, isto é, o resultado da experiência de se viver algo que não se enquadra nos padrões esperados, no mundo organizado em que vivemos.

Do ponto de vista da Análise Crítica do Discurso, no Marco das Cognições Sociais, o leitor tem por expectativa que o jornalista informe-lhe algo, tendo em vista suas (do leitor) crenças e valores. Entretanto, pode haver uma ruptura com essa expectativa, isto é, uma notícia que fuja do senso comum ou dos valores ideológicos desse leitor, provocando o riso.

A seguir, são apresentadas as análises mais relevantes, tendo em vista a repetição dos resultados obtidos:

“Lula é como o Corinthians. O povo gosta até com argentino jogando”.

Cláudio Lembo, governador paulista, no Painel da Folha de S. Paulo.

(04 de outubro de 2006)

Neste texto-reduzido, o jornalista, seguindo a ideologia da revista *Veja*, que é procurar avaliar de maneira negativa a possível reeleição de Lula à Presidência, seleciona a metáfora construída por Cláudio Lembo, ao se referir a Lula.

O leitor necessita ativar a Memória de Longo Prazo, a fim de fazer a interpretação dessa metáfora: primeiramente, Lula é corinthiano e o Corinthians é um time de futebol muito popular que, naquele momento, possuía um jogador argentino como grande destaque do time. Essa metáfora, a fim de caracterizar Lula como “popular”, constrói a interpretação de que o povo brasileiro, apesar de todo o escândalo político em que o PT esteve envolvido, continua a prestigiar Lula. E o riso se dá por essa metáfora, na medida em que o leitor não espera que o povo brasileiro esteja feliz com a existência de um argentino no time do Corinthians, ou seja, há a quebra de expectativa do leitor, quanto aos seus conhecimentos armazenados na Memória de Longo Prazo, de que o brasileiro não gosta de argentino.

“O Geraldo chegou até onde chegou por méritos próprios. Não teve ajuda de ninguém. Nem minha”.

Cláudio Lembo, governador de São Paulo, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo.

(08 de novembro de 2006)

Importante destacar que Claudio Lembo nunca conseguiu ter carisma para que a imprensa pudesse ajudá-lo em sua carreira política. Isso pode justificar o fato de o editor ter selecionado esse fragmento que avalia negativamente o então governador de São Paulo, demonstrando que ele não ajudou seu colega de partido, Geraldo Alckmin, a se eleger como presidente da República.

A leitura da frase, separada por ponto final – “Nem minha” – obriga o leitor a reconstruir a sua opinião a respeito de Cláudio Lembo, o que causa o riso, pela quebra de expectativa do leitor, pois dizer que “não teve ajuda de ninguém” e destacar que nem a dele também gera a surpresa na interpretação do leitor, tendo em vista seus conhecimentos de que Cláudio Lembo e Geraldo Alckmin fizeram parte da mesma equipe de governo do estado de São Paulo e, portanto, era de se esperar que Cláudio Lembo fosse apoiar Geraldo Alckmin.

“Peguei o país desarranjado e arrumei a casa”.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, orgulhoso de si.

(5 de julho de 2006)

Nesse texto-reduzido, *Veja* ironiza o enunciado de Lula, na medida em que ele se elogia em um momento de grande repercussão sobre as denúncias contra seu governo. O riso se dá quando “orgulhoso de si” contrapõe-se a “arrumei a casa”, e expõe diretamente a crítica de *Veja*. O leitor se dá conta da intromissão do discurso de *Veja* na construção da opinião pública. Portanto, a ironia que avalia negativamente o presidente Lula faz o leitor rir e reformular seus conceitos acerca da revista *Veja*, caso ele se incomode com sua intromissão explícita, bem como reformular seus conceitos acerca de Lula.

“Minha mãe era pobre, mas era limpa”.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente e candidato à reeleição, dizendo que, como sua mãe, seu governo não empurra sujeira para debaixo do tapete.

(23 de agosto de 2006)

Lula costuma relatar, nos discursos, fatos de sua vida, sobretudo sobre a mãe. Esse enunciado caracteriza bem o Lula que o povo brasileiro conhece, na medida em que ele transforma em motivo de orgulho toda aquela pobreza em que viveu. *Veja* ironiza esse seu comportamento, metaforizando sua vida pessoal com o seu governo, e o riso se dá nessa construção discursiva em que “seu governo não empurra sujeira para debaixo do tapete” é equivalente à mãe de Lula que “era pobre, mas era limpa” também.

3.4.c. O escândalo

O escândalo ocorre com notícias políticas quando o que é noticiado rompe com os valores dos marcos de cognição dos leitores, pois rompe com a moral e com a ética.

Veja abaixo os textos-reduzidos analisados, que foram selecionados para apresentação:

“O momento é estarrecedor. Se filmarem Lula com máscara, invadindo um banco para roubá-lo, vão dizer que ele queria roubar para dar aos pobres”.

Pedro Simon, senador (PMDB-RS), sobre a preferência esmagadora do eleitorado pelo candidato Lula, mesmo depois de tanto escândalo em seu governo.

(13 de setembro de 2006)

Nesse texto-reduzido, o leitor tem por pressuposto - senso comum - que, uma vez que Lula é presidente da República, ele deve estar a par de tudo o que acontece em seu governo. Na medida em que ele afirmou durante todos os meses - desde as primeiras denúncias do “mensalão” até a sua reeleição – que não sabia de nada, conseqüentemente o eleitor não aprovaria seu novo mandato. Mesmo assim, Lula foi reeleito e, a partir disso, surge o escândalo, que se soma pelo rompimento dos valores de senso comum mais a atitude de *Veja*, ao construir esse texto-reduzido que estimula a opinião pública.

“Democracia não é só coisa limpa, não”.

*O candidato **Lula**, durante comício do candidato petista ao governo de Pernambuco, o ex-ministro Humberto Costa, indiciado pela Polícia Federal por envolvimento no escândalo dos Sanguessugas.*

(13 de setembro de 2006)

Esse texto-reduzido retoma as denúncias do partido de Lula, o PT, e o texto-reduzido anteriormente analisado. O leitor tem por conhecimento que democracia deve ser um sistema justo e igualitário, entretanto, a mídia mostrou que o PT tem agido de modo que vai contra esse sistema. Portanto, o escândalo é criado.

“Lula anda confuso. Acha que fala a linguagem do povo. Fala o dialeto dos cortiços. E se vai rendendo ao manual de etiqueta dos boçais”.

Augusto Nunes, *colunista do Jornal do Brasil, comentando o livro Viagens com o Presidente, em que Lula diz palavrões, xinga presidentes de países vizinhos e destrata funcionários subalternos.*

(13 de setembro de 2006)

Tem-se por senso comum que, para o cargo à presidência da República, faz-se necessário um perfil adequado. Uma pessoa que se comporta como Lula, da maneira como o jornalista diz em seu comentário, estaria no lugar errado. Portanto, *Veja* quer causar o escândalo, publicando notícia que vai contra o senso comum.

3.4.d. Resultados

Os comentários contextualizam os enunciados, sobretudo com escolhas lexicais de valores semânticos negativos, a fim de avaliar o presidente Lula, se ele é realmente adequado a reocupar o cargo como presidente da República, em sua candidatura à reeleição.

A imagem do presidente Lula é destruída do ponto de vista político, a fim de que se construa o escândalo, a partir de todas as ocorrências de denúncias desde o “mensalão” até a sua recandidatura. A insistência de *Veja* diante da imagem negativa de Lula é, de certo modo, exagerada e, portanto, apelativa.

Em todo segmento, sobretudo naqueles em que os enunciados tratam da construção da imagem acerca da política brasileira enquanto prática abusiva do poder constitucional, o escândalo é prática ideológica. A imagem de Lula é destruída, isto é, o poder simbólico é, por várias vezes, participante dessa ação para a construção da opinião do público-leitor de que Lula não deveria ser reeleito.

De modo a retomar estudos de Thompson (2002), o escândalo caracteriza-se pelo livre-arbítrio de poder agir da maneira como se deseja, além de que toda prática social pressupõe uma prática do poder. Portanto, na medida em que a revista *Veja* é a de maior circulação no país, entende-se que tem uma prática social que interessa, sobretudo, aos políticos e, contudo, pretende uma formação da opinião pública de acordo com seus interesses: avaliar positiva ou negativamente determinado político.

A seção “Veja essa”, a partir das análises apresentadas, objetiva construir a opinião pública pelo riso e pelo escândalo, a partir da seleção de enunciados ora lúdicos, o que se dá pela intertextualidade; ora pela criação de diálogos; ora pela publicação de enunciados que têm valor léxico-semântico que agridem o senso comum.

Em síntese, a seção “Veja essa” apresenta os acontecimentos políticos por meio do riso e do escândalo, a fim de construir a opinião pública. Os textos-reduzidos, portanto, dependem da interpretação do leitor: da ativação de conhecimentos armazenados na Memória de Longo Prazo, que envolvem suas crenças, valores, ideologia, e que podem ser reformulados a partir das implícitas ou explícitas intenções – ideológicas – da revista *Veja*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta dissertação, são revistos os objetivos que a orientaram.

O objetivo geral é contribuir com os estudos enunciativos direcionados à caracterização de gêneros textuais. Acredita-se que esse objetivo tenha sido cumprido, na medida em que os textos analisados da seção “Veja essa” seguem sempre a mesma orientação enunciativa, ou seja, o entrelaçar de segmentos recortados de textos de notícia com a opinião jornalística.

Os objetivos específicos são:

1) Examinar a organização textual dos textos-reduzidos que compõem a página da seção “Veja essa”:

Verifica-se que esse objetivo foi atingido, pois averiguaram-se as características quanto à organização textual dos textos-reduzidos: os textos-base não têm uma origem referenciada da qual *Veja* seleciona os intertextos; os possíveis textos-base participam da construção final do texto segmentado e do enunciado do jornalista ou comentário, através de paráfrases e por meio de léxicos que possuem carga semântica avaliativa, como os verbos; o discurso direto é o mais utilizado pelo jornalista responsável pela seção “Veja essa”, de modo que *Veja* possa se ocultar, dando opinião acerca do tema em destaque; os comentários do jornalista são, em sua maioria, de tipo avaliativo, contextualizador e incompleto.

2) Verificar a relação estabelecida pelo jornalista entre diferentes textos-reduzidos de uma mesma seção e de seções diferentes, dependendo do que está sendo noticiado:

Verifica-se, também, que esse objetivo foi atingido, pois averiguou-se que existe uma preocupação com a progressão temática, a fim de se “costurar” os segmentos selecionados pelo Poder da revista *Veja*. Entretanto, não é sempre possível observar a progressão temática entre todos os segmentos, às vezes somente por algumas seleções lexicais ou pelos enunciadores. O tema “corrupção/mensalão/PT” é prioridade de *Veja* durante o período analisado.

A intertextualidade é um importante critério que *Veja* utiliza para a seleção de segmentos na composição da seção “Veja essa”, na medida em que é uma das características principais da linguagem política. Desse modo, a seção é caracterizada como lúdica, por ser construída pela intertextualidade, ora pela criação de diálogos, ora pela publicação de segmentos de valor léxico-semântico que agridem o senso comum.

A narrativa criada pela segmentação dos textos-reduzidos constitui-se de acordo com o acontecimento no tempo, à luz das categorias semânticas Atualidade e Inusitado, e procura seguir

uma linearidade, entretanto, às vezes, necessita retomar fatos anteriores para que sentidos sejam construídos. Constatou-se que os fatos noticiosos objetivavam contra a reeleição de Lula.

Averiguou-se também que a Abril faz uso da seção “Veja essa” para propaganda e marketing de produtos da própria Editora e de produtos pagos, como novelas da Rede Globo, por exemplo.

3) Resgatar intertextos que ressemantizam para o público-leitor valores negativos/positivos, de forma a construir a opinião do leitor:

Esse objetivo foi cumprido também, na medida em que se constatou que, na seção “Veja essa”, constrói-se e desconstrói-se a imagem de políticos, para expressar a opinião de *Veja* e atrair seus leitores para o seu ponto de vista.

Os resultados das análises indicam que os textos-reduzidos são estrategicamente escolhidos e publicados, guiados pelas categorias Poder, Controle e Acesso, de forma a construir a opinião pública segundo a ideologia do Poder. Os textos-reduzidos mantêm o conteúdo temático entre si, cada qual com a sua especificidade: ora pelos diálogos entre os enunciadores, ora pela construção desses diálogos que não se relacionam, ora pela sequência de palavras que fazem parte de um mesmo campo léxico-semântico.

4) Analisar as estratégias utilizadas pelo redator da seção “Veja essa” a fim de atrair o seu público-leitor:

Esse último objetivo também foi cumprido, pois constatou-se que tanto o riso, quanto o escândalo fazem parte da estratégia de *Veja*, na seção “Veja essa”, para atrair leitores. O riso implica a quebra de expectativa do leitor, e o escândalo implica as ações ou acontecimentos privados que, ao se tornarem públicos, transgridem ou contradizem valores, normas ou códigos morais, conhecidos pelos leitores. Portanto, os resultados indicam que os textos-reduzidos dependem da interpretação do leitor: da ativação de seus conhecimentos armazenados na Memória de Longo Prazo, que envolvem suas crenças e valores.

Quanto ao **problema** - examinar de que forma o jornalista transforma a anterior seção “Frases da semana” ou “Frases do dia” em uma seção opinativa, entremeada por estratégias de causar o riso no leitor -, sua resolução propiciou que se entendesse que a categoria Atualidade é orientadora da seleção de fatos noticiosos que, na linha do tempo, organizam as notícias por: tempo anterior à reeleição/tempo posterior = resultado da reeleição.

No tempo anterior, a seção “Veja essa” segmenta para seus textos-reduzidos uma série de enunciados já publicados em notícia. Os fatos selecionados são relativos à denúncia de corrupção do 1º governo Lula, de forma a privilegiar o “mensalão”, que se trata de pagamento mensal executado por José Dirceu para compra de votos a favor de projetos de interesse do governo Lula.

Além de estratégias enunciativas, ocorrem também estratégias cognitivas que constroem a notícia como escândalo. O escândalo foi entendido como o rompimento de valores dos marcos de cognição dos leitores, pois rompe com a moral e com a ética. Logo, os leitores, ao ativarem seus conhecimentos enciclopédicos, produzirão neles sua relevância (c.f. Sperberg & Wilson, 1986) pela entrada de uma informação nova que é incompatível com o contexto cognitivo construído. A relevância é a estratégia da construção do escândalo e, ao ser reconhecida pelo interlocutor, produz nele o riso.

No tempo posterior, isto é, a reeleição do presidente Lula, a seleção dos segmentos é relativa às promessas feitas na campanha (= mudança) de todas as ordens que são noticiadas por atitudes conservadoras que denunciam a não mudança. Nesse sentido, o jornalista transforma o discurso *citado/relatado* em argumentos de legitimidade por meio do que já é de conhecimento do leitor, e o *de reforço*, pela repetição da opinião da revista jornalística *Veja*.

É interessante considerar, no término dessa pesquisa, que o risível, característica prioritária dos textos-reduzidos enunciados na seção “Veja essa”, decorre de uma ruptura com o dito, na medida em que este contém implícitos culturais do brasileiro. Em outros termos, desde as raízes históricas da formação dos grupos sociais brasileiros, a política do estado é construída por promessas de mudanças que atraem o eleitor e seguidas de atitudes conservadoras em que nenhuma mudança ocorre. O risível é produzido, portanto, quando se enuncia uma mudança, pois cada mudança proposta contém implicitamente a conservação do que já existia e, logo, a ruptura.

Em síntese, os fatos noticiosos são construídos como escândalo, pois rompem com conhecimentos enciclopédicos dos leitores, principalmente no que se refere à moral, como por exemplo, à denúncia de corrupção. O risível decorre da ativação de outros conhecimentos que explicitam os implícitos contidos nos itens enunciados.

Tem-se por **hipótese** que as categorias semânticas da notícia - Atualidade e Inusitado (cf. GUIMARÃES, 1999) - orientam a seleção de segmentos para a construção dos textos-reduzidos, de forma a reconstruir e ressemantizar o eixo narrativo de um fato noticioso, construindo o riso e o escândalo para o leitor, na medida em que quebra a sua expectativa, a partir do que já sabia.

A hipótese orientadora da dissertação mostrou-se adequada, pois a categoria Atualidade orienta a seleção de notícias que estão acontecendo no momento, para delas selecionar segmentos que serão entrelaçados nos textos-reduzidos, na seção “Veja essa”. A categoria Inusitado orienta a seleção de segmentos incompatíveis ou contraditórios, para tecerem um mesmo texto - por exemplo,: o Lula elogiar o senador Collor, a partir do já sabido pelos leitores que, em um sistema de proposição do PT, o Collor não pode estar presente. Essas notícias são relativas a antes/até à reeleição do presidente Lula. Logo, tanto a categoria Atualidade quanto a categoria Inusitado orientam a seleção

de segmentos, de forma a reconstruí-los textualmente por ressemantização, que produz o riso pela construção do escândalo e/ou pela construção enunciativa.

Esta dissertação buscou responder à seguinte questão: o risível é o fio condutor que constrói cada texto-reduzido e sua intertextualização com os demais textos-reduzidos da mesma seção ou de seções diferentes?

Os resultados obtidos indicam que não é apenas o risível que constrói, como fio condutor, cada texto-reduzido e sua intertextualização, mas também o escândalo. Em ambos os casos, a construção opinativa pode ser definida como: orientar o leitor a ativar conhecimentos armazenados em sua Memória de Longo Prazo Social (sistema da língua, sistema enciclopédico e sistema interacional). Esses conhecimentos constroem um contexto cognitivo que propiciará ao leitor fazer inferências e a explicitar implícitos. Ao se selecionar uma informação não prevista, é produzida uma relevância no contexto cognitivo do leitor, seja por incompatibilidade, seja por contradição. Dessa forma, o inesperado obriga o leitor a reformular seu contexto. Dependendo do grau de relevância, a intensidade do risível varia. Por isso a importância da Análise Crítica do Discurso, pois permite esse reconhecimento da relevância de o social guiar o individual e este modificar o social, por meio de denúncias acerca do domínio da mente das pessoas pelos discursos institucionalizados.

O trabalho realizado nesta dissertação não se quer conclusivo. Trata-se de encerramento de um projeto que abre perspectivas para novas investigações relativas ao tratamento dos textos que compõem a seção “Veja essa” e sua intertextualização com textos da mesma seção e com textos de outras seções como um gênero textual, devido a sua construção enunciativa específica. Também produzirá novas investigações com o tema da produção do risível, de forma a examinar quais estratégias opinativas produzem a comicidade como texto humorístico; e também produzirá projetos relativos às estratégias de construção do escândalo, pois os resultados obtidos indicam que um tratamento mais específico da categoria Inusitado propiciaria melhor exame da construção de notícias pelo/do escândalo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTARDO, Salvatore. *Linguistic theories of humor*. Mouton de Gruyter. Berlin. NY.1994.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Ed. Martins Fontes. SP. 1992.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Edunb. Brasília. 1996.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem: discursos e ciência*. Ed. Moderna. SP. 1998.

BEAUGRANDE, Robert de. & DRESSLER, Wolfgang U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. Tradução inglesa: *Introduction to Textlinguistics*. Longman. London, 1981.

BERGSON, Henri. *O riso – ensaio sobre a Significação da Comichade*. Ed. Martins Fontes. SP. 2001.

DIJK, Teun A. Van. *Racismo y analisis critico de los medios*. Barcelona: Paidos Comunicación, 1997.

_____. *Discourse as Social Interaction*. Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction Vol. 2. Sage Publications. London: Thousand Oaks, New Delhi, 1997.

_____. *La ciencia del texto: Un enfoque interdisciplinario*. Ediciones Paidós. Barcelona-Buenos Aires. 1978.

_____ & KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

FAIRCLOUGH, Norman e WODAK, Ruth. “Análisis crítico del discurso”. *El discurso como interacción social*. Org. Teun A. van Dijk. Ed. Gredisa, 2000.

FRANÇA, Maria Teresa Rego de. *A construção linguística do riso nas crônicas de José Simão*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. USP. 2006.

GUIMARÃES, Doroti Maroldi. *A organização textual: bastidores da notícia*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. PUC/SP. 1999.

HEINEMANN, Wolfgang e VIEHWEGER, D. *Textlinguistik: eine Einführung*. Tübingen: Niemeyer. 1991.

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª edição. Ed. Cortez. 2002.

_____. *A coerência textual*. 16ª Ed. Ed. Contexto. SP. 2004.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. Matins Fontes. SP. 2006.

KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Edições 70. Lisboa, Portugal. 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Mercado das Letras. Campinas, SP. 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Ed. Pontes. 2ª Ed. Campinas, SP. 1993.

_____. *Análises de textos de comunicação*. 2ª edição. Trad. C. P. de Souza-e-Silva, D. Rocha. Ed. Cortez. SP. 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais – definição e funcionalidade*. In: DIONIZIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros Textuais e ensino*. Ed. Lucerna. RJ. 2002.

MARSHALL, L. *O jornalismo na era da publicidade*. Summus. São Paulo. 2003.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana insdustrial*. Ed. Summus. SP. 1988.

MENDES, Lilian de Oliveira. *A leitura de metáforas como evento social: a construção de sentidos em crônica de Arnaldo Jabor*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUC/SP. 2007.

MORATO, Edwiges M. *(In)determinação e subjetividade na linguagem dos afásicos: a inclinação antirreferencialista dos processos enunciativos*. Caderno de Estudos Linguísticos, 41: Questões de Referenciação. Campinas: IEL/Unicamp, 2001, PP.55-74.

OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. *A infografia – um estudo da organização discursiva em Língua Portuguesa de um novo gênero jornalístico*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUC/SP. 2003.

PAULA, Deborah Gomes de. *Estratégias sociointeracionais na construção da notícia jornalística*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUC/SP. 2008.

PÊCHEUZ, M. *Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours*, in Mots, Press de La Fondation nationale des sciences poltiques, no. 9, out., 1984.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *“Frase”: caracterização do gênero e aplicação pedagógica*. In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Ed. Lucerna. Rio de Janeiro. RJ. 2005.

PROPP, Wladimir. *Comicidade e riso*. Ed. Ática. SP. 1992.

SELLAN, Aparecida Regina Borges. *Cognição, discurso e sociedade: aspectos da identidade cultural do paulista e os descaminhos da revolução de 1932*. Tese de Doutorado. Programa de estudos pós-graduados em Língua Portuguesa. PUC/SP. 2001.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. *Português para estrangeiros: enfoque interculturalista para o ensino e a questão teórica das identidades idiomática e cultural do brasileiro*. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. Educ. SP. 2002.

_____. *Opinião, marco de cognições sociais e identidade cultural do brasileiro: as crônicas nacionais*. In: JÚDICE N. *Português língua estrangeira: leitura, produção e avaliações de textos*. Niterói. RJ. 2000. Pag. 09-35.

_____. *Ensino de Língua Portuguesa para hispanoamericanos: leitura e léxico*. In: *Ensino de Português para estrangeiros*. EDUFF. Niterói. RJ. 1997.

_____. *A questão acentual em Língua Portuguesa: formas nominais derivadas por sufixação. Diversidade fonética no Brasil*. Org. de Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina, UEL. 1997.

SPENBER, Dan & WILSON, Deirdre. *La relevancia*. Tradução espanhola. Madri, Espanha. Editora Nisor. 1994.

THOMPSON, John B. *O escândalo político*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. RJ. 2002.

_____. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Ed. Vozes. RJ. 1999.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004. [1964-1969].

_____ et DUCROT, Oswald. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. Tradução: Alice Kyoko Miyashiro, J. Guinsburg, Mary Amazonas Leite de Barros e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001 [1972].

TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Uma introdução ao estudo do humor na linguística*. In: Revista DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. (pp. 55-82). Volume 6. EDUC. SP. 1990.

ANEXOS